



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
***CAMPUS* ERECHIM**
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR
EM CIÊNCIAS HUMANAS - PPGICH

MARCOS SARDÁ VIEIRA

CARTOGRAFIA DO ARMÁRIO EXPANDIDO:
DISCURSOS SOBRE MASCULINISMO, SIGILO HOMOERÓTICO E IDEOLOGIA
DE EXTREMA-DIREITA

ERECHIM

2024

MARCOS SARDÁ VIEIRA

**CARTOGRAFIA DO ARMÁRIO EXPANDIDO:
DISCURSOS SOBRE MASCULINISMO, SIGILO HOMOERÓTICO E
IDEOLOGIA DE EXTREMA-DIREITA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul, UFFS, na linha de pesquisa Sujeito e Linguagem, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas sob a orientação da Profa. Dra. Ivone Maria Mendes Silva.

ERECHIM

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL, *CAMPUS* ERECHIM.

ERS 135 - Km 72, número 200

99700970 - Erechim, RS - Brasil

Caixa-postal: 764

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Vieira, Marcos Sardá

Cartografia do Armário Expandido: discursos sobre masculinismo, sigilo homoerótico e ideologia de extrema-direita / Marcos Sardá Vieira. -- 2024.
162 f.:il.

Orientadora: Dra. Ivone Maria Mendes Silva

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Erechim, RS, 2024.

1. Masculinismo. 2. Sigilo homoerótico. 3. Cartografia. 4. HSH. 5. Diversidade sexual masculina. I. Silva, Ivone Maria Mendes, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).


MARCOS SARDÁ VIEIRA

CARTOGRAFIA DO ARMÁRIO EXPANDIDO: DISCURSOS SOBRE MASCULINISMO, SIGILO HOMOERÓTICO E IDEOLOGIA DE EXTREMA-DIREITA


Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) para a obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas, defendida em banca examinadora em 11 de dezembro de 2024.

Aprovada em 11/dezembro/2024.


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **IVONE MARIA MENDES DA SILVA**
Data: 18/01/2025 00:32:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Profa Dra Ivone Maria Mendes Silva - UFFS
Orientadora

Documento assinado digitalmente
 **ADRIANA RICHTER**
Data: 20/01/2025 16:49:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Profa Dra Adriana Richter - UFFS
Presidente da banca

Documento assinado digitalmente
 **PAULA VANESSA DE FARIA LINDO**
Data: 21/01/2025 15:08:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Profa Dra Paula Vanessa de Faria Lindo - UFFS
Membro titular interno

Documento assinado digitalmente
 **DOUGLAS SANTOS ALVES**
Data: 22/01/2025 17:37:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Douglas Santos Alves - UFFS
Membro titular externo

Documento assinado digitalmente
 **CARLOS FREDERICO BUSTAMANTE PONTES**
Data: 23/01/2025 14:26:43-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Carlos Frederico Bustamante Pontes - UFSJ
Membro titular externo

Documento assinado digitalmente
 **REGINALDO JOSE DE SOUZA**
Data: 23/01/2025 15:07:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Reginaldo José de Souza - UFFS
Membro suplente

Erechim, dezembro de 2024.

AGRADECIMENTOS

Às professoras, aos professores e servidores, atuantes no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul, pelas aulas, debates e orientações que muito auxiliaram no processo de realização deste mestrado.

Gratidão: à Profa. Dra. Ivone Maria Mendes Silva, pela orientação, amparo e contribuições durante as conversas que perpassaram esta pesquisa e muitos outros assuntos cativantes. Pela atenção e carinho da Profa. Dra. Adriana Richter ao presidir as bancas (de qualificação e defesa) e por sua disponibilidade gentil em tirar dúvidas como coordenadora do curso durante o período final do mestrado. Da mesma forma, à Profa. Dra. Paula Vanessa de Faria Lindo, ao Prof. Dr. Douglas Santos Alves, ao Prof. Dr. Carlos Frederico Bustamante Pontes e ao Prof. Dr. Reginaldo José de Souza, por aceitarem participar das bancas de qualificação e defesa final, com suas falas, contribuições referenciais e críticas construtivas para o aprimoramento desta dissertação.

A interação com outros discentes do mestrado também trouxe contribuições acadêmicas, conversas informais e entrosamento “interdisciplinar”, os quais foram um incentivo para participar ativamente dos encontros presenciais. Neste período de dois anos tive o privilégio de encontrar pessoas amáveis e divertidas, compartilhando atividades, encontros e refeições. Especialmente, junto aos/as colegas ingressantes da turma do segundo semestre de 2022, com os/as quais compartilhei momentos importantes nesta formação.

Falar com os interlocutores foi um grande desafio. Por isso, esta pesquisa não seria possível sem estas aberturas na comunicação proporcionada por estes homens, ao buscarem validar suas experiências íntimas, eróticas e intersubjetivas com outros homens, apesar dos sofrimentos e conflitos. Por fim, meu agradecimento especial aos três entrevistados, por concederem seus relatos de maneira tão gentil e colaborativa. Obrigado a todos pela confiança.

RESUMO

Esta dissertação interdisciplinar em Ciências Humanas refere-se ao campo de disputas, desejos e práticas sexuais masculinas sob a influência da retórica de ódio masculinista (misógina, homofóbica e racista) no contexto brasileiro e mundial de engajamento ideológico com a extrema-direita e o neoliberalismo. O objetivo é compreender possíveis negociações e contradições na vida de homens cisgêneros que fazem sexo com homens (HSH), em boa parte, mantendo-se suscetíveis às ideologias de recrudescimento moral e de retórica de ódio em relação às práticas homoeróticas e às subculturas LGBTQIAPN+. A metodologia é organizada a partir da cartografia, alinhando narrativas, discursos e desejos homoeróticos entre *gays*, bissexuais e heterossexuais. Este mapeamento inicia-se com [1] o referencial teórico e [2] a observação de fenômenos políticos e socioculturais da atualidade por meio de reportagens para, em seguida, aproximar-se de perfis de HSH da Região Sul brasileira, primeiramente, através de [3] aplicativos de relacionamento e redes digitais, [4] por conversas informais de interações relatadas em diário de campo e, finalizando [5], com três entrevistas semiestruturadas. A cartografia procura destacar aspectos interseccionais entre gênero, sexualidades, raça e classe social a serem discursivamente analisados. Por meio desta organização questiona-se a imposição de valores masculinistas pelo contraste cognitivo de apreensão das diferenças na legitimação da condição binária entre gêneros e sexualidades. Como resultado, considera-se que esta interpretação dicotômica sob a influência da retórica do ódio e da homofobia permanece influente na hierarquia de valores das relações homoeróticas entre homens cisgêneros. Ao mesmo tempo, observam-se vínculos de afinidades, amizades e alianças intersubjetivas influenciadas por experiências de afetos e aproximações íntimas a partir das subculturas *gay* e bissexual. Estas intimidades exploram as sensibilidades de experiências homoeróticas entre homens cisgêneros ao suplantarem novas articulações dialógicas e prazeres comuns, potencializando a conciliação de conflitos subjetivos e ideológicos dentro e fora do armário expandido.

Palavras-chave: Masculinismo. Sigilo homoerótico. Cartografia. HSH. Diversidade sexual masculina.

DISSERTAÇÃO

Cartografia do Armário Expandido: discursos sobre masculinismo, sigilo homoerótico e ideologia de extrema-direita

Marcos Sardá Vieira

ABSTRACT

This interdisciplinary dissertation in the humanities deals with the field of male conflicts, desires and sexual practices under the influence of masculinist hate rhetoric (misogynistic, homophobic and racist) in the Brazilian and global context of ideological engagement with the far-right and neoliberalism. The aim is to understand possible negotiations and contradictions in the lives of cisgender men who have sex with men (MSM), much of which remains vulnerable to ideologies of moral recrudescence and hate rhetoric in relation to homoerotic practices and LGBTQIAPN+ subcultures. The methodology is organised around a cartography that aligns narratives, discourses and homoerotic desires among *gays*, bisexuals and heterosexuals. This cartography begins with [1] the theoretical framework and [2] the observation of current political and socio-cultural phenomena through news reports, and then approaches the profiles of MSM in southern Brazil, first through [3] social networking apps and digital networks, [4] informal conversations and interactions recorded in a field diary, and finally [5] three semi-structured interviews. The cartography seeks to highlight intersections between gender, sexualities, race and social class, which will be discursively analysed. This organisation questions the imposition of masculinist values through the cognitive contrast of the apprehension of difference in legitimising the binary condition between genders and sexualities. The result is that this dichotomous interpretation, under the influence of the rhetoric of hate and homophobia, remains influential in the value hierarchy of homoerotic relationships between cisgender men. At the same time, bonds of affinity, friendships and intersubjective alliances are influenced by experiences of affection and intimate proximity based on gay and bisexual subcultures. These intimacies exploit the sensitivities of homoerotic experiences between cisgender men, replacing new dialogical articulations and shared pleasures that promote the reconciliation of subjective and ideological conflicts inside and outside the expanded closet.

Key words: Masculinism. Homoerotic secrecy. Cartography. MSM. Male sexual diversity.

DISSERTATION

Cartography of the Expanded Closet: discourses of masculinism, homoerotic secrecy and far-right ideology

Marcos Sardá Vieira

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Discursos a serem analisados nos aplicativos	25
Figura 2: Pintura de Fabián Cháirez, artista mexicano	34
Figura 3: Estrutura hierárquica de masculinidades e suas posições mutáveis	52
Figura 4: Destaques e intersecções no espectro de masculinidades a partir de práticas sexuais e afetos experimentados por homens que fazem sexo com homens (HSH)	85
Figura 5: Pintura de Anthony Hurd, artista norte-americano	86
Figura 6: Perfis de homens negro, pardo e indígena	91
Figura 7: Perfis de homens brancos	92
Figura 8: Exemplos de textos com retórica agressiva e hostil	94
Figura 9: Organização dicotômica de atributos masculinos observados nos aplicativos, sites e redes sociais digitais que são frequentados por homens que fazem sexo com homens – entre hegemonia e marginalidade	98
Figura 10: Combinação dos códigos de estado civil, caráter de (in)visibilidade e expressão de gênero	99
Figura 11: Combinação dos códigos em categorias a partir da análise em aplicativos e redes sociais digitais	101
Figura 12: Intersecção segmentando relações sexuais e afetivas na polaridade entre hétero e <i>gay</i>	119
Figura 13: Esquema visual das relações entre os entrevistados indicados pelas iniciais dos nomes fictícios	126

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Divisão do trabalho pelas duas abordagens cartográficas.	23
Quadro 2: Síntese dos principais perfis HSH das conversas informais.....	27
Quadro 3: Perfil dos três interlocutores entrevistados presencialmente.....	30

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
1 INTRODUÇÃO	15
1.1 Metodologia cartográfica: estratégias de investigação interseccional	21
1.2 Estrutura do trabalho.....	31
PARTE - A.....	34
2 LIMITES NA INCORPORAÇÃO DE VOZES DISSIDENTES	35
2.1 Estruturas de dominação corporativa.....	37
2.2 Representações transnacionais de masculinidades conservadoras e autoritárias.....	39
2.3 Notas sobre o autoritarismo brasileiro: dos integralistas à ditadura militar	44
3 DESNATURALIZAR A MASCULINIDADE PARA COMPREENDER O SEU REALINHAMENTO HEGEMÔNICO.....	50
3.1 A masculinidade como parte da construção cultural e histórica	53
3.2 Falando de masculinidades, lá vem os masculinistas!	56
3.3 Construindo a masculinidade radical: o (pseudo) padrão <i>drag-masculinista</i> ?.....	59
3.4 A importância da corporalidade para autenticar o homem viril: referência militar na construção do corpo cisgênero e na virilidade masculina.....	60
3.5 A formação (inter)subjéctiva do macho-hétero conservador: regulamentações morais heterocispatriarcais na intersecção entre gênero, sexualidade, classe social e raça	63
3.6 Masculinidade, caráter utilitário e neoliberal: a importância do poder econômico na validação do domínio masculinista.....	68
4 INTERSECÇÕES E TROCAS PERMEADAS POR DESEJOS E OCULTAMENTOS	72
4.1 Pressão do masculinismo sobre as masculinidades marginais: a homofobia na delimitação da ordem binária e heterocisnormativa	73
4.2 Influência <i>gay</i> sobre os homens heterocisnormativos: ou ameaça <i>gay</i> aos masculinistas?	77
4.3 Possível intersecção entre homens heterocisnormativos e o <i>gay</i> padrão: o paradoxo do HSH na invisibilidade de comportamentos sociais e práticas sexuais.....	79
4.4 Resultados provisórios da cartografia na delimitação do espectro HSH	82

PARTE - B.....	86
5 DISCURSOS POR IMAGENS E TEXTOS EM REDES SOCIAIS DIGITAIS.....	87
5.1 Análise de dados e discursos de perfis masculinos em aplicativos e <i>sites</i>	88
5.2 Resultados e interseccionalidades para os perfis masculinos em aplicativos.....	96
6 ARMÁRIO EXPANDIDO COMO ZONA DE CONFLITOS SUBJETIVOS	102
6.1 Análise de dados e discurso por aproximações com perfis de HSH: perfil amostral de contatos em aplicativos, salas de bate-papo e espaços de socialização	102
6.2 Resultados da interação com os quinze contatos amostrais.....	114
7 ARMÁRIO EXPANDIDO COMO ZONA DE ALIANÇAS INTERSUBJETIVAS	121
7.1 Análise das três entrevistas semiestruturadas	121
7.2 Resultados e contribuições para as intersubjetividades HSH transitórias	125
8 CONCLUSÃO.....	130
REFERÊNCIAS	136
ANEXO A.....	149
APÊNDICE A.....	150
APÊNDICE B.....	152

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa trata da sexualidade masculina entre homens cisgêneros, aproximando os heterossexuais dos homossexuais/bissexuais em experiências íntimas, comumente invisibilizadas pelo dispositivo do armário *gay*, no seu efeito duplo de ocultar e revelar desejos proibidos. Nesta pesquisa, o armário é expandido na intenção de ampliar este espectro de relações homoeróticas, contrapondo-se à divisão binária entre hétero ou *gay* que é reforçada pela retórica do ódio discriminatório, ao retomar o discurso homofóbico pela lente binária de contraste¹ e gerar destaque para a representação hegemônica de masculinidades vinculada à extrema-direita. Para entender a complexidade deste fenômeno moral e sociocultural², interessa aqui o entendimento desses discursos repressores envolvidos pelo pânico moral, retórica de ódio e homofobia, retroagindo aos dispositivos biopolíticos de repressão e controle da *ameaça* homossexual. Assim, sob a justificativa de ameaça à polaridade viril masculina devido à expansão dos movimentos feministas e contrassexuais, tais discursos são analisados como contraponto ao utopismo da equidade de direitos e respeito às estéticas não binárias e suas expressões particulares de gênero e sexualidades (femininas, afeminadas e masculinidades marginais).

A pesquisa suscita as seguintes perguntas:

- Qual a relevância do armário expandido, enquanto dispositivo duplo, para pensar o campo de disputas políticas da atual guerra cultural a partir do discurso homofóbico recorrente, retomado por representantes masculinistas da extrema-direita?
- Que sujeitos estão implicados nesta condição do armário expandido e quais códigos e comportamentos tornam toleráveis suas mentiras, enquanto outros são destituídos deste jogo heterocispatriarcal por questionarem suas regras?

Por que esta discussão é relevante? Pensar o armário como dispositivo expandido onde homens cisgêneros heterossexuais mantêm vínculos sexuais e afetivos como outros homens (heteros, *gays* e bissexuais) demonstra o quanto as regras que sustentam o jogo das políticas heterocisnormativas são contraditórias e excludentes, criando condições de privilégio e

¹ Este contraste define-se como estratégia de restrição cognitiva entre seus seguidores e correligionários, ao propor uma visão binária como estratégia de interlocução e combate, que torna rasa qualquer discussão mais complexa e questionadora. Nesse sentido, tudo o que precisa ser rechaçado é visto como preto ou branco, apesar de outras interpretações tidas como favoráveis abarcarem possíveis cinquenta tons de cinza.

² Fenômeno de base moral e sociocultural presente tanto no micropoder cotidiano quanto na retórica política brasileira e mundial (SOUZA, 2024).

influências para homens mantidos em sua condição heterossexual de produtividade e dominação ao influenciar as condições do desejo homossexual. Ao mesmo tempo, torna-se relevante compreender seu efeito contrário, no sentido da possível constituição de novas alianças pela permissividade homoerótica por meio de amizades íntimas que, mesmo sem questionar as regras do jogo heterocispatriarcal, abrem condições para novas relações sexuais não repressivas e duradouras, seguindo a instrumentação de eficiência e organização social com potencial utópico transformador.

Nesta pesquisa, constatam-se experiências e relações homoeróticas mantidas entre homens cisgêneros que dizem respeito ao amplo espectro de diversidades e particularidades, envolvendo afetos, desejos, estratégias de sedução, práticas sexuais, amizades, acordos, coerções e, também, muitos sofrimentos. Na sequência, portanto, busca-se compreender essas dobras escondidas no subterfúgio epistemológico do armário ao serem subjugadas por prerrogativas do campo moral conservador quando este defende o binarismo (homem/mulher, hetero/homossexual) e refuta a viabilidade criativa de corpos, desejos e performatividades ambivalentes.

Assim, através da retórica do ódio performada pelo masculinismo emergente da atualidade, são estabelecidas, de certa forma, novas representações para a masculinidade hegemônica, reconhecida através desta binariedade ao reforçar o caráter do macho viril e universal e deflagrar, por si só, a fragilidade de sua reificação performativa pautada por esta separação dual, na medida em que outras referências ambíguas e interseccionais surgem como parâmetros criativos de ameaça à produtividade biopolítica.

De acordo com Bruna Silva (2023), o masculinismo é parte da identidade ideológica de indivíduos preconceituosos e violentos, que reproduzem e compartilham retóricas de ódio contra as mulheres, as pessoas negras e as LGBTQIAPN³, subalternizando suas existências e colocando a masculinidade como categoria superior nas esferas cultural, política, econômica e social.

Infere-se que esta corrente do masculinismo articulada pela retórica de ódio em uníssono costuma se projetar nesta busca por emoções excessivas e demandas de atenção, gerando pautas polêmicas na reificação de seus posicionamentos ideológicos comuns. Assim, ao reviver estas pautas caras aos feminismos, entre elas, a misoginia, a homofobia e o racismo, presentes em discursos de base repressora, torna-se fundamental compreender estes meios de desarticulação

³ A sigla LGBTQIAPN+ abrange pessoas: Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Trans (transgênero e travestis), *Queer*/Questionando, Intersexuais, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pansexuais, Não Binárias e mais.

da estrutura autoritária e fascista a partir de seus juízos de valor normativos, retrógrados e destrutivos.

Neste sentido, o **objetivo desta pesquisa** é compreender as interações e o discurso de homens que fazem sexo com homens (HSH) na Região Sul brasileira em seu campo de disputas políticas sob influências antagônicas entre o masculinismo e a subcultura *gay*⁴, produzindo sociabilidades, práticas sexuais e reproduções socioculturais de dominação masculina, ao mesmo tempo em que produzem alianças íntimas pautadas pela não repressão e pela liberdade, ainda que as normativas heterocispatricais não sejam questionadas em profundidade.

Na interface entre a repressão sexual heterocisnormativa e as (sub)culturas de dissidência sexual, algumas dessas interações precisam ser problematizadas como campo de disputas, contradições, prazeres e sofrimentos intersubjetivos. Particularmente, no foco desta pesquisa, serão analisados os discursos e as ações discriminatórias no campo de disputas (micro)políticas e de interações sexuais (e afetivas) entre homens cisgêneros.

Esta análise é contextualizada pela guerra cultural e pela retórica do ódio masculinista sustentadas pela extrema-direita, defendendo sua concepção de gênero binário e incluindo a participação de mulheres antifeministas, ao suscitar a percepção da realidade por meio do contraste e da dissonância cognitiva⁵ entre aliados e inimigos. Nesta visão, o macho heterocisnormativo teria o homossexual afeminado como o *outro* a ser combatido, cuja intenção final seria aniquilar (física e simbolicamente) este sujeito disruptivo e sua força representativa, jurídica e política, que vem sendo conquistada pela cultura LGBTQIAPN+ desde o final do século 20.

A investigação se organiza através da cartografia, permeada pelos métodos de revisão teórica e consulta de reportagens para a atualização sobre os fenômenos sociais recentes. Na aproximação com os sujeitos HSH são realizadas análises dos discursos presentes nos meios de comunicação digital utilizados para a primeira aproximação, seguidos de conversas informais até chegar em entrevistas semiestruturadas. A cartografia surge como alternativa para relacionar as linhas argumentativas a partir da complexidade de informações abertas pelo campo de investigação. De base qualitativa e interdisciplinar, a pesquisa abrange as áreas das Ciências

⁴ O termo subcultura *gay* é ressignificado no contexto desta pesquisa e será utilizado como parte da ampla cultura LGBTQIAPN+ sem a intenção de reduzir seu valor.

⁵ A definição de “dissonância cognitiva coletiva” é apresentada por João Cezar de Castro Rocha (2023, p. 85) como um fenômeno promovido pela extrema-direita transnacional na qual é desencadeado nas pessoas uma espécie de desconforto devido à falta de associação entre crenças e comportamentos, ou seja, pela incapacidade de julgamento crítico entre acreditar em uma conspiração sem confirmar sua veracidade. Assim, no sentido estratégico do campo político, esse fenômeno vem sendo mobilizado para arrebatar seguidores de forma simultânea a partir da divulgação onipresente do universo digital e das redes sociais.

Humanas (História, Sociologia, Antropologia, Psicologia e Filosofia), dos Estudos Culturais e das teorias de gênero e sexualidades. Por fim, se fundamenta pela discussão crítica e reivindicatória interligada à agência política. Esta posição busca a base filosófica e teórica de autores/as como Michel Foucault (2021; 2014), Herbert Marcuse (1975), Eve Kosofsky Sedgwick (2007), Johan Huizinga (2010), João Cezar de Castro Rocha (2023; 2021) e Jessé Souza (2024), entre outros/as, que serão mais bem introduzidos na sequência.

Ao evidenciar a importância da constituição masculinista como estratégia política e populista de arrebanhar um grande contingente de pessoas, homens e mulheres cisgênero e heteronormativos, torna-se relevante a abertura desta pesquisa para o campo interdisciplinar ao compreender os efeitos da dissonância cognitiva coletiva para esses fenômenos culturais e políticos. Logo, ao romper com as abordagens disciplinares do conhecimento, muitas vezes com tendências empíricas e positivistas, a pesquisa interdisciplinar aqui proposta permite a tensão conceitual e teórica entre diferentes áreas de estudo. Isso possibilita atravessar assuntos ligados à política e aos estudos culturais, por exemplo, com temáticas contestatórias como gênero e sexualidades para a formação discursiva, teórica e crítica (LEIS, 2011).

Hilton Japiassu (2006) apresenta outra abordagem investigativa a ser mediada pela interdisciplinaridade quando o desafio se faz pela contradição entre problemas que afetam tanto a escala global quanto a particular. Ou mesmo, para atender às demandas que envolvem a complexidade de fatores dificilmente compreendidos quando se resiste à eliminação das fronteiras disciplinares do conhecimento, reduzindo nossos horizontes cognitivos. Portanto, segundo Japiassu (2006, p. 2), "o espírito interdisciplinar nos permite tomar consciência de que uma verdade acabada e dogmática impede o exercício cotidiano da liberdade de pensar" e, diante disso, espera-se desfazer os dogmas naturalizados e pasteurizados para gerar novas evidências sobre relações opressivas, hierárquicas e, até mesmo, monótonas (MORIN, 2011; JAPIASSU, 2006).

Conclui-se que os sistemas de repressão das sexualidades masculinas opera de maneira contínua, tendo os dispositivos do armário *gay* e da homofobia como meios para equilibrar ações de punição e/ou livramento de seus sujeitos, legitimamente envolvidos em condições de sigilo e segredos.

Nas interações aproximadas desta pesquisa percebe-se a influência do sistema de repressão da representatividade do masculinismo como força de mobilização para o maior cerceamento das práticas sexuais entre homens. Constata-se também muitos sofrimentos e conflitos sendo gerados nestas interações onde o reconhecimento social é inexistente, particularmente, devido à reprodução do macho viril heterocisnormativo em sua superioridade

não dialógica mantendo influência e repressão ao fluxo de desejos da estética de particularidades homoeróticas. Alguns destes perfis, portanto, presentes nas subculturas *gay* e bissexual, geram códigos de ambivalências e contradições.

Ao mesmo tempo, observam-se discursos de compatibilização dessas disputas entre a repressão homofóbica e a defesa do *coming-out*, que criam posturas de aliança horizontais, reduzindo a repressão homofóbica e conciliando agenciamentos críticos não necessariamente conectados à política compulsória⁶ heterocispatriarcal e neoliberal.

Por fim, quem deveria conhecer esses resultados? Pesquisadores e pesquisadoras dos Estudos de Gênero, Sexualidades e Cultura, assim como o público em geral interessado por pesquisas interdisciplinares em Ciências Humanas.

⁶ O carro de som publicitário passa na rua informando sobre seus produtos com áudio acima de oitenta decibéis. Antes mesmo que se distancie, finaliza a publicidade e agradece a atenção de seus ouvintes onipresentes. Como se a sua passagem ruidosa não fosse compulsória ao espaço público, ou mesmo, como se fosse possível desligar o sentido da audição para evitar ouvi-lo. Com a heterossexualidade é a mesma coisa, na diferença que seu atravessamento constante no cotidiano acaba sendo naturalizado como regra inescapável para todos os sentidos e consciências. Além do que, sua imposição normativa é permanente e universal, tornando intrusivas as manifestações questionadoras em sua oposição.

1 INTRODUÇÃO

A masculinidade é compreendida como um clube de acesso restrito para atender a algumas pessoas privilegiadas por serem identificadas como homens no nascimento e na medida em que mantêm esta identificação reificada ao longo de suas vidas. Tais privilégios legitimados pelo (cis)gênero masculino garantem um campo de dominação sobre outros corpos, desejos, subjetividades, identidades femininas/afeminadas e outras masculinidades. A contrapartida é o voto de silêncio desses indivíduos para garantir que as regras do jogo heterocispatriarcal se mantenham inabaladas. Quebrar as regras do jogo, neste caso, é criar um campo de disputas e oposições entre o compulsório e o proibido (SEDGWICK, 2007).

O ponto de partida para explorar este campo de disputas da representação de masculinidades se deve à incomodação gerada pela aparição histriônica dos últimos anos protagonizada por líderes políticos, empresários, pastores e militares no cenário político brasileiro e mundial, proferindo a aniquilação das representatividades LGBTQIAPN+.

Assim, o crescimento dos feminismos em suas diversas vertentes dos movimentos sociais contemporâneos, associado à teoria *queer* de desestabilização da heterocisnormatividade, mobiliza esta reação radicalizada de grupos masculinistas e antifeministas diante do que consideram uma ameaça aos fundamentos da modernidade como o patriarcado, o racismo, o colonialismo, a misoginia, o binarismo de gênero e o regramento heterossexual, que vinham se mantendo intocáveis até meados do século 20.

Nesse sentido, surge a retórica do ódio contra as mulheres, as identidades LGBTQIAPN+ e as pessoas negras e indígenas como responsáveis pelo desprestígio da posição universal e privilegiada das famílias brancas, heterossexuais e cisgêneros, na maior parte, representantes do substrato social da classe média de direita brasileira (SOUZA, 2024), cooptadas por seus ressentimentos e pela dissonância cognitiva para a ação contestatória da ideologia racista e preconceituosa da extrema-direita no ataque contra o inimigo comum. Também é plausível considerar que tais discursos ultraconservadores tenham surgido, justamente, para interromper a utopia dos movimentos feministas e contrassexuais, que vinha crescendo como tsunami a ponto de acionar o pânico moral de grupos mais conservadores e abalar as estruturas consolidadas da dominação masculina, da família tradicional e da reprodução social neoliberal, em reações deliberadas desde a crise de 2008 (SARDÁ-VIEIRA, 2024; ALVES, 2022).

A retórica do ódio seria um instrumento da guerra cultural da extrema-direita transnacional. Sua ação consiste em eliminar simbólica e fisicamente qualquer pessoa, vista

como adversária por não se alinhar "às lições da seita". Este jogo radical de fechamento à diversidade e ao dissenso político tende a ser visto como uma ação autoritária de restrição dos modos de vidas plurais, entre um dos aspectos que dizem respeito à manutenção da sociedade pela perspectiva democrática (ROCHA, 2023, p. 134).

Já o neoliberalismo, é compreendido como uma nova ordem de racionalidade estratégica, surgida desde a reconfiguração da economia liberal nos anos 1970, para suplantiar os modos de regulação e o regime de governamentalidade predominante, tendo como base o modelo de mercado (ANDRADE; CÔRTEZ; ALMEIDA, 2021; DARDOT; LAVAL, 2016).

Portanto, com o empoderamento dos feminismos nas últimas décadas e a ressignificação de estilos não normativos e legítimos de ser *gay*, lésbica e transgênero, surge uma ameaça à resiliência moral de grupos mais tradicionais, amparada por mudanças na esfera de costumes e comportamentos, assim como, das condições materiais limitadoras dadas pela crise ambiental e pelo paradigma do antropoceno. Como exemplo ameaçador está o fenômeno de dissolução gradual da família nuclear patriarcal, que torna incerta a continuidade (re)produtiva dos ciclos de produção econômica ao questionar a manutenção compulsória pela homogeneização da força de trabalho e da resiliência através da reificação de hábitos, necessidades e vícios de consumo.

Esta estrutura social e normativa, portanto, pautada pela naturalização de vínculos matrimoniais e heterossexuais com finalidade reprodutiva, tem sua base no patriarcado. Tal estrutura fundamenta a maior parte das sociedades ocidentais, nas relações pessoais e institucionais, e diz respeito à dominação dos homens sobre as mulheres e à naturalização desta suposta ordem de subordinação, privilégios e benefícios do masculino sobre o feminino.

Com este domínio majoritário do masculino, representado por homens cisgêneros na política, em cargos de lideranças, ou mesmo, nas relações cotidianas onde o vigor físico ainda se sobrepõe à dialética, a masculinidade vem sendo forjada como identidade disciplinar a serviço de sua própria regulamentação. E mesmo quando a hierarquia do homem não diz respeito a cargos de projeção e chefia, esta dominação tende a se manter em relações próximas entre as pessoas, nas microfísicas do poder. Nesse sentido, a estrutura de dominação masculina se faz presente em diferentes localidades, culturas e estratos sociais, criando uma corporação de masculinidades onde homens subalternos, cúmplices e marginais também contribuem, em grande parte, para manter esta estrutura hegemônica de opressão masculina, por vezes, exercendo domínio sobre outras masculinidades.

Tratando-se da repressão sexual, seu ônus de proibições e vigílias também recai sobre os sujeitos masculinos. Desde a necessidade de adestrar o mundo moderno para torná-lo cada vez mais produtivo aos interesses do capitalismo, exercendo controle sobre os prazeres sexuais

(em especial, à subjetividade e desejos das mulheres), a eficiência desta biopolítica, tornando os corpos resilientes e obliterando seus desejos para aumentar a eficiência produtiva de trabalhadores/as, só foi possível com a repressão moral das sexualidades, sem afetar a procriação. Por isso, o caráter masculino associado à convenção da família patriarcal é fundamental para a manutenção deste sistema de privilégios aos homens e de manutenção cíclica da (re)produção capitalista. Quanto aos desvios desta conduta disciplinar, de imediato, são reprimidos para se adequarem às normas do gênero binário (homem e mulher) e da heterossexualidade monogâmica.

Ou seja, na medida em que a prática sexual heterocisnormativa se mantém sob o controle do campo moral, pela dedicação à família, ao trabalho, aos ritos religiosos e pelo desenvolvimento moral repressor, as sexualidades que fogem deste padrão tradicional tendem a ser vistas como inadequadas, promíscuas e repugnantes. Entretanto, o fluxo dos desejos da população com um todo não cessa.

Ainda que o desejo possa ser canalizado para os interesses produtivos das convenções sociais, no impulso pelo consumo, por encontros de socialização e pelos vínculos religiosos, em muitos casos a permissividade sexual continua sendo valorizada sob algumas condições específicas. Não só pela abertura dos movimentos feministas e estudantis ou pela valorização do corpo desde o final do século 20, mas pela contínua difusão da pornografia, dos clubes de *swing* e pelas redes de encontros digitais, ou mesmo pela presença indispensável da prostituição e de espaços de encontros eróticos em centros urbanos. Por certo, o desejo sexual não se resume a receitas e não permite padronizações, embora essa suposta abertura da liberdade sexual também reforce outros preconceitos.

Em sua filosofia crítica, Herbert Marcuse (1975) aponta a repressão sexual como importante fator de constituição das subjetividades para torná-las adequadas à convivência contraditória do sistema civilizatório. Nesse sentido, aceitar as regras sociais e reprimir os instintos seria uma maneira de se adequar à sociedade contemporânea, em detrimento da constituição subjetiva e da felicidade plena, constantemente recalcada no inconsciente coletivo.

Mas enquanto Marcuse associa o caráter erótico e emancipador com as contradições de repressão social para o controle das pessoas, Michel Foucault contrapõe a hipótese da repressão sexual advinda da psicanálise, defendendo que, apesar do controle na discussão sobre sexualidades, houve um aumento do interesse proporcional à divulgação de informações sobre seus pressupostos pelo discurso científico, na medida em que também eram explorados os meios biopolíticos para o controle da população a partir destas fontes: pela medicina, taxa

demográficas de nascimento, fertilidade e instruções para o sexo reprodutivo (FOUCAULT, 2014).

Mesmo que a repressão possa ser pensada de maneira mais sutil, no sentido de constranger a experiência erótica vinculada ao ambiente, aos períodos de lazer, com o foco voltado à sexualidade genital, aos parceiros e aos estímulos audiovisuais – a sexualidade masculina também permanece na esfera social como a mais privilegiada e permissiva em suas viabilidades práticas e morais, inclusive, refletindo-se desde cedo no estímulo dado à vida (hetero)sexual precoce dos meninos (WELZER-LANG, 2001).

E quando se tratam de práticas sexuais entre homens, esta abertura e estímulo acontecem da mesma forma? Ao tratar deste assunto, normalmente, se abre referência à homossexualidade masculina, embora as práticas sexuais entre homens (cis, trans, assexuais, *g0ys*) nem sempre estejam restritas aos *gays* e bissexuais. Na verdade, este campo de relações homoeróticas, envolvendo homens vistos como heterossexuais, costuma ser desconhecido em seus códigos ou invisibilizados de possíveis representações mais amplas. Como se todas estas relações, ao serem proibidas, fossem mantidas dentro de um suposto armário que esconde segredos.

Eve Sedgwick (2007) aponta este conhecimento relativo ao armário como metáfora para a condição regulatória e vulnerável na vida social de muitos homossexuais no sentido de criar duplicidade entre esconder desejos eróticos por outros homens e/ou revelá-los. Com esta reflexão, a autora explora este campo de conhecimento com mais aspectos de precariedade do que vantagens. Para ela, essa condição pautada pelo armário está no cerne da estrutura de relações sociais, constituindo repressões e, de alguma forma, produzindo cultura e história ao mundo ocidental. Entretanto, este sistema de repressão para a sexualidade entre homens não se forma de maneira ocasional, na medida em que teve importância significativa no mapeamento de segredos e revelações, que poderiam ser "criticamente problemáticos para as estruturas econômicas, sexuais e de gênero da cultura heterossexista como um todo" (SEDGWICK, 2007, p. 26).

Mas, por que a revelação de segredos homoeróticos seria comprometedora para a matriz (ou para a suscetibilidade) heteronormativa? Por que aspectos intersubjetivos do envolvimento homoerótico precisam ser expropriados de seu sigilo e, no mesmo movimento, impedidos de serem ressignificados publicamente como viabilidade subjetiva? O que determina este jogo contraditório entre a sexualidade e a realidade factível? Qual o papel da homofobia neste controle sobre desejos insubmissos?

A homofobia costuma ser introjetada no senso comum despertando o medo da perda destas fronteiras que separam a ordem heterossexual desta orientação, vista como universal, de

outras particularidades abjetas ligadas à homossexualidade. Assim, de acordo com Borrillo (2010, p. 26) "a homofobia organiza uma espécie de vigilância do gênero, porque a virilidade deve estruturar-se em função de dois aspectos: negação do feminino e rejeição da homossexualidade".

A epistemologia do armário, de Sedgwick, opera por limitações contraditórias no sentido de invadir a privacidade do segredo e, simultaneamente, impedir sua manifestação pública com base na homofobia. É nesta argumentação, por sinal, que a autora defende que a condição do armário permanece contínua ao longo do tempo, mantendo sua ambiguidade enquanto dispositivo de controle repressivo e, simultaneamente, como proteção do reprimido.

A eficácia de dissimulação do dispositivo do armário pode ser exemplificada com o caso do eurodeputado József Szájer⁷, ultradireitista, conservador e homofóbico, flagrado em uma orgia *gay* na cidade de Bruxelas durante o período de confinamento da pandemia e, em seguida, sendo reconciliado pela simples renúncia do cargo e o fim de sua carreira política, como se o escândalo não estivesse implicado por seu posicionamento político extremista (ABRIL; HERVÁS, 2020). Portanto, nessas situações, é possível suspeitar que a desnaturalização da heterossexualidade pode ser comprometedoras sem a regulação conveniente do armário *gay*, evitando com isso legitimar a força política da dissidência quando são reveladas tais contradições de forma contundente e, assim, abrindo possibilidades para desconstruir a idealização reprodutiva do jogo heterocisnormativo e da disputa por credibilidade política.

Na ênfase da constituição de regras civilizatórias e repressoras das sexualidades, buscase também o caráter lúdico destas disputas pelo poder (erótico e político) na base cultural de sua constituição, trazendo-se a noção do jogo como estrutura que precede a articulação das relações sociais baseada em regras de conduta ao longo de interações processuais. Nesse sentido, Huizinga (2010) discorre que a estrutura básica do jogo é parte constituinte da cultura e, por isso, ultrapassa os limites puramente físicos e biológicos⁸, devido à sua função significativa que transcende a realidade e confere um sentido lúdico à ação. Portanto, não havendo um princípio instintivo e nem mesmo uma vontade consciente, o jogo tem sua essência neste sentido de presença não material em sua própria essência.

⁷ Até surgir este escândalo, é importante destacar que József Szájer foi um importante aliado da direita extremista e autoritária de Viktor Orbán, atual primeiro-ministro da Hungria (ABRIL; HERVÁS, 2020).

⁸ O autor aponta que as teorias que discorrem sobre a função biológica do jogo costumam ser mais complementares do que decisivas, e nem por isso chegam perto da definição do jogo a partir de seus métodos quantitativos das ciências experimentais, que apesar de descreverem o fenômeno, são superficiais na atenção dedicada ao seu caráter profundamente estético (HUIZINGA, 2010).

Neste fundamento a partir do jogo, que precede o caldo cultural civilizatório, Huizinga (2010) adverte que a incorporação de suas regras se pauta na fidelidade de não as corromper, sob a ameaça de expulsão e desvinculação de seu caráter lúdico participativo. No caso, a assimilação lúdica destas regras costuma ser vinculada às normativas sociais, as quais estabelecem condutas e comportamentos adequados para contribuir, de certa forma, com a prosperidade do grupo social na superação da escassez (MARCUSE, 1975).

Ao mesmo tempo, o jogo também opera sobre o espaço e o tempo com características delimitadoras e, segundo Huizinga (2010), cria uma ordem distinta do cotidiano, uma harmonia e ritmo por suas regras específicas e cativantes, o que mantém o jogo vinculado ao domínio da estética, com tendências para ser interpretado como belo, principalmente, por quem dele participa. Ainda assim, a atmosfera do jogo é tensa.

Esta tensão chega ao extremo nos jogos de azar e nas competições esportivas. Embora o jogo enquanto tal esteja para além do domínio do bem e do mal, o elemento de tensão lhe confere um certo valor ético, na medida em que são postas à prova as qualidades do jogador: sua força e tenacidade, sua habilidade e coragem e, igualmente, suas capacidades espirituais, sua “lealdade”. Porque, apesar de seu ardente desejo de ganhar, deve sempre obedecer às regras do jogo (HUIZINGA, 2010, p. 14).

Ao desobedecer às regras, criam-se outros perfis sociais associados à imagem do desmancha-prazeres, esta como perfil contestador dentro do mundo do jogo, que poucas vezes são compreendidos. Diferentemente dos batoteiros, com sua desonestidade implicada nas regras do jogo, sem questioná-lo propriamente, os desmancha-prazeres divergem do jogo ao quebrarem o acordo tácito em favor de sua essência lúdica e específica:

Todavia, frequentemente acontece que, por sua vez, os desmancha-prazeres fundam uma nova comunidade, dotada de regras próprias. Os fora da lei, os revolucionários, os membros das sociedades secretas, os hereges de todos os tipos têm tendências fortemente associativas, se não sociáveis, e todas as suas ações são marcadas por um certo elemento lúdico (HUIZINGA, 2010, p. 15).

Assim, ao utilizar a articulação lúdica do jogo como substrato para a repressão sexual mantida pelas políticas heterocisnormativas, retoma-se aqui o armário como elemento de articulações possíveis para a quebra das regras do jogo heterocispatriarcal, sob o risco de penalidades e da expulsão, ao mesmo tempo que mantém um caráter especial e excepcional de criar mistério e sedução na medida em que atrai novos sujeitos permissivos ao encontro de prazeres homoeróticos, no fluxo de desejos sexuais que não podem ser contidos por decreto.

1.1 METODOLOGIA CARTOGRÁFICA: estratégias de investigação interseccional

Esta pesquisa qualitativa, interdisciplinar e interseccional tem a cartografia como estratégia de investigação para a compreensão dos processos complexos de formação (inter)subjéctiva de *homens que fazem sexo com homens* (HSH) sob a influência vigilante da performatividade padrão do masculinismo de extrema-direita da atualidade. Tais aspectos desafiam o paradigma da concepção reivindicatória (CRESWELL, 2010) ao situar o problema relativo à normatividade heterocispatricarcal da sociedade contemporânea e sua hegemonia para julgamentos morais naturalizados e compulsórios, destacando o contraste binário cognitivo na limitação emancipatória coletiva.

A cartografia é compreendida como uma experimentação do pensamento a partir de conexões rizomáticas, marcadas por linhas (duras, flexíveis e de fuga) e relações de análise com ênfase no processo e em suas dinâmicas. Esta conexão em redes ou rizomas surge sem delimitação linear de início e fim, mas como uma malha de alianças contínuas a serem exploradas em suas possíveis (des)vinculações. Este princípio metodológico segue os pressupostos de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) na obra *Mil Platôs* (volume 1), para quem a estratégia da cartografia torna possível a subversão da ordem binária na interpretação e delimitação prévia dos dados, possibilitando transformar relações pregressas e revelar outras ligações ocultas. Assim, a cartografia se constitui como composição heterogênea, sem hierarquias e totalizações a serem representadas. Define-se como um mapa de conexões e circunstâncias em diálogo com o devir do pensamento, na medida em que está mergulhado em seus processos, em constante rearranjo e sentidos de percurso. Portanto, nesta abertura para a diversidade de conexões e complexidades a serem estabelecidas por uma pesquisa interdisciplinar, o campo de representação do todo torna-se menos relevante do que o acompanhamento sobre a articulação do pensamento com as conexões conceituais e teóricas que vão surgindo (RIAL; LISBOA; ALMEIDA, 2020; BARROS, 2018).

Outras referências também são importantes na reflexão processual da cartografia para esta investigação, como o livro *Pistas do Método da Cartografia* (PASSOS, KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015) e o artigo "Cartografia como método de investigação" (BARRETO; OLIVEIRA, 2021), ao contribuírem na delimitação de procedimentos e métodos para desvelar relações espectrais de vínculos subversivos e atravessados por desejos e afetos de HSH, ainda que suas representações sejam frágeis ou dissimuladas na ênfase dada aos contrastes no âmbito de intersubjetividades de maior valor, que se fazem evidentes. Também se destaca a interpretação desta estratégia enquanto metodologia de investigação quando a cartografia

requer uma atenção peculiar do pesquisador e de sua capacidade de compreender evidências do campo ao longo do pensamento que emerge diante do percurso. Desse modo, de acordo com Fernanda Amador e Tânia Fonseca (2009), é preciso uma cognição inventiva e intuitiva para compreender o que se torna possível ao ver diretamente a complexidade deste mapa de redes múltiplas. Ainda, para essas autoras "a cartografia se oferece como trilha para acessar aquilo que força a pensar, dando-se ao pesquisador, como possibilidade de acompanhamento daquilo que não se curva à representação" (AMADOR; FONSECA, 2009, P. 31).

Ao mesmo tempo, a cartografia também se define como método, pautado por princípios, recortes da memória, dispositivos biopolíticos e por tantas outras influências a serem elencadas e que marcam as possibilidades de produção subjetiva com os perfis de interlocutores HSH. Segundo Juliana Rettich (2020, p. 5.431), os sujeitos implicados na pesquisa (incluindo o pesquisador) estão "em constante processo de produção de subjetividade", sendo influenciados de maneira contínua e processual por tais dispositivos (discursos, instituições, ações e objetos), muitas vezes mantidos por contatos e comunicações precárias, limitados por subterfúgios do contato virtual ou mesmo pela demanda de discrições presenciais.

A cartográfica (AMADOR; FONSECA, 2009) também se mostra a mais adequada das estratégias metodológicas para mapear as informações relativas aos conteúdos teóricos, com base em autores e autoras das Ciências Humanas, atravessados pelas teorias de gênero e sexualidades e, assim, na intenção de problematizar o panorama de desigualdades e precariedades socioculturais em que o espectro HSH se torna uma dobra escondida e marginalizada. A cartografia como metodologia também é compatível com outros métodos de investigação qualitativa, como no caso de entrevistas semiestruturadas, assim como torna possível associar a reflexão processual do campo de pesquisa com a análise de discurso na formalização dos resultados de investigação.

Nesta dissertação, a cartografia apresenta-se dividida em duas partes principais: [1] a primeira a partir do referencial teórico, utilizando-se os métodos de revisão bibliográfica, assim como a consulta de reportagens recentes tratando do contexto político e do pânico moral em relação às temáticas de gênero e sexualidades. [2] Na segunda parte são apresentadas as análises de aplicativos e redes sociais digitais para interações entre homens e as conversas e entrevistas semiestruturadas, revelando os discursos destes homens *gays*/bissexuais/heterossexuais em suas incursões homoeróticas, ao mesmo tempo em que refletem sobre o campo moral do fazer político radicalizado (Quadro 1).

Na primeira parte da cartografia utilizam-se fontes secundárias para a revisão bibliográfica e as reportagens, ambas abordando fatos históricos recentes sobre as temáticas de

investigação, em especial, contextualizando a proeminência de representações e performatividades masculinas no campo político brasileiro e mundial.

Quadro 1: Divisão do trabalho pelas duas abordagens cartográficas.

Parte A	<p>Construção cartográfica na primeira parte da dissertação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa por fontes secundárias. • Revisão bibliográfica de trabalhos acadêmicos (artigos e livros - mapa de autores/temas da revisão bibliográfica). • Revisão de artigos publicados por pesquisadoras em revistas de ampla divulgação, como a <i>Cult</i>. • Reportagens recentes divulgadas sobre os temas envolvendo política, extrema-direita, gênero, sexualidades, pânico moral, masculinidades, homossexualidades, homofobia e masculinismo.
Parte B	<p>Construção cartográfica na segunda parte da dissertação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Análise por dados primários. • Discursos por textos e imagens nos aplicativos e <i>site</i> de relacionamentos, a partir dos quais foram realizadas as abordagens com a maioria dos interlocutores para a realização de conversas e entrevistas. Análises de marcadores associados à representação de masculinidades e à subcultura <i>gay</i>. • Realização de observação participante e conversas com HSH através de aplicativos, <i>site</i> e encontros presenciais. • Realização de três entrevistas semiestruturadas com HSH em suas interseções específicas que tornam possível a formalização do diálogo.

Fonte: Autor (2024)

Para apresentar estes tópicos teóricos e conceituais, a revisão bibliográfica é fundamental. A seleção das publicações, autores e autoras partiu da revisão de literatura que contribuísse com a pesquisa sobre masculinidades, organizações políticas, autoritarismos, ideologia neoliberal, homofobia e o conjunto de práticas e identidades formando o espectro de homens que fazem sexo com homens. Estas buscas se fizeram a partir de títulos de livros localizados por apresentações e divulgações midiáticas, na busca por artigos e dossiês em revistas registradas pela Capes, em periódicos vinculados à rede *Scielo*, no *site Academia.edu* e, por fim, através de consultas aleatórias *online* utilizando-se termos (sozinhos ou combinados) vinculados ao formato de arquivo PDF, para destacar e selecionar outras publicações acadêmicas de *blogs* e repositórios.

Neste mesmo conjunto de recortes discursivos, a cartografia se compõe por relatos e reportagens referentes às representações de líderes políticos de extrema-direita, suas medidas

governamentais e dissimulações cognitivas de precarização sociocultural (em defesa da padronização neoliberal e do contraste binário), principalmente, nos discursos de ataque ao que denominam como *ideologia de gênero*. Procurou-se localizar reportagens com qualidade jornalística de mídias alternativas às fontes *mainstream* que explorassem criticamente tanto a dissonância quanto o negacionismo de discursos radicalizados pela extrema-direita, ao delimitarem boa parte das retóricas e ações associadas ao masculinismo. Ao mesmo tempo, estas fontes jornalísticas aqui selecionadas, como *El País*, *BBC Brasil*, *Intercept Brasil* e *Nexo*, trazem o destaque de discursos contestatórios em suas matérias e que contribuem significativamente para a concepção filosófica reivindicatória desta investigação.

Em outro segmento desta estratégia de investigação cartográfica, depois de relacionar a ênfase na performatividade e retórica heterocisnormativa, utilizaram-se métodos de aproximação e compreensão da categoria de homens que fazem sexo com homens (HSH), formada basicamente por *gays*, bissexuais e heterossexuais⁹, para analisar a influência de discursos homofóbicos e preconceituosos em que a masculinidade hegemônica atende aos seus ideais de representação e desejo. Em especial, observou-se o quanto o discurso do contraste binário entre o masculino e o feminino/afeminado é reproduzido ou naturalizado. Para isso, foram analisadas amostras de perfis de usuários de aplicativos de relacionamentos, como *Grindr*, *Scruff*, *Tinder* e *Happn*, em redes sociais como *Facebook*, assim como em diálogos mantidos através de salas de bate-papo virtual do *site Uol*, segmentando diálogos por *idades e regiões*. Neste recorte, a análise discursiva é feita com base em imagens compartilhadas nos perfis, títulos, nomes fictícios, textos de perfil e conversas eventuais (Figura 1). Todos estes aspectos estão implicados na definição de categorias e estereótipos articulados e reconhecidos pela própria interação destes meios, além de outros sutilmente observados pela análise desta miscelânea de discursos imagéticos e textuais.

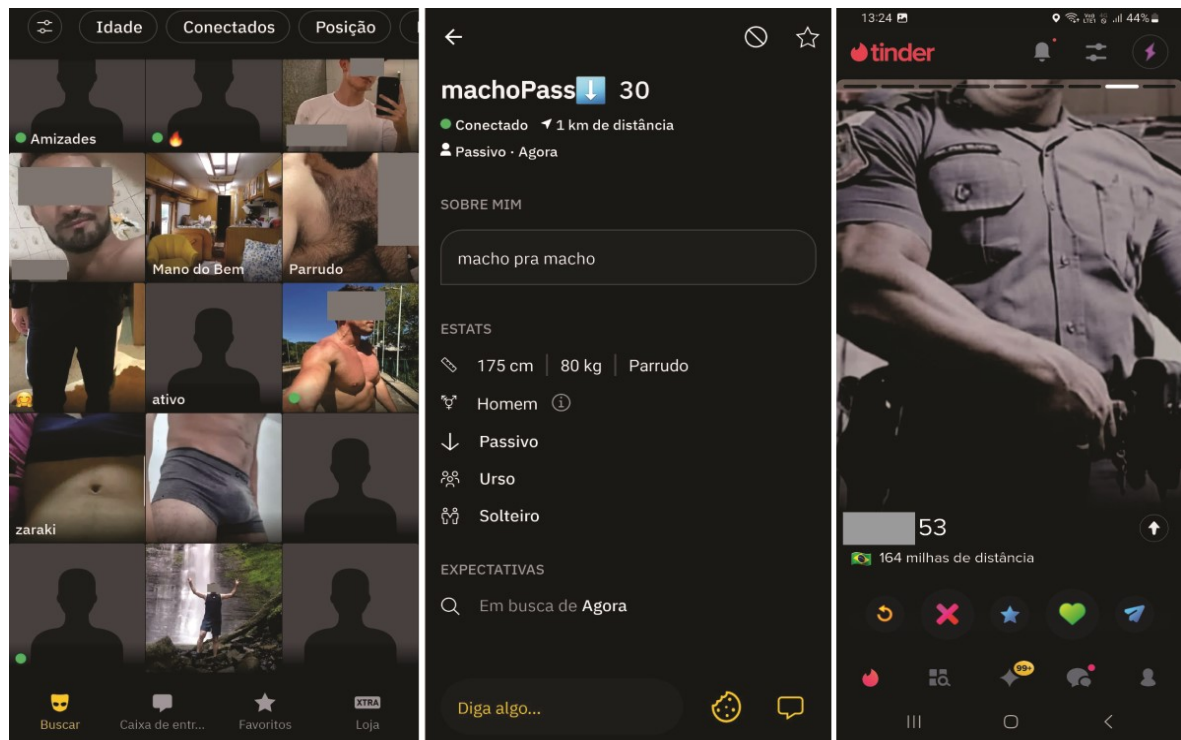
Os dados primários também foram coletados através de observações, conversas e entrevistas semiestruturadas. Destas contribuições, a proposta é relatar as narrativas de homens cisgêneros implicados neste espectro de desejos, afetos e subjetividades do armário expandido HSH com sujeitos heteros, *gays* e bissexuais (STAKE, 2011).

Diante dos desafios impostos pelos interlocutores, principalmente no perfil masculinista mais sigiloso e inacessível, realizaram-se conversas informais e entrevistas com interlocutores da Região Sul brasileira. Buscou-se compreender as (inter)subjetividades e interações

⁹ Entre os interlocutores encontrados ao longo da pesquisa de campo nenhum se identificou como *g0y* (g-zero-y). Comentar-se-á mais a respeito deste grupo (de homens cisgênero e heteronormados, que não fazem sexo com penetração) no subcapítulo 4.

constituídas por negociações entre a cultura heterocispatrilar predominante e a manifestação da performatividade incorporada/encorporada¹⁰ no sujeito, também se constituindo pelo desejo dissidente e pela estratégia de ocultação de suas particularidades de dissidência, muitas vezes, negação de uma existência sob a qual seus privilégios cis-heteromasculinis não seriam possíveis.

Figura 1: Discursos a serem analisados nos aplicativos: à esquerda, imagem dos vários perfis na tela do aplicativo; ao centro, informações em texto em cada perfil; à direita, a representação do macho viril e sigiloso em perfil individual. São aplicadas tarjas cinzas sobre a imagem para evitar identificações.



Fonte: Prints de tela obtidos a partir dos aplicativos *Grindr* e *Tinder*, 2023. Editado pelo autor (2024)

A delimitação das entrevistas semiestruturadas em Erechim, Passo Fundo e Chapecó foi definida com base nos seguintes critérios:

- Na facilidade de trânsitos, viagens e moradas do pesquisador por estas localidades devido à permanência prolongada por esta região enquanto atua como servidor na Universidade Federal da Fronteira Sul, no *Campus* Erechim.

¹⁰ Aqui se faz um paralelo entre estes dois termos *incorporação* e *encorporação*, utilizados ao longo do trabalho; o primeiro é relativo ao assumir para si os aspectos da cultura e das relações coletivas, enquanto o segundo se refere à transformação substancial deste sujeito (física e subjetiva) a partir dessas influências.

- Pelo representativo número de eleitores e seguidores bolsonaristas nesta região do Alto Uruguai durante o segundo turno das eleições de 2022, com média ultrapassando os 60%¹¹ (DO UOL, 2022a; 2022b; 2022c), o que torna emblemático investigar nesta localidade a contradição entre desejos homoeróticos reprimidos e a homofobia.

- Pela constatação de pesquisas anteriores realizadas em Erechim, que apontam posicionamentos mais evidentes de repressão moral e preconceitos contra as (pós)identidades LGBTQIAPN+. Aspectos também observados em cidades como Passo Fundo e Chapecó. Nesta porção oeste da Região Sul brasileira, portanto, constatou-se certo distanciamento cultural e geográfico com relação a cidades maiores e mais centrais, o que dificulta a representatividade de subculturas dissidentes no âmbito social e urbano. E que também amplia o caráter de precariedades para todas as experiências e desejos dissidentes diante de normativas heterocispatriciais e de uma cultura regional majoritariamente mais conservadora (VIEIRA; GIORGI; ROJESKI, 2022; PEREIRA; VIEIRA, 2020).

Basicamente, os contatos iniciais (tanto para as conversas quanto as entrevistas) para esta aproximação foram selecionados de duas maneiras: (1) a partir das redes sociais, destacando-se o caráter anônimo dos interlocutores, em aplicativos como o *Grindr* ou por suportes de bate-papo *online*; (2) através da indicação de informante e de eventuais encontros coletivos em espaços presenciais de sociabilidade homoerótica. A maioria das conversas foi presencial, mas foram mantidos os diálogos virtuais diante da recusa em formalizar a entrevista. Na aproximação com os interlocutores, foi utilizado com bastante eficácia o aplicativo *Whatsapp*, através do qual também foram mantidas as aproximações para as entrevistas. Entre tantas abordagens e aproximações, as conversas presenciais que não puderam ser gravadas foram relatadas através do diário de campo, assim como as observações obtidas durante as entrevistas. A maior parte das conversas aconteceu em Erechim por meio de contatos virtuais e encontros presenciais. No total, são considerados quinze contatos mantidos com homens cisgêneros entre *gays*, bissexuais e heterossexuais, todos pertencente à categoria HSH. A seguir apresenta-se um quadro síntese desses principais perfis analisados a partir de conversas informais (Quadro 2), das quais, nenhuma foi formalizada como entrevista semiestruturada.

¹¹ Nestas cidades, a apuração final dos votos favoráveis a Bolsonaro nas eleições de 2022 revelou os seguintes percentuais: Erechim 66,96%, Passo Fundo 56,72% e Chapecó 62,85% (DO UOL, 2022a; 2022b; 2022c).

Quadro 2: Síntese dos principais perfis HSH das conversas informais

Identificação*	Cidade de contato	Faixa de Idade	Raça/Cor	Encontro presencial?	Estado Civil	Profissão	Orientação política/ideológica	Orientação Sexual	Prática Sexual
Contato 01	Chapecó/SC	42-46	Branco	Sim	Solteiro	Professor	Direita	<i>Gay</i>	Ativo
Contato 02	Chapecó/SC	50-55	Branco	Sim	Casado**	Servidor	Extrema-direita	Heterossexual	Passivo
Contato 03	Erechim/RS	50-54	Branco	Sim	Separado	Operário	Indefinido***	Bissexual	Ativo/Versátil
Contato 04	Erechim/RS	55-65	Pardo	Sim	Separado	Consultor de empresas	Extrema-direita	Heterossexual	Ativo/Versátil
Contato 05	Erechim/RS	35-40	Branco	Não	Casado**	Suporte de tecnologia	Indefinido***	Bissexual	Ativo
Contato 06	Erechim/RS	45-55	Branco	Sim	Separado	Vigilante	Indefinido***	Bissexual	Versátil
Contato 07	Erechim/RS	50-60	Branco	Sim	Solteiro	Artesão	Indefinido***	Heterossexual	Ativo
Contato 08	Erechim/RS	55-60	Branco	Sim	Casado**	Empresário	Direita	Heterossexual	Ativo/Versátil
Contato 09	Erechim/RS	35-40	Branco	Não	Solteiro	Artista	Indefinido***	<i>Gay</i>	Ativo/Versátil
Contato 10	Chapecó/SC	55-60	Branco	Sim	Casado**	Empresário	Direita	Heterossexual	Ativo
Contato 11	Concórdia/SC	40-45	Branco	Sim	Casado**	Motorista	Indefinido***	Heterossexual	Ativo/Versátil
Contato 12	Caxias do Sul/RS	35-40	Branco	Sim	Casado**	Vendedor	Extrema-direita	Bissexual	Passivo
Contato 13	São José/SC	35-40	Branco	Sim	Solteiro	Empresário	Direita	<i>Gay</i>	Ativo/Versátil
Contato 14	Florianópolis/SC	50-55	Pardo	Não	Casado**	Militar	Indefinido***	Heterossexual	Ativo
Contato 15	Erechim/RS	55-65	Branco	Sim	Casado**	Servidor	Esquerda	Heterossexual	Ativo/Versátil

* Identificação: os nomes reais ou autodenominados não são identificados nesta pesquisa.
** Casado: a indicação “casado” em todos os casos refere-se a uma relação estável, monogâmica e heterocisnormativa.
*** Indefinido: quando não houve resposta ou esclarecimento do interlocutor para esta informação de orientação política/ideológica.

Fonte: Autor (2024)

Entre essas conversas realizadas sem formalizar o processo da entrevista (mediante roteiro de perguntas, autorização, gravação e transcrição), as anotações foram descritivas pela observação e pelo conteúdo geral do diálogo, tentando-se manter os quatro blocos temáticos de perguntas das entrevistas. Na maior parte destes contatos informais, entretanto, as conversas foram mais aleatórias, tornando possível compreender suas intenções, desejos e conflitos através de outras declarações, interações e silenciamentos. Em determinado momento, para tornar possível a conversa (sem gravação e identificação do interlocutor) não foi comunicado o interesse da pesquisa para justificar as perguntas, porque isso tornaria inviável a continuidade do diálogo, ou mesmo devido à exposição do pesquisador a uma situação de risco por reações inesperadas, entre as quais a própria interrupção imediata da conversa.

A maior parte das conversas aconteceu na medida em que os interlocutores estavam motivados pelo desejo sexual. Este foi o gancho para identificá-los e tornar possível o primeiro contato. Porém, na continuidade da conversa, houve grande dificuldade para direcionar questionamentos que fugiam do propósito estabelecido pelo contexto de interações e interesses do interlocutor, tornando muitos contatos indisponíveis na medida em que este propósito não era alcançado. Em geral, os diálogos iniciados por meio de aplicativos e redes sociais tendem a ser rápidos na comunicação de mensagens curtas e direcionadas. Quando se tratam de contatos sigilosos, torna-se ainda mais difícil romper o anonimato para estabelecer o diálogo e sua continuidade na interlocução. Nesse sentido, foram muitas as abordagens para constituir este resultado de perfis analisados. Na medida em que a comunicação foi correspondida, portanto, houve também a necessidade contínua de manutenção desses diálogos até alcançar um vínculo de comunicação mais expressiva, que levasse à realização de conversas e entrevistas.

No início da pesquisa de campo, o foco das conversas e entrevistas estava voltado ao perfil de homens cisgênero heterossexuais, em casamentos heteronormativos, mantendo relações homossexuais no sigilo e que estariam alinhados à ideologia de extrema-direita. Contudo, após as primeiras conversas e aproximações, percebeu-se que este perfil, ainda que presente no campo de interações, não estaria necessariamente disponível para o diálogo. Muito menos, estaria disposto a realizar uma entrevista. De qualquer forma, esta percepção foi concomitante à noção mais ampla e interseccional destes perfis de homens que fazem sexo com homens, no sentido de realizar as possíveis abordagens de acordo com a permeabilidade de cada perfil para a compreensão mais ampla do conjunto. Logo, observou-se que o contato com alguns interlocutores e o próprio conhecimento dentro de suas experiências de interação tornaria possível compreender os diferentes perfis e suas ligações espectrais alinhadas por práticas, códigos e intersubjetividades.

Para as três entrevistas realizadas, em duas houve o contato prévio a partir do aplicativo *Grindr* e uma a partir do contato presencial em espaço de socialização coletiva. Todas foram realizadas presencialmente. Foram escolhidos locais tranquilos e sem interferências que pudessem comprometer o diálogo. As três entrevistas foram aprofundadas e cada uma durou em torno de 1 hora, além das conversas mantidas antes e depois do tempo de gravação. Durante as entrevistas foram fornecidas as informações sobre a pesquisa e o termo de livre consentimento. Antes da autorização para a entrevista, cada participante foi informado de que, a qualquer momento e sem qualquer prejuízo, ele poderia retirar seu consentimento e desistir da conversa, mesmo depois da sua realização.

As perguntas norteadoras (Apêndice A) foram divididas em quatro blocos: (1) legitimação da entrevista, (2) informações gerais sobre o entrevistado, (3) experiências íntimas/sexuais com outros homens e, por fim, (4) sobre sua concepção política/ideológica. O caráter semiestrutural das entrevistas tornou possível obter respostas e comentários para além das perguntas realizadas.

As três entrevistas foram gravadas e transcritas para a realização da análise discursiva. Após a transcrição, o texto foi enviado para a revisão e considerações de cada entrevistado. Inclusões ou exclusões dos materiais coletados a partir das entrevistas foram disponibilizadas mediante a participação efetiva dos entrevistados, seu acordo pleno e contribuição, diante de todas as etapas de realização das entrevistas. As gravações e transcrições serão mantidas em sigilo para garantir o anonimato e o respeito às pessoas envolvidas nestes relatos.

Cada uma das entrevistas foi realizada, respectivamente, nas cidades de Erechim, Chapecó e Passo Fundo. As conversas prévias e posteriores favoreceram as interações e o conhecimento sobre cada entrevistado, além de seus pontos de vista quanto à temática desta pesquisa. Todos os entrevistados são considerados dentro do conjunto de homens que fazem sexo com homens. Dois deles já foram casados e, atualmente, estão divorciados. O terceiro se mantém casado com mulher, realizando seus encontros com outros homens no sigilo. Todos possuem filhos e são experientes no sentido da constituição do núcleo familiar. Dois entrevistados são coligados ao viés político de esquerda, enquanto o terceiro não se considera de esquerda, porém, mantém uma postura de oposição ao bolsonarismo. A síntese com o perfil dos entrevistados (Quadro 3) é apresentada a seguir, incluindo a data e a duração das entrevistas.

Essas entrevistas e conversas foram realizadas no período entre agosto/2023 e dezembro/2023, e contribuem para apresentar a narrativa desses homens e suas experiências homoeróticas. Além disso, também revelam percepções intersubjetivas sobre os perfis de HSH que se identificam com a ideologia de extrema-direita, aos quais não houve alcance para a

realização desta mesma aproximação. A partir dessas revelações, portanto, espera-se analisar e compreender outras interações, afetos e desejos presentes neste campo de investigação.

Quadro 3: Perfil dos três interlocutores entrevistados presencialmente.

Entrevista	1	2	3
Nome fictício	Rafael	Renato	Ricardo
Local onde mora	Erechim	Chapecó	Passo Fundo
Faixa de idade	45-50	50-55	50-55
Raça/Cor	Negro	Branco	Branco
Escolaridade	Mestrado	Especialização	Graduação
Atividade profissional	Instrutor técnico	Professor	Profissional liberal
Estado civil	Casado*	Divorciado**	Divorciado**
Com quem mora	Família	Sozinho	Sozinho
Religião	Católico	Católico	Católico praticante
Orientação política	Esquerda	Esquerda	Centro moderado
Orientação sexual	Heterossexual	Bissexual	<i>Gay</i>
Prática sexual HSH	Passivo	Ativo	Ativo
Data da entrevista	25/agosto/2023	8/dezembro/2023	13/dezembro/2023
Duração	01:05:04	01:04:44	00:54:19
* Casado: em relação estável, monogâmica, com filhos e heterocisnormativa.			
** Divorciado: de relação estável, monogâmica, com filhos e heterocisnormativa.			

Fonte: Autor (2024)

Listando os benefícios mais amplos desta pesquisa, tem-se: (a) validar as vivências singulares desses homens em suas relações e aproximações íntimas e afetivas com outros homens; (b) possibilitar a reelaboração de vivências e torná-las mais significativas pela oportunidade em falar (e ser ouvido) sobre elas; (c) demonstrar que tais experiências abrem um campo desconhecido de relações e mediações no campo das micropolíticas do cotidiano; e por fim, (d) compreender as condições de desejos legítimos sendo atravessados por modelos hegemônicos de comportamentos e intersubjetividades opressoras, trazendo, através das entrevistas, outras revelações não esperadas pela particularidade e ampliação destes espectros identitários, ideológicos e criativos de modos de constituir e transformar as masculinidades.

Para analisar as entrevistas e conversas utilizou-se a análise de discurso, de inspiração foucaultiana como método de interpretação dos dados (FOUCAULT, 2021; 1996). Na delimitação do campo teórico-metodológico o discurso surge como foco de análises. O discurso aqui é compreendido a partir de Michel Foucault (1996), como o conjunto de regras, enunciados, imagens e condições de apropriação implicados nos efeitos do poder, da verdade, da exclusão, da moralidade e da política.

O discurso, para Foucault (1996), representa uma significação momentânea, articulada entre diferentes agentes individuais e institucionais, que proliferam suas reflexões no fluxo de

ideias contingentes, as quais fogem de seu pertencimento e, ao mesmo tempo, marcam a realidade material de coisas inicialmente pronunciadas. No caso, Foucault problematiza o perigo da proliferação de discursos indefinidamente. Onde está o perigo diante do que é dito e assimilado na constituição da realidade?

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1996, p. 8-9).

Para Ferreira e Traversini (2013), com base na metodologia de análise foucaultiana, o discurso é o fio condutor para compreender e desvelar a trama complexa das relações socioculturais, apresentando não apenas a síntese da exterioridade, mas os caminhos internos que configuram a realidade em relações de poder e resistência, visibilidades e invisibilidades, loucuras e verdades. Também se considera a referência de Eni Orlandi para auxiliar na definição de princípios e procedimentos de análise discursiva, ao contextualizar o ambiente de interações e significações de cada pessoa em seus processos de identificação (ORLANDI, 2020).

Ao refletir a cartografia a partir das contribuições de Michel Foucault, espera-se deslocar o olhar da investigação para o que normalmente é visto como central, nuclear e essencial, dando atenção para o que é marginal, periférico e infame, desvelando, assim, a definição da sociedade pela relativa constituição de suas fronteiras (ALBUQUERQUE JUNIOR; VEIGA-NETO; SOUZA FILHO, 2011).

Assim, após a coleta dos dados junto aos participantes, as entrevistas transcritas foram analisadas em três etapas: na passagem do texto linguístico para o discursivo, depois na segmentação de categorias discursivas e, por fim, ao interpretar a enunciação dessas categorias como parte da formação ideológica do entrevistado a partir de suas redes sociais e intersubjetivas.

1.2 ESTRUTURA DO TRABALHO

O conteúdo relativo a esta dissertação inicia com o *Resumo*, o texto de *Apresentação* seguido da (1) *Introdução*, todos com a intenção de indicar o tema, a justificativa da pesquisa, sua problemática, objetivo, alguns conceitos do estado de conhecimento e tratar do campo interdisciplinar. Ainda na *Introdução* apresenta-se o subcapítulo (1.1) *Metodologia*, para apresentar a abordagem cartográfica e discorrer sobre sua organização e métodos de coleta de dados e análises discursivas e interseccionais. Na sequência, a pesquisa é dividida em duas

partes, a primeira tratando do referencial teórico e a segunda apresentando a pesquisa de campo na coleta de fontes primárias, principalmente, através de conversas e entrevistas.

Na *Parte-A* consta o referencial teórico dividido em três capítulos 2, 3 e 4.

Em (2) *Limites na incorporação de vozes dissidentes* discorre-se sobre a estrutura de dominação masculina vinculada ao conservadorismo, que atualmente rege a ação política da extrema-direita transnacional e do bolsonarismo no Brasil, mantendo proximidade com a ideologia de constituição de subjetividades neoliberais. Tal estrutura de conformação de valores morais tradicionais e autoritários, flertando com a estratégia fascista do século 20, reforça o contexto da guerra cultural e do pânico moral da extrema-direita no ataque direcionado contra movimentos sociais e grupos dissidentes dos regimes de submissão biopolítica, como os feminismos e as contrassexualidades.

Em seguida vem (3) *Desnaturalizar a masculinidade para compreender o seu realinhamento hegemônico*, onde se apresentam autores e referências dos estudos de masculinidade para a compreensão dessa estrutura hegemônica de dominação masculina. Assim, ressaltam-se as diferentes categorias de constituição identitária na relação entre os homens, ao criar este clube de privilégios (similar ao conceito/metáfora *casa-dos-homens*) no qual a masculinidade é condicionada ao próprio julgamento, coerção e regulamentação para dominar e controlar suas manifestações de desejos, emoções e dos jogos de poder em toda a sociedade.

O capítulo (4) *Intersecções e trocas permeadas por desejos e ocultamentos* trata das masculinidades marginais para mostrar suas implicações com o campo hegemônico de representação da virilidade, desejos, corporalidades e de novas práticas sexuais que desafiam o jogo heterocispatriarcal. Além de diferenciar os perfis masculinos, separando o macho masculinista de outras representações subalternas como *gays*, bissexuais, *g0ys* e heteroflexíveis (HSH), espera-se apontar as similaridades destas masculinidades e suas intersecções espectrais, muitas vezes, invisibilizadas pela percepção do masculinismo por meio do contraste.

Em relação à *Parte-B* serão apresentados os resultados da pesquisa cartográfica a partir de fontes primárias na intenção de estudar, por etapas de aproximação, os perfis de *homens que fazem sexo com homens* e suas narrativas particulares. Destacam-se os aspectos que reúnem estes homens cisgêneros em suas aventuras sexuais e afetivas com outros homens, construindo subjetividades e interações a partir de desejos e conflitos situacionais. Nesta aproximação cartográfica serão trabalhados três conjuntos de dados para compreender os perfis de HSH, divididos nos capítulos 5, 6 e 7.

Em (5) *Discursos por imagens e textos em redes sociais digitais* analisam-se aplicativos e sites de relacionamento para compreender os diversos perfis e seus discursos a partir de imagens e textos utilizados nesta comunicação. Também se identificaram vários códigos, que foram divididos em categorias para apresentar os resultados de análise. No capítulo (6) *Armário expandido como zona de conflitos subjetivos* foram selecionados quinze perfis de contatos diretos com homens cisgêneros, identificados como *gays*, bissexuais e heterossexuais, para o entendimento de suas retóricas, desejos e abordagens na comunicação ou no silenciamento. Para fechar esta parte, o capítulo (7) *Armário expandido como zona de alianças intersubjetivas* traz a análise das três entrevistas semiestruturadas realizadas, cujo interesse é aprofundar a compreensão nos discursos sobre estas relações HSH, permeadas por experiências pessoais e expectativas positivas de superação das desigualdades e dos sofrimentos intersubjetivos, bastante presentes nestas relações.

Ao final desta estrutura dissertativa, portanto, segue o texto de (8) *Conclusão* do trabalho e indicam-se os dados completos das *Referências* bibliográficas.

PARTE - A

[O masculinismo rearticulando o jogo heterocispatriarcal – *Referencial teórico*]



Figura 2: Pintura de Fabián Cháirez, artista mexicano

Título: Bixa - 90x60cm; Óleo sobre tela, 2022

@fabian_chairez

2 LIMITES NA INCORPORAÇÃO DE VOZES DISSIDENTES

A retórica conservadora, masculinista e populista da extrema-direita para salvaguardar as regras neoliberais e tornar o jogo heterocispatriarcal uma experiência resiliente para todas as pessoas subordinadas por injustiças, dominações e hierarquias.

Contextualiza-se aqui o crescimento da extrema-direita no Ocidente, pela política populista e em defesa do nacionalismo, especialmente com o bolsonarismo no Brasil, devido à crise do *establishment* liberal de esquerda (ou da democracia liberal) e da precarização do estado democrático de direitos na atualidade. Busca-se apontar que esta limitação da atuação do estado democrático liberal, economicamente neoliberal e socialmente a favor dos direitos humanos, vem se desintegrando pela falta de pacto político entre os diferentes representantes multipartidários, supostamente, devido ao surgimento de novas representações socioculturais e identitárias que relativizam a condição igualitária - isto é, no campo de disputas entre homens brancos, heterossexuais e bem-sucedidos - como prerrogativa para o embate político pautado pelo liberalismo desde sua concepção utópica na modernidade (MIGUEL, 2021; ŽIŽEK, 2018; IASI, 2015).

Neste realinhamento atual contra o estado democrático, destaca-se o processo de proeminências identitárias e performativas de masculinidades agressivas como parte da ampla estratégia política, moralista e neoliberal de desmantelamento da sociedade, dos direitos humanos e dos movimentos contrassexuais de resistência. Assim, ao se observar as representações de lideranças governamentais de homens médios, brancos, cis-heteronormativos e autoritários em países como Estados Unidos, Hungria e, principalmente, no Brasil, através de reportagens e referências bibliográficas, constata-se que essas manifestações têm em comum o caráter identitário masculinista e o negacionismo como estratégias de combate às pluralidades socioculturais, especificamente aquelas compostas por mulheres, negros, indígenas e (pós)identidades LGBTQIAPN+.

Sem considerar necessariamente como crise identitária, parte-se da noção de que a estrutura de dominação masculina constituída por tais líderes e amplificada por seus/suas seguidores/as se define por dinâmicas de reestruturação corporativa e representacional, atravessadas por cumplicidades, ressentimentos e disputas estratégicas. Como será visto, tal situação procura desestruturar a condição de bem-estar social ao permitir a ascensão de homens médios e obtusos na linha de frente de ações violentas, irracionais e não dialógicas com

intenções destrutivas contra as políticas públicas, os direitos humanos e o espírito criativo pós-identitário.

Para Luis Felipe Miguel (2021), este contexto de mudanças para a democracia liberal representativa – definidas a partir da segunda metade do século 20 pela competição eleitoral multipartidária, o sufrágio universal, a divisão de poderes, os direitos de cidadania e as liberdades individuais – foi suplantado no começo do século 21 por medidas extremistas de líderes autoritários para restringir os direitos sociais e cercear a pluralidade de pensamentos. Líderes estes que chegaram ao poder por meio de processos eleitorais formalmente democráticos, como aconteceram na Hungria, Rússia, Turquia, Israel, Índia e Filipinas, além do caso do Brasil com o (des)governo bolsonarista.

Esta suposta abertura progressista experimentada pela democracia liberal ocidental desde o período Pós-Segunda Guerra até o fim da Guerra Fria, de certa forma gerou ressentimentos entre os grupos mais conservadores da média burguesia, ainda que alinhados aos pressupostos de ascensão neoliberais da concorrência individual e da meritocracia (SOUZA, 2024; KEHL, 2020; BROWN, 2019).

O próprio crescimento dos movimentos sociais, principalmente, da ampla visibilidade espectral dos feminismos e dos movimentos LGBTQIAPN+ na cultura ocidental, trouxe junto a possibilidade de criar o bode expiatório para os problemas de disrupção dos valores morais, da preservação da família tradicional e do dissenso sociocultural de engajamentos identitários contrassexuais. Tal impacto de representações socioculturais gerou um alerta entre conservadores, tanto líderes políticos de direita, representantes militares quanto religiosos neopentecostais. Dessa forma, a partir destes moralizadores, surgiu a necessidade de produzir inimigos da sociedade para fundamentar seus argumentos de estigmatização do outro no intuito de gerar engajamento político e manter a mobilização permanente das massas de seguidores. Portanto, a insatisfação desses grupos civis e institucionais conservadores, aliados à direita política, tornou-se a base populista da sociedade que apoiou (e ainda apoia) tais líderes políticos autoritários. São ações com suas tendências de guerrilha cultural mantidas sob a retórica do ódio e a dissonância cognitiva coletiva, na delimitação mais radical da direita como viés político e ideológico na atualidade (ROCHA, 2023; PEREIRA; SIERRA, 2020; BROWN, 2019; MIGUEL, 2015).

A defesa desses valores morais tradicionais, da guerra cultural e da retórica de ódio mantida por esses governos, portanto, diz respeito ao discurso da extrema-direita mundial, que faz uso da violência "abertamente exaltada como forma de resolução das desavenças", da depreciação da igualdade e da autonomia individual "em nome da nostalgia por uma ordem

social hierárquica rígida” e, por fim, do "apelo ao 'mérito" como justificativa para a "condenação de muitos à privação e à opressão", reacendendo discursos racistas, xenofóbicos, misóginos e homofóbicos de forma ostensiva (MIGUEL, 2021, p. 3).

Diante disso, além da mobilização popular de lideranças políticas e dogmáticas, a atual transformação do capitalismo por meio da nova razão de mundo neoliberal poderia ser vista como fator preponderante para financiar e impulsionar o desmantelamento de políticas públicas e da perda de credibilidade da soberania popular em prol da meritocracia e da livre concorrência permanente (entre empresas e indivíduos), como medidas radicais de governo da população.

O sistema neoliberal de orquestração dessa estrutura de trocas e compartilhamentos da economia material, simbólica e territorial também se reconfigura nessa estrutura de dominação e subordinação subliminar na vida cotidiana, interpretada pelos meios de educação e comunicação como algo inescapável para o desenvolvimento. Assim, apesar de este sistema tornar evidentes as desigualdades sociais, as injustiças trabalhistas e a desumanização do trabalho, tais consequências são vistas, em geral, como efeitos determinados pelo crescimento econômico e tecnológico enquanto valores inquestionáveis para o (pseudo) desenvolvimento da humanidade.

De qualquer forma, são vários os elementos a compor este quadro atual, a partir do qual destaca-se o recrudescimento dos valores éticos e dos direitos humanos, ao mesmo tempo em que a dominação masculina (de base heterocispatriarcal) é retomada como imposição hierárquica e simbólica pela frente masculinista da direita radical, resultando no realinhamento de autoritarismos cotidianos.

2.1 ESTRUTURAS DE DOMINAÇÃO CORPORATIVA

Em geral, as representações masculinas dominam as estruturas de poder institucional, que são naturalizadas dentro de alianças hierárquicas, mais especificamente, na conformação dos cargos políticos. Assim, a partir das referências de Pierre Bourdieu sobre os efeitos da reprodução social (ao invés da transformação), da manutenção de *habitus* e, até mesmo, da dominação masculina, Luiz Felipe Miguel (2015) interpreta a realização de um campo político contemporâneo que alimenta sua estrutura de decisões e centralidades decisórias com acordos junto as novas representações sociais, porém, no funcionamento contínuo sobre a mesma concepção de valores que perpetuam sua estrutura de controle e poder. Provavelmente, uma estrutura de representantes que atendem majoritariamente o perfil masculino e cisgênero. Desse modo, pela experiência política que marca a modernidade, com o respaldo da ideologia

liberalista e sob a visão crítica da ética socialista (também sujeita ao viés ideológico do masculinismo), é possível compreender esse campo marcado por normativas (nem sempre associadas como lei) e padrões discursivos que não abrem precedentes para os seus processos de transformação, no sentido de abertura para novos modos de conduzir e administrar a esfera pública pela democracia (MIGUEL, 2015).

Por esta referência da sociologia francesa, Miguel analisa os mecanismos de reprodução das estruturas sociais, mais especificamente, na conformação da política. Assim, pela visão realista de Bourdieu, compreende-se que as atuações de integrantes em um campo político de enquadramento de discursos e ações dissonantes geram efeitos de redução do dissenso pela reprodução das conformidades normativas, das expectativas dominantes e dos padrões discursivos. Sendo assim, tal campo de interações políticas divide os sujeitos entre aqueles ativos no domínio dos códigos do campo e os demais subordinados à sua reprodução, na medida em que lhes é ofertado como opção códigos e condutas a serem reproduzidas com resiliência. Com esta conformação de ligações seletivas, os processos de transformação social a partir do campo da política revelam sua complexidade e engessamento diante da reprodução (ou perpetuação) de hierarquias sociais e de seus mecanismos para manter essa estrutura de dominação (MIGUEL, 2015).

Esse autor aponta que, para se inserir nessas estruturas institucionais de poder já consolidadas, existe muita dificuldade a ser superada. Esta impossibilidade, em geral, nega a participação de outras frentes políticas com reduzida capacidade de universalizar suas demandas e interesses. Por isso, "o resultado é que a retórica universal tende a ser monopolizada por alguns grupos, enquanto outros têm suas preocupações estigmatizadas como particulares, parciais e egoístas" (MIGUEL, 2015, p. 208).

Ainda, para Miguel (2015, p. 200), o ponto fundamental de discussão estaria no caráter da "obediência política" naturalizada e imposta como "dever de obediência dos governados diante dos governantes". Por outro lado, a obediência voluntária de supostos indivíduos livres também é problematizada pelo autor ao considerar que, para ser perpetrada a dominação, é comum haver o consentimento daquelas pessoas subordinadas. Essa condição sedimenta-se na medida em que, para se aproximar do sistema dominante, seria mais eficaz se adaptar às regras estabelecidas pelo poder do que requerer uma postura autêntica. Portanto, são nessas artimanhas de reprodução e resiliência, pela naturalização do poder político por corporações dominantes (grupos partidários, jogos de influência, corporativismo entre políticos e empresários etc.), que as hierarquias sociopolíticas são legitimadas. Miguel (2015, p. 199) completa que "as vantagens advindas da situação social daqueles que se encontram em posição privilegiada [portanto]

passam a ser vistas como atributos inatos dos agentes, qualidades que justificam suas pretensões de *status* e mando", principalmente, em se tratando de homens conservadores, brancos, cis-heterossexuais e ricos.

2.2 REPRESENTAÇÕES TRANSNACIONAIS DE MASCULINIDADES CONSERVADORAS E AUTORITÁRIAS

Na abrangência do termo, o conservadorismo pode ser compreendido como uma expressão política em defesa de princípios tradicionalistas, de difícil caracterização histórica e relativamente autônoma, que surge como contraponto aos ideais progressistas (CASSIMIRO, 2017). Também é possível identificá-lo como uma tendência do pensamento político em atuar de forma contrária aos processos de transformação da sociedade sob a justificativa de preservar valores e tradições considerados superiores nos moldes da estrutura de vida de períodos precedentes (TRIGUEIRO, 2015).

Dependendo do contexto político e cultural, algumas manifestações conservadoras podem assumir posicionamentos mais autoritários, fundamentados por costumes ou doutrinas, normalmente, em defesa da propriedade, das instituições e da hierarquia social. Neste caso, a imposição extrema dessas ideias conservadoras, na configuração de um regime totalitário, poderia ser identificada como fascismo. Assim, ao abordar o fascismo enquanto medida autoritária de governo e repressão social, faz-se referência ao conceito apresentado pelo filósofo norte-americano Jason Stanley (2019), para quem o fascismo é uma ideologia de domínio totalitário, antidemocrática e corruptiva. Para esse autor, as articulações políticas e conservadoras, que levam ao fascismo, são influenciadas pelos seguintes tópicos: busca do poder como objetivo, da lealdade como vinculação entre os agentes conservadores e do medo como parte do pânico moral de desestabilização das relações de paz e entendimentos entre as diferenças identitárias e culturais (raciais/étnicas, de classe social, gênero e sexualidades) dos grupos populacionais (STANLEY, 2020; 2019).

Segundo Löwy (2015), entretanto, não se pode comparar os regimes fascistas surgidos a partir de 1930 com as atividades políticas da extrema-direita conservadora da atualidade, devido aos diferentes contextos econômicos e culturais entre os dois períodos. Para ele, a diferença está no fato de as políticas fascistas dos anos de 1930 terem contado com maior defesa do nacionalismo econômico, sofrerem mais reação de partidos políticos antifascistas (marxistas e anarquistas) e terem um posicionamento menos aberto para o racismo (com exceção da Alemanha) do que na atualidade. De acordo com o autor, naquela época as correntes

conservadoras atuaram com diferentes graus de radicalidade, tendo o nazismo e o stalinismo como forças fascistas mais destrutivas do que os regimes ditatoriais ocorridos na Península Ibérica (LÖWY, 2015). Ainda assim, a partir de Stanley (2020) recorre-se a uma leitura atualizada do fascismo como medida autoritária extrema, possível de ser implementada na atualidade por uma nova estética de articulações necropolíticas.

Com a virada para o século 21, vêm crescendo diferentes nuances do conservadorismo extremista em países ocidentais. A ascensão política e eleitoral do conservadorismo de extrema-direita, racista, xenófobo, fascista e antigênero tem percorrido os Estados Unidos, de norte a sul, quase todo o continente Europeu, inclusive na Hungria e na Polônia, e em vários países da América Latina, com destaque para o Brasil. Ao mesmo tempo, devido às mobilizações sociais e institucionais tradicionais, esse fenômeno não pode ser explicado apenas como reflexo da crise econômica de 2008, na medida em que, coincidentemente após esse período, surgiram as primeiras organizações extremistas de oposição ao avanço dos direitos sexuais e reprodutivos na Europa e América Latina (MISKOLCI; CAMPANA, 2017; LÖWY, 2015).

Nos Estados Unidos, as coalizões partidárias de direita e extrema-direita obtiveram maior participação política desde o início do governo de Donald Trump, a partir de janeiro de 2017. Mesmo sem representar a maioria política do país, estas frentes partidárias republicanas legitimavam a distorção da opinião pública sobre a precarização das condições de vida, com base no direito liberal clássico e na meritocracia, defendendo a retomada de valores tradicionais e o nacionalismo (branco e burguês) norte-americano – com retórica distinta das propostas de Barack Obama e em detrimento dos direitos civis já estabelecidos. Nesse sentido, o governo Trump manteve a aparência do sistema democrático e participativo, porém, articulando medidas disruptivas e reacionárias pela reinterpretação dos direitos civis por uma perspectiva de retrocessos, e não pela participação política efetiva dos movimentos socioculturais. Essa visão distorcida do nacionalismo trumpista tem exercido influência em vários países europeus e latino-americanos, colaborando para uma grande onda de retóricas fascistas (INATOMI, 2019).

Essa influência dos acontecimentos norte-americanos em outros países pôde ser constatada durante as manifestações antirracistas ocorridas em junho de 2020, após George Floyd, um norte-americano negro, ter sido morto por um policial branco em Mineápolis. As longas manifestações que ocorreram pelas ruas dos EUA em pleno período de Pandemia da Covid-19, sob o lema *I can't breathe* (Eu não posso respirar), foram seguidas em diversos outros países do mundo, na Europa, América Latina e Ásia. Enquanto isso, Trump fez jogo duro diante da comoção coletiva e se posicionou, claramente, ao condenar as manifestações promovidas, inclusive, por grupos antifascistas, como o Antifa. Devido à grande ocorrência de saques e

vandalismos durante as manifestações, o presidente “da lei e da ordem” ameaçou classificá-los oficialmente como atos terroristas (MARS, 2020; MARS; GUIMÓN, 2020; BUTLER, 2018).

A ascensão política e eleitoral de forças de extrema-direita é um fenômeno que não pode ser explicado apenas pela crise econômica. Segundo Michael Löwy (2015), por quase todo o continente europeu nota-se o espetacular levante da extrema-direita, sem precedentes desde os anos de 1930, apesar de as conjunturas atuais serem distintas da experiência fascista do século 20. Além do eleitorado, as influências ideológicas extremistas europeias influenciam também os partidos de direita não extremistas e neoliberais. Apesar do sistema democrático predominante nos governos atuais destes países, dois dos mais atingidos por essa força extremista são Portugal e Espanha, ainda que os partidos de extrema-direita não alcancem ali a maioria dos representantes legislativos. Ao mesmo tempo, o conservadorismo também é atuante em países que pouco sofreram com a crise econômica, como é o caso da Suíça e da Áustria. Assim, segundo Löwy (2015), existem muitas diferenças nas conjunturas entre o passado e o presente na medida em que as correntes de extrema-direita europeia da atualidade são muito diversas, variando entre partidos abertamente neonazistas (como na Grécia) a forças burguesas integradas ao sistema político institucional (como na Suíça). Entretanto, independentemente dos processos de transformação que vêm passando, as diferentes facções da extrema-direita europeia representam uma ameaça real à democracia (LÖWY, 2015).

Entre os movimentos conservadores e nacionalistas europeus, destaca-se a atmosfera extremista da Hungria, liderada pelo primeiro ministro Viktor Orbán, do partido nacional-conservador, que ocupa esse cargo desde 2010 com o apoio da maioria dos votos parlamentares. A suposta mistura de democracia não liberal e autoritarismo surte efeito particular na Hungria, em parte, devido às suas coalizões entre a União Europeia (da qual o país é membro) e os regimes autoritários da Rússia e da Turquia, com quem divide semelhanças. Nesse contexto, a filósofa Agnes Heller (2019) qualifica o império de Orbán de tirania, uma vez que considera se tratar de um novo fenômeno político. Na compreensão particular desse modelo de governo totalitário é possível destacar a conciliação de medidas autoritárias e a redução dos benefícios sociais combinadas com a construção de políticas da identidade. Segundo a autora, "essas políticas (no plural) diferem muito umas das outras, dependendo do tipo de identidade no qual se fundamentam" (HELLER, 2019, p. 5). No caso de Orbán, essas políticas estariam pautadas pela identidade nacional contingente, vinculada à etnia húngara. Contudo, seu extremismo ideológico reconhece e diferencia a superioridade exclusiva de seus apoiadores como parte dessa identidade, enquanto desconsidera como húngaros todos os membros de oposição. Assim,

os que não estão a favor da tirania de Orbán são desonrados e estão contra o país (HELLER, 2019).

Ao mesmo tempo, a agenda política contrária aos estudos de gênero e sexualidades perpetrada na Hungria vem sendo imposta paulatinamente com base na naturalização obtusa da família cis-heteropatriarcal como parte significativa da identidade nacionalista. Assim, para incentivar e controlar as taxas de natalidade são implantadas medidas políticas e sociais de redução do trabalho profissional feminino e de permanência das mulheres no ambiente doméstico (FÉLIX, 2015). Nessa mesma linha de medidas autoritárias, em maio de 2020 o governo ultraconservador de Orbán propôs a proibição de alterar o nome e o gênero em documentos de identidade de transgêneros, acirrando a discriminação contra a ambivalência de gênero e sexualidades no país e incrementando a proposta ideológica fascista de combate ao que chamam de *ideologia de gênero* (DA REDAÇÃO, 2020).

Tão recorrente quanto na Europa, a agenda antigênero na América Latina vem sendo produzida pela delimitação dos discursos e argumentos de combate aos estudos de gênero e sexualidades produzidos pelos meios acadêmicos, intelectuais e artísticos. Sua invenção como ideologia teve início com a oposição religiosa ao avanço dos direitos sexuais e reprodutivos a partir dos anos de 2008, conforme aponta a pesquisa de Miskolci e Campana (2017). Para estes autores:

Na América Latina, o livro de Scala [*La ideología de género. O el género como herramienta de poder*] teve influência importante, sendo o combate contra o que denomina como “ideologia” o que justificou manifestações que vão desde movimentos a favor da família tradicional até manifestações contra políticos de governos de esquerda (MISKOLCI; CAMPANA, 2017, p. 726).

Ao longo dos últimos vinte anos, portanto, os empreendedores da moralidade criaram a *ideologia de gênero* como inimigo central do pânico moral cristão, que passou a figurar os discursos partidários de congregações políticas mais conservadoras e fundamentalistas, principalmente, nos países do cone sul latino-americano. De acordo com Miskolci e Campana (2017), essas reações contra o conceito de gênero, a partir de 2010, também desencadearam reações não apenas contra os partidos de esquerda, tidos como comunistas, mas também contrários aos governos das primeiras mulheres presidentes na América Latina, como no caso do Chile, Argentina, Costa Rica e Brasil. Desse modo, a influência desse campo de disputas envolvendo o pânico moral antigênero determina o pensamento extremista de boa parte dos governos conservadores latino-americanos, ao mesmo tempo em que delimita a representação identitária extrema da masculinidade hegemônica (cis-heterossexual, ríspida e branca), ao resgatar a noção binária nítida entre homens e mulheres, cis-heterossexuais e dissidentes, que

se apresentava diluída pelos discursos acadêmicos sobre a diversidade sexual, a mestiçagem dos povos latinos e as variações culturais e (pós)identitárias das expressões de gênero (MISKOLCI, 2018; MISKOLCI; CAMPANA, 2017).

No Brasil, essa coalizão contrária às políticas de diversidade sexual e reprodutivas foi iniciada por mobilizações de representantes católicos, mas só ganharam força devido ao apoio de grupos de interesse evangélicos e laicos. Ainda que o movimento contrário ao conceito de gênero tenha sido suficiente para produzir o pânico moral em defesa da família tradicional, o que realmente efetivou a reação forjada de medo e mobilizou grupos políticos foi o reconhecimento legal da união de homossexuais pelo Supremo Tribunal Federal brasileiro, em 2011. Essa ação desencadeou a reação de representantes políticos e foi encabeçada pelo então deputado Jair Bolsonaro (e depois presidente do Brasil), com o apoio de congressistas católicos e agnósticos conservadores, além de outros deputados da chamada bancada evangélica. Por volta de 2014, os questionamentos da chamada “ideologia de gênero” foram incorporados aos debates sobre o novo Plano Nacional de Educação para justificar a suposta ameaça da educação sexual nas escolas. Assim, foi por meio de amplos debates sobre os planos educacionais pelo país que o campo de estudos sobre gênero e sexualidades tornou-se uma ameaça às famílias e às crianças. Por motivos diferentes e sob essa mesma bandeira, os empreendedores morais se uniram contra o avanço dos direitos sexuais e, particularmente, para frear os avanços do reconhecimento da diversidade de gênero e o combate à homofobia (MISKOLCI, 2018). Enfim:

O espectro "ideologia de gênero" delimita um campo discursivo de ação que podemos reconhecer como unindo imaginariamente uma suposta ameaça de retorno do comunismo ao pensamento acadêmico feminista estabelecendo um enquadramento da política em torno do medo de mudanças na ordem das relações entre homens e mulheres e, sobretudo, da extensão de direitos a homossexuais (MISKOLCI, 2018, p. 7).

Recentemente, as coalizões envolvendo a radicalização, a criminalização da ação política e o empobrecimento do debate sobre políticas públicas tornaram-se parte dos meios necessários para a eleição de Jair Bolsonaro à presidência do Brasil, em 2019 (PAIVA, 2019). Além disso, é importante reconhecer a estratégia de Bolsonaro no uso das polêmicas declarações machistas, racistas e de ódio às minorias sexuais, para alcançar projeção nacional e angariar um significativo contingente de seguidores e eleitores brasileiros, muitos deles afins ao viés conservador formado por entidades militares/paramilitares e neopentecostais. Como efeito colateral dessa representação política, torna-se notório o aumento das manifestações cotidianas de discursos de ódio, tanto nas mídias sociais quanto nas ruas e espaços públicos. Esses aspectos de falta de respeito, ausência de cordialidades e rejeição ao pensamento

igualitário dizem respeito à formação do discurso ideológico bolsonarista e ao espírito reacionário da extrema-direita transnacional.

2.3 NOTAS SOBRE O AUTORITARISMO BRASILEIRO: dos integralistas à ditadura militar

Este autoritarismo, de base patriarcal, também é parte da conformação histórica da sociedade brasileira. Junto com o racismo estrutural advindo do sistema escravocrata, das desigualdades, corrupções e intolerâncias socioculturais, das violências e preconceitos perpetrados na constituição tardia da modernidade brasileira, o Brasil está longe de ser um país pacífico e igualitário, a despeito das tentativas de naturalizar uma imagem de país amistoso e isento de conflitos sociais (SCHWARCZ, 2019).

Não é por nada que hoje, segundo Lilia Schwarcz, surfamos uma onda conservadora no Brasil:

Afinal, uma certa demonização das questões de gênero, o ataque às minorias sociais, a descrença nas instituições e partidos, a conformação de dualidades como 'nós' (os justos) e 'eles' (os corruptos), a investida contra intelectuais e imprensa, a justificativa da ordem e da violência, seja ela produto do regime que for, o ataque à Constituição e, finalmente, o apego a uma história mítica, fazem parte de uma narrativa de mais longo curso, a qual, no entanto, tem grande impacto no nosso contexto nacional e contemporâneo (SCHWARCZ, 2019, p. 25-26).

O conservadorismo brasileiro contemporâneo, em defesa da moral, do nacionalismo originário e ruralista, remonta à ideologia política da *Ação Integralista* brasileira sob a liderança de Plínio Salgado, nos anos 1930. Este fenômeno reacionário e pequeno-burguês, talvez, represente o primeiro movimento político brasileiro de retrocessos ao processo de democratização e subdesenvolvimento de um país pré-industrial e socialmente marcado pelo contraste entre homens brancos elitizados e um contingente de pobreza miscigenada, em contexto histórico sob a influência dos ideais nazifascistas da Europa (CHASIN, 1978).

De acordo com José Chasin (1978), a ação integralista tinha como pressuposto os ideários pautados pelos modos de vida ruralistas, enquanto valores espirituais a serem mantidos para a ação política das classes dominantes brasileiras. Esta utopia de Plínio Salgado, flertando com as ideologias totalitárias europeias, de alguma maneira, foi mantida como ideário conservador da elite brasileira ao longo do século 20, ressurgindo com novas imposições de valores morais/cristãos, ordem social e bons costumes com a ditadura civil-militar, principalmente, no período de sua instauração entre 1964 e 1985. Este período de extremo autoritarismo no Brasil representa o início de uma guerra cultural, basicamente, entre progressistas e conservadores, principalmente, diante da maior abertura aos modos de vida não

regrados pelas convenções morais. Nesse sentido, ainda que as justificativas conservadoras da época justifiquem a influência comunista como inimigo comum da sociedade brasileira, várias ações de repressão e banimento da diversidade de comportamentos e desejos dissidentes foram difundidas pela ação militar durante este regime ditatorial brasileiro (ROCHA, 2021; QUINALHA, 2018A; CHASIN, 1978).

Entre publicações recentes, Renan Quinalha (2018a) revela as imposições morais e políticas contra as dissidências sexuais perpetradas durante a ditadura militar e civil brasileira. Pela análise do autor, ainda que sejam poucos os documentos comprovando medidas oficiais de banimento e repressão contra a homossexualidade e a transgeneridade, boa parte dos Atos Institucionais estabelecidos neste regime estiveram diretamente atrelados à estrutura moral e política de constituição da ordem autoritária estabelecida pelo regime militar e com amplo apoio de uma classe média formada por "católicos conservadores, grupos femininos de direita, moralistas de ocasião, grandes proprietários rurais e outros ramos do empresariado, bem como outras camadas das classes médias insufladas pelo discurso de combate à corrupção e à ameaça comunista" (QUINALHA, 2018a, p. 18). Nesta retórica de perseguição aos inimigos comuns da sociedade cristã, da família e da propriedade, as representações ligadas às dissidências sexuais e de gênero foram amplamente perseguidas e atacadas em favor de uma autêntica ordem ditatorial (tanto pública quanto privada) de combate à subversão e às ideologias contrárias às *tradições do povo brasileiro*, conforme o texto do AI-5, outorgado em 1968 (QUINALHA, 2018a).

Apesar do trauma provocado pela ditadura à sociedade brasileira, a influência dos militares em decisões políticas no Brasil permanece uma constante. Qualquer semelhança dos discursos proferidos por Bolsonaro com essa retórica moralista da ditadura militar brasileira reflete a intenção de dar continuidade ao controle de corpos e desejos. “A patrulha moral do passado se concretiza em signos vazios e transbordantes entoados como mantras: ‘Escola Sem Partido’, ‘ideologia de gênero’, ‘kit gay’, ‘maioria contra minorias’ e ‘defesa da família’” (QUINALHA, 2018b, p. 24). Ou seja, o bolsonarismo é a atualização desta sexopolítica repressiva em garantir privilégios ao homem branco, heterossexual, cisgênero e proprietário, reagindo com base em injúrias e violências simbólicas perante as lutas e movimentos contrassexuais e feministas no Brasil.

Ao reiterar a ameaça de um estado comunista e desencadear o pânico moral pela desinformação de seus seguidores, o bolsonarismo, representando a extrema-direita brasileira na atualidade, reacendeu os pressupostos obscuros da doutrina de segurança nacional e realinhou a participação de militares em cargos ministeriais do executivo durante o mandato

presidencial de Jair Bolsonaro (2018-2022). Assim, com base na ordem social hierárquica e desigual constituída pela masculinidade autoritária de seus líderes, foram instituídas campanhas de pânico moral e retórica de ódio na implementação da guerra cultural da extrema-direita, ao justificar o combate ao inimigo comum para a implementação de um regime autoritário de narrativas e fatos alternativos, com retóricas ainda mais excludentes, elitistas e violentas contra os interesses humanitários e a democracia liberal do que foi a ditadura civil-militar pregressa (BORTOLINI, 2021; ROCHA, 2021).

Baghini e Sepulveda (2022) complementam esta análise histórica e atual tratando da influência de entidades e indivíduos vinculados aos pressupostos conservadores no Brasil, ao atuarem como políticos de direita radical e representantes da frente neopentecostal, que buscam interferir sumariamente no ideário privatista, em especial, na precarização da estrutura pública de educação a ser incorporada por um sistema de privatizações. Os autores também destacam a atuação do poder privativo de entidades bancárias e pseudofilantrópicas sobre as instâncias de bem comum e, em decorrência, ressaltam o desmonte das conquistas sociais e de políticas públicas do Estado brasileiro por uma visão meritocrática, de base neoliberal. Assim, segundo os autores, estes representantes fundamentalistas, também vinculados a grupos empresariais, têm na manutenção moral da suposta ordem familiar conservadora (monogâmica e heterocisnormativa) a justificativa de base para lançar frentes contra o aborto e o relacionamento homossexual, principalmente, no âmbito escolar. Exemplos disso são as campanhas realizadas em prol da "Escola sem Partido", contrária à suposta "ideologia de gênero", e do *homescholling*, sob o argumento de garantir o direito parental de educar e, ao mesmo tempo, evitar a "doutrinação comunista" mantida por professores esquerdistas do ensino público (BAGHINI; SEPÚLVEDA, 2022, p. 29). Nas palavras complementares desses autores:

Este grupo considera o ensino público e os processos escolarizados como terreno de batalha para a manutenção de valores tradicionais ou francamente reacionários. Enxerga a escola como lugar da conservação, impedindo a criação de outras tradições curriculares, como a ampliação do conceito de família. Ainda intensificam a sua interferência com a pregação de destruição do ensino público por sua configuração estatal, principalmente ao renegar as pautas voltadas à diversidade social e de orientação de gênero (BAGHINI; SEPÚLVEDA, 2022, p. 29).

Desde o golpe contra Dilma Roussef em 2016, tais coalizões envolvendo a radicalização do discurso, a criminalização da ação política¹², a erradicação dos direitos humanos e o

¹² A criminalização da ação política pode ser explicada como processo político e jurídico de deslegitimação da participação de movimentos sociais, partidos progressistas e figuras públicas da esquerda, através de ferramentas para eliminar juridicamente adversários políticos, como foi a Operação Lava Jato, estigmatizar a legitimidade dos movimentos sociais, como o MST e os feminismos, e criar narrativas midiáticas para enfraquecer a confiança pública em relação aos adversários políticos.

empobrecimento do debate sobre políticas públicas e ambientais tornaram-se parte dos meios necessários para a eleição de Jair Bolsonaro à presidência do Brasil em 2019 (PAIVA, 2019). Novamente, é importante reconhecer a estratégia bolsonarista no uso das polêmicas declarações machistas, racistas e homofóbicas, para alcançar projeção nacional e angariar um significativo contingente de seguidores – seguindo a retórica de Donald Trump quando assumiu a presidência dos Estados Unidos em 2017 e sendo seguido por Javier Milei, com seus discursos polêmicos antes da vitória das eleições presidenciais na Argentina, em 2023. Como efeito colateral dessas representações políticas da extrema-direita, é notório o aumento da repressão, da violência e dos discursos de ódio nestes países, tanto nas mídias sociais quanto nos espaços públicos (MONTANINI, 2023; ROCHA, 2021).

Esses aspectos de falta de respeito, ausência de cordialidades e rejeição ao pensamento igualitário, portanto, estão alinhados à base ideológica bolsonarista, deflagrando a versão da guerra cultural brasileira. Ao comentar sobre o impacto da extrema-direita bolsonarista na opinião da sociedade brasileira, João Cezar de Castro Rocha esclarece:

A extrema direita, especialmente nas redes sociais, também é um modelo de negócio bem-sucedido. E isso no varejo. Como vimos, uma legião de microempreendedores ideológicos – o MEI da era Bolsonaro! – surgiu na esteira do fenômeno, aumentando de forma inédita a penetração de ideias reacionárias em todos os níveis da sociedade brasileira e numa celeridade que não foi antevista por ninguém (ROCHA, 2023, p. 176).

Com a trágica experiência de Bolsonaro na presidência e a permanência da dissonância cognitiva bolsonarista em mídias alternativas e milícias digitais, com notícias falsas e teorias conspiratórias, observa-se que a cultura brasileira dissimula o sentimento de autoridade em suas origens como parte da própria formação do país e como vício estrutural desencadeado por várias pessoas (homens e mulheres, aristocrata e cidadãos comuns) na manifestação pública de sua suposta superioridade e na rejeição da igualdade. Essas reações violentas e autoritárias revelam tanto a distorção de comportamento quanto o desinteresse pela convivência em regime de equidades socioculturais. Ou seja, o rechaço ao igualitarismo e o abismo sociorracial no Brasil revelam uma interpretação ignóbil para as representações de hierarquia entre as pessoas, confirmando a não resolução da contradição entre o senhor e o escravo na estrutura republicana do país. Essa reação violenta e autoritária, portanto, evoca tanto a distorção de comportamentos sociáveis quanto a incapacidade de agir em um estado democrático (ROCHA, 2022; VILARDAGA, 2020).

Completando sobre esta amplificação retórica nos modos de vida atuais, para Vicente Vilardaga (2020) a noção incutida no comportamento autoritário de brasileiros e brasileiras

estaria pautada no senso comum de se aplicar ordens para estabelecer o domínio enquanto a obediência surge como sinal de inferioridade. O autor exemplifica este sintoma autoritário a partir de ofensas e humilhações provocadas por moradores de condomínio de luxo, como um desembargador, policiais e pessoas que se recusavam a seguir as medidas sanitárias durante a pandemia de 2020 requeridas por fiscais da vigilância sanitária, em casos amplamente divulgados em reportagens (BOECKEL, 2020; CRUZ, 2020; GOMES, 2020; HENRIQUE, 2020).

Assim, com base em suas análises e exemplos cotidianos recentes, Vilaradaga (2020) apresenta dez tópicos da maneira como o anticidadão brasileiro pensaria e agiria a partir de seu perfil autoritário: (1) não se conforma em ser visto como um simples cidadão, quer ser visto como superior; (2) é um sujeito desprovido de empatia, que não se solidariza com o sofrimento alheio; (3) quer ser chamado de doutor, mesmo não tendo título e nem sendo médico; (4) não dá sinais de cordialidade no seu comportamento, sempre quer ganhar no grito; (5) dá carteiradas a torto e a direito e usa um suposto prestígio para oprimir o outro; (6) acha que dinheiro é tudo e que ter um bom cargo ou salário é sinal de superioridade; (7) rejeita a igualdade acima de todas as coisas e trata pensamentos igualitários como afronta; (8) sempre convoca amigos poderosos que podem colocá-lo acima da lei em situações difíceis; (9) não obedece às leis porque acredita que isso seria uma manifestação de inferioridade; e (10) não sabe o que significa abrir mão do interesse individual em nome do bem de todos.

Tais características permitem uma aproximação maior do perfil de pessoas autoritárias, em especial, de homens heterocisnormativos mobilizados por alianças no campo político, militar e neopentecostal; ou mesmo, que auxiliam na reprodução de comportamentos daquelas pessoas que formam a massa de seguidores arrebanhados pela dissonância cognitiva coletiva da guerra cultural da extrema-direita transnacional e, mais particularmente, do bolsonarismo (ROCHA, 2023).



Até aqui, nota-se que a irracionalidade e a violência se manifestam no âmago destes regimes autoritários e excludentes, surgindo como ápice de mobilizações da direita radical na atualidade, articuladas por medidas extremas de controle, centralidade e hegemonia. No caso, além dos terrorismos contra os movimentos sociais e o estado democrático de direitos, o viés autoritário e fascista desses regimes também surge como estratégia de contenção das fronteiras pós-identitárias, garantindo, assim, o privilégio das decisões masculinas no regime heterocispatriarcal dominante, que esperam abarcar.

Portanto, na medida em que a estrutura masculina permanece como eixo dominante da sociedade contemporânea, estabelecendo condições de privilégios aos homens em detrimento das mulheres e de outras identidades não hegemônicas (distintas da condição branca e heterocispatricaral), qualquer reivindicação contra esse sistema essencialista de opressão social/sexual torna-se parte do campo de disputas políticas.

3 DESNATURALIZAR A MASCULINIDADE PARA COMPREENDER O SEU REALINHAMENTO HEGEMÔNICO

Tendências de centralização da visão de mundo masculinista no limiar do jogo de reprodução heterocispatriarcal ao performatizar o caráter masculino radical (drag-masculinista) com o respaldo material e ideológico neoliberal.

Com base na retomada do conservadorismo masculinista pelas corporações políticas da extrema-direita, apresentam-se neste capítulo as tendências de reestruturação da masculinidade hegemônica a partir da retórica do ódio contra os movimentos socioculturais feministas e contrassexuais. Nesta linha de frente, a masculinidade radical delimita seu campo ideológico de atuação nesta guerra cultural para alcançar sua hegemonia e, desse modo, determinar o direito à vida de seus congêneres e à morte de seus adversários. Esta visão distópica e negacionista ganha projeção através da dissonância cognitiva coletiva, da retórica do ódio, do racismo cultural e do financiamento material e ideológico pelas corporações neoliberais interessadas na desarticulação da sociedade como entidade autônoma. Logo, se cria uma estética de existência, moralmente duvidosa, com ênfase na dominação viril masculinista para liderar esta visão retrógrada de corporalidades e (inter)subjetividades homogêneas ao se engajarem pela reprodução acrítica e subserviente das regras do jogo heterocispatriarcal e do caráter utilitário neoliberal (SOUZA, 2024; ROCHA, 2021).

Por outro lado, nos estudos de gênero e sexualidades das últimas décadas as masculinidades vêm sendo questionadas e desnaturalizadas, principalmente, quando associadas com outros marcadores sociais como a heterossexualidade e a branquitude, ao desconstruir seus pressupostos ideológicos presos a categorias biológicas e naturais determinantes, que pouco correspondem à revisão de comportamentos da modernidade líquida na ressignificação de valores culturais (SARDÁ-VIEIRA, 2022A).

Ao longo dos últimos anos, entretanto, com a perda do protagonismo contestatório dos partidos de esquerda, de seu viés social-democrata, e a ascensão da extrema-direita no Brasil e no mundo, novas estratégias e identidades alinhadas à dominação masculina e ao patriarcado surgiram na contracorrente dos movimentos sociais e progressistas, em especial, do feminismo e da luta LGBTQIAPN+. Como se a masculinidade tradicional – representada por homens coadjuvantes à hegemonia masculina que vinha se formando desde o final do século 20, na idealização raramente alcançável do *playboy* norte-americano e do metrossexual – ressurgisse de sua condição subalterna para combater a suposta ameaça do feminismo e das dissidências

sexuais. De certa forma, tais fenômenos sociais presentes no debate público e institucional desestabilizam a natureza mitológica do ser homem e colocam em crise a constituição da masculinidade tradicional e do próprio patriarcado no sistema sociocultural e biopolítico de regulamentação hegemônica (CUNHA, 2019).

Com efeito, alguns realinhamentos de representações masculinas no campo político vêm acontecendo na intenção de gerar contrastes e segmentações diante da pluralidade de corpos e performatividades manifestadas pelo amplo espectro de lésbicas, *gays*, bissexuais, transgênero, travestis, intersexuais, assexuais e tantas outras ambiguidades de corpos e subjetividades que embaralham as concepções binárias tradicionais.

Nesse sentido, destaca-se o papel de homens em cargos políticos, religiosos e militares, além das massas de seguidores (entre homens e mulheres heterocispatriarcais) enquanto corpo coletivo social da extrema-direita, que busca restituir o contraste exacerbado na ordem binária e reprodutiva da diferença sob a hegemonia da masculinidade. Por sinal, uma hegemonia cujo centro é reivindicado por um corpo coletivo de homens subalternos e sem grandes projeções de sucesso (na visão do ideário neoliberal) a partir de atitudes antiéticas e antidemocráticas (SOUZA, 2024; ROCHA, 2021). Ressurgem, portanto, no intuito de radicalizar o caráter masculino como compensação ao que poderia ser visto como feminização da sociedade progressista e prejuízo à constituição da família tradicional (MIGUEL, 2021; FLORES, 2007).

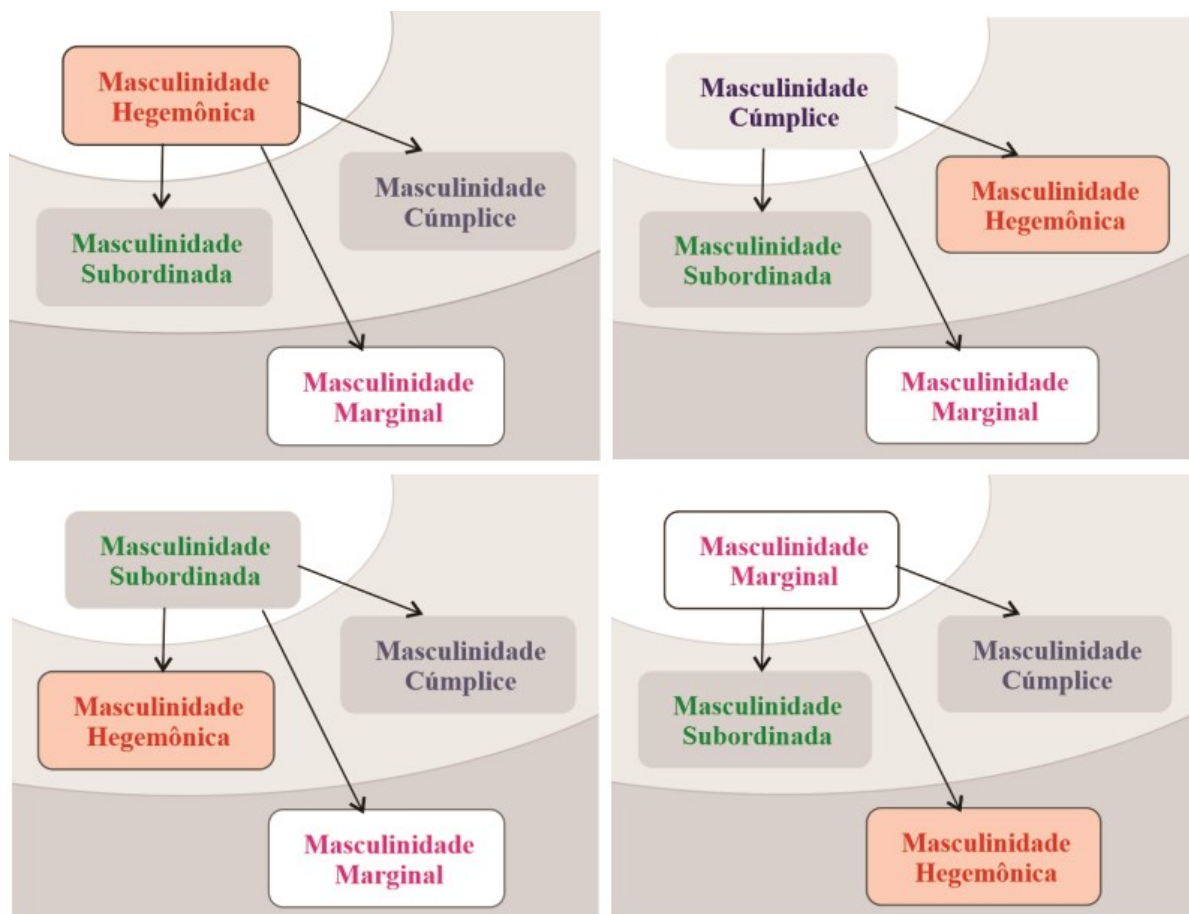
No clássico texto *Masculinidade hegemônica*, seus autores Raewyn Connell e James W. Messerschmidt (2013) abordam vários aspectos da sociedade onde se estrutura o sistema de constituição de masculinidades, totalmente interligadas entre hegemônicas e subordinadas. Essas análises são apresentadas pelos autores a partir de diferentes áreas de estudos e atividades, desde às mídias, passando pelas atividades laborais, até as práticas esportivas. Em destaque, são apresentados quatro eixos/componentes do marco conceitual de gênero que auxiliam na formulação da matriz feminista para os estudos sobre homens e masculinidades: (1) o sistema sexo/gênero; (2) a dimensão relacional; (3) as relações de poder; e (4) a ruptura da tradução do modelo binário de gênero nas esferas da política, das instituições e das organizações sociais. Em síntese, para Connell e Messerschmidt (2013), a masculinidade hegemônica é um padrão de práticas que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres fosse mantida. Nas palavras desses autores:

A masculinidade hegemônica se distingue de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa e, por incorporar a forma mais honrada de ser homem, esta referência masculina exige que todos os outros homens se posicionem de maneira

cúmplice a este sistema de regras, ao mesmo tempo em que reforça e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245).

A partir desses estudos, o conceito de masculinidade hegemônica também pode ser compreendido como relações complexas de cumplicidade e contradição na *encorporação*¹³ da masculinidade de grupos e indivíduos em disputa pela hegemonia e dominação na dinâmica social e contingente de construção das identidades de gênero. Todavia, a masculinidade não é um atributo fixo e reificado a determinado corpo e comportamento particular. Na verdade, o conceito parte de uma interação dialógica com outras masculinidades (subordinadas, cúmplices, marginais) e outras constituições identitárias de gênero e sexualidades na busca por características ideais, ambíguas e sobrepostas de equilibrar aspectos positivos e negativos associados às convenções e comportamentos sociais (Figura 3).

Figura 3: Estrutura hierárquica de masculinidades e suas posições mutáveis. Nota-se que a posição central de influência pode ser alterada entre as categorias de masculinidades de acordo com a contingência dos fenômenos socioculturais.



Fonte: Autor (2024)

¹³ Encorporação é a tradução do termo em inglês *embodiment*, utilizado por Connell e Messerschmidt (2013), compreendido aqui como parte do processo de personificação subjetiva e corporal do tornar-se homem em determinada condição geográfica, sociocultural e política.

Nesse entendimento, mesmo que existam influências representativas de masculinidades hegemônicas, como figuras autoritárias e poderosas em nível global, essas referências atuam diretamente sobre as representações masculinas no nível regional e local (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). Portanto, é possível considerar a emergência de representantes autoritários na linha de frente masculinista, em parte, para enfrentar os movimentos sociais e a multidão *queer*.

Assim, neste tópico espera-se analisar a masculinidade como espectro de variações corporais, identitárias e performativas entre homens cisgênero no âmbito da guerra cultural em curso; uma análise crítica a partir das teorias de gênero e sexualidades. E também constatar o movimento de forças políticas de extrema-direita no resultado atual de conformação de uma masculinidade exagerada e agressiva na linha de frente de suas representações. Acredita-se que esta atuação estratégica, de certa forma, busca ocupar o lugar de domínio simbólico e hegemônico.

No caso, entende-se que esta delimitação e diferenciação masculinista, com retóricas violentas contra outros espectros sociais, vem se inserir como novo padrão na delimitação binária para homens cisgênero. Entretanto, será visto também que esta condição fixa e homogênea é parte da construção dos discursos em prol deste realinhamento de autoridades políticas radicalizadas, ancorado pelo patriarcado e pela ideologia neoliberal.

3.1 A MASCULINIDADE COMO PARTE DA CONSTRUÇÃO CULTURAL E HISTÓRICA

Os estudos da masculinidade como problemática, assim como da heterocisnormatividade, são relativamente recentes no campo de estudos das Ciências Humanas. A partir do movimento Feminista na segunda metade do século 20 – conquistando direitos e maior representatividade às mulheres e propiciando também a maior abertura para a diversidade sexual a partir da Teoria *Queer* –, a revisão do que define a masculinidade deixou de ser um consenso e passou a ser considerada como parte da construção cultural e histórica na sociedade contemporânea (PEDRO, 2012; MISKOLCI, 2011).

Até recentemente, a noção de que os homens têm gênero normalmente era percebida quando existia um fator de sofrimento associado à sua constituição identitária. Assim, na medida em que homens cisgêneros estão menos suscetíveis à opressão, a suposta crise identitária surge quando estes se deparam com possíveis conflitos de sua própria formação na infância, nas escolhas de vida, nas conquistas profissionais e familiares ou mesmo pela suposta cobrança social associada à violência e à concorrência estrutural. Ainda, o apego às normas

(masculinas e binárias) de gênero é evidenciado quando tais sujeitos se deparam com experiências de exclusão social por meio de outras categorias como raça, classe social, orientação sexual e faixa etária (Oliveira, 2004). Assim, quando essas experiências de alteridade que destacam a constituição masculina também estão vinculadas aos processos culturais de formação identitária, a dominação com base no gênero torna-se um artifício. O que simplifica, por assim dizer, o entendimento de que os homens dominam coletivamente e individualmente as mulheres, além de submeterem outros homens a essa estrutura de dominação (BOURDIEU, 2012).

Para Connell (2017, p. 188), a masculinidade envolve uma "configuração de práticas" em torno do lugar ocupado por homens na estrutura de relações de gênero, havendo mais de uma configuração desse tipo, de acordo com outras categorias sociais e individuais. Ao mesmo tempo, essas constituições de masculinidades estão implicadas por relações e disputas de poder. Nesse sentido, a autora destaca dois aspectos dessa complexidade:

Em primeiro lugar, diferentes masculinidades são produzidas no mesmo contexto social; as relações de gênero incluem relações entre homens, relações de dominação, marginalização e cumplicidade. [...] Em segundo lugar, qualquer forma particular de masculinidade é, ela própria, internamente complexa e até mesmo contraditória. (CONNELL, 2017, p. 189).

Neste entendimento, portanto, o gênero é uma prática social direcionada para os corpos, envolvendo uma estrutura ampla que vai além de relações e reconhecimentos estabelecidos entre as pessoas. Isto é, também engloba a economia, o estado, a família, a sexualidade e relações políticas internacionais. Ao mesmo tempo, para a autora, a complexidade da estrutura ligada ao gênero vai além da própria naturalização da heterossexualidade reprodutiva (CONNELL, 2017).

Segundo Pierre Bourdieu (2012), a dominação masculina é constituída por uma estrutura de violências simbólicas, que segue como estrutura permanente de divisão binário-sexual, imposta e naturalizada tanto pelos grupos subalternos quanto pelos dominantes. Como se fosse o cumprimento de regras e juízos de valores (interpretados como verdade óbvia e evidência natural) não suscetíveis à visão crítica, apesar de pautados por crenças ingênuas e facilmente superadas pelos conhecimentos científicos contemporâneos. Diante da complexidade e arraigamento de seus valores no âmbito social, o autor considera a dominação masculina um sistema de submissão paradoxal ao infringir um estado constante de violência contra os grupos oprimidos (principalmente, as mulheres e todas aquelas pessoas que fogem do sistema binário de identidade e expressão de gênero) sem que, muitas vezes, sejam vistos os meios onde se aplica essa opressão intrínseca à própria constituição da diferença sexual. Ainda,

para o autor, existem mecanismos históricos de neutralização dos efeitos da dominação masculina nas sociedades, como se eternizassem a condição arbitrária da diferença sexual e do patriarcado ao essencializar esta suposição como parte da natureza humana intrínseca (BOURDIEU, 2012).

Nesse sentido, na medida em que a estrutura de dominação masculina permanece como eixo estruturador da sociedade contemporânea, estabelecendo condições de privilégios aos homens em detrimento das mulheres e de outras identidades não hegemônicas (principalmente quando distintas da condição caucasiana e heterocispatriarcal), qualquer reivindicação contra esse sistema essencialista de opressão social é visto como ameaça aos princípios tradicionais da sociedade. Portanto, mesmo que as mobilizações de resistência e questionamento das visões essencialistas tornem-se fatos históricos significativos através dos movimentos feministas e pós-identitários da atualidade, tal engajamento parece ser ignorado como ação política efetiva de desestruturação dos fundamentos ontológicos. Como se os ideais feministas e contrassexuais de solidariedade e democracia já fizessem parte dos pressupostos da economia liberal e da racionalidade moderna estabelecidos sobre o lastro do patriarcado a partir de suas ocasionais aparições no espaço privado e na subalternidade de seus interesses particulares (LERNER, 2019).

Para Daniel Welzer-Lang (2001), essa estrutura funcional de dominação costuma estar articulada, por esquemas de hierarquias (entre homem-mulher e homem-homem), aos hábitos e comportamentos padronizados, à idealização da virilidade masculina, na internalização da homofobia e pela reafirmação normativa da heterossexualidade como identidade inerente à masculinidade. Nesse contexto, o autor apresenta duas condições naturalizadas pela dominação masculina, que seriam: a dominação dos homens sobre as mulheres justificada de maneira arbitrária (e não científica) pela suposta natureza superior deles, o que confere uma fronteira rígida entre os dois grupos; e a consideração de que a heterossexualidade é a norma essencial das relações sexuais mantidas entre homens e mulheres, por isso, as relações homossexuais, bissexuais e pansexuais são inapropriadas e, no máximo, admitidas como diferentes. Dessa forma, quando se trata da relação entre homens, algumas regras de comportamento precisam ser respeitadas nos espaços monossexuados (WELZER-LANG, 2001).

Essa compreensão, inclusive, é parte da educação dos meninos, que precisam incorporar a ideia "de que, para ser um (verdadeiro) homem eles devem combater os aspectos que poderiam fazê-los serem associados às mulheres" (WELZER-LANG, 2001, p. 462). O autor destaca a existência de um processo de aprendizado e assimilação na educação cotidiana das normas e comportamentos aceitáveis para a formação do homem. A saída do reduto das mulheres, o início

da socialização com outros homens, a prática de esportes, o respeito aos homens mais velhos (mentores) e a resiliência ao sofrimento constituem ritos de passagem para alcançar uma escala superior na hierarquia social. A transmissão desses valores na relação e o contato entre os homens pode se dar pela conversa direta de um mentor para outros mais jovens e por imagens e comportamentos de representação dessa masculinidade a ser alcançada. Esse repertório varia muito de acordo com o contexto cultural e a classe social, tanto pela linguagem quanto pela cultura material, por onde acontecem essas interações e circulam informações voltadas aos modos corretos de ser homem. Nesse sentido, o processo de se tornar homem é tanto uma submissão ao modelo quanto a busca pela obtenção de privilégios nessa incorporação de modelo (WELZER-LANG, 2001).

Welzer-Lang ainda afirma que a assimilação da masculinidade por homens mais jovens não é isenta de violências e abusos, normalmente, cometidos por homens mais velhos, ao impor o sofrimento dos ritos como medida para se tornar viril. Desse modo, de acordo com o autor, tais imposições guardam marcas psicológicas indeléveis. Ao mesmo tempo, esses processos também resguardam experiências positivas na descoberta de relações de amizade e transmissões de valores, como a solidariedade. Embora seja fundamental que o processo de ser um homem torne-se distinto do caráter feminino. Caso contrário, o caráter masculino e viril sofre rebaixamentos na hierarquia, criando diferentes categorias de masculinidade. Exemplo disso seriam as relações mantidas entre homens no sistema prisional e confinado, onde os mais fortes e viris tornam-se os dominadores de outros homens mais fracos e submissos, associados às mulheres, que estariam sujeitos a violências, abusos e humilhações.

As distinções e reconhecimentos de ritos e socializações ocorridas entre homens são fundamentais para que as redes sociais sejam estabelecidas e reforçadas na estrutura de dominação masculina. Na medida em que homens são tentados, por vontade própria ou arbitrariamente, a não reproduzirem os sinais redundantes da virilidade masculina, normalmente, eles são associados às mulheres e aos homossexuais. Nesse sentido, Welzer-Lang (2001) afirma que a discriminação contra esses homens de comportamentos duvidosos através da homofobia é um modo de engessar as fronteiras do gênero e ameaçar qualquer deslize fora dos limites da virilidade (autêntica e) masculina.

3.2 FALANDO DE MASCULINIDADES, LÁ VEM OS MASCULINISTAS!

No que poderia ser relativizado pelo extremo do espectro da masculinidade (DOMINGOS, 2019), o masculinismo define-se como um tipo de radicalização dos modos de

ser homem, que procura manter a expressão de gênero e a heterossexualidade em total contraste com o feminino ou de evitar qualquer deslize fora da delimitação de identidade e desejo cisgênero e heterossexual. É como se houvesse um deslocamento deste perfil para o centro isolado do que poderia configurar a masculinidade, sem qualquer influência do feminino ou de sua influência, no esforço contínuo de evitar ser contaminado e, ao mesmo tempo, estabelecer um parâmetro nítido para compreender outros possíveis perfis dissidentes de masculinidades.

Nesse sentido, a ênfase em preconceitos e discriminações é parte da performatividade realizada através do discurso, que retorna ao ciclo de validação do próprio grupo e determina a divisão deste outro ao qual acusa como oposto. Por isso, é possível compreender que para caracterizar o masculinismo é necessário o contraste, a partir do qual os homens cis-heterossexuais devem reproduzir a estética do corpo, do comportamento e da afinidade moral. Qualquer variação se torna suspeita em autenticar o valor do verdadeiro homem, com possíveis falhas e desvios não aceitáveis. Portanto, para ser homem é necessário não ser feminino, homossexual ou andrógino, enquanto quebrar essas regras básicas no jogo cisgênero e heteronormativo equivale a assumir posição no lado inimigo (JANUÁRIO, 2016; BADINTER, 1993).

Essa cobrança do posicionamento atuante e sem deslizes, assim como atender à alta performance do masculino viril, forte e corajoso – diante de expectativas culturais introjetadas para atender ao alto desempenho na vida social e íntima – também revela crises existenciais na medida em que nem todos os homens heterocispatriarcais alcançam o sucesso profissional, sexual e afetivo almejados (JANUÁRIO, 2016).

Inclusive, alguns desses homens desencadeiam profundos ressentimentos, que costumam ser compartilhados por uma crescente corrente de pensamentos e distorções em fóruns digitais, também conhecidos como *machosfera* (FELLETT, 2023). São associações ao masculinismo, na medida em que externalizam frustrações e manifestam ódio e injúrias, principalmente, contra mulheres e homossexuais. Grupos como Redpill, MGTOW (sigla para *man going their own way*, ou homens seguindo seu próprio caminho) e Incel (sigla para *involuntary celibates*, ou celibatários involuntários) ajudam a propagar discursos, limites e atitudes na delimitação do movimento masculinista, naturalizando e reproduzindo a misoginia, o racismo e a LGBTfobia (G1, 2023; NORONHA, 2023; SILVA, 2023). Ou seja, este viés retórico de ódio torna-se o principal laço na conformação de unidade desses grupos e seitas masculinistas, ao mesmo tempo em que define a estrutura identitária que regulariza a base ideológica da extrema-direita a partir da qual mobiliza-se o engajamento político (PINHEIRO-MACHADO, 2019).

Bruna Camilo de Souza Lima e Silva (2023), ao estudar a propagação desses perfis e grupos nas redes digitais e o seu vínculo com a extrema-direita brasileira, aponta a amplitude da influência negativa deste arrebanhamento político e cultural ao utilizarem, na maior parte, as redes sociais e midiáticas alternativas, inclusive a *deepweb*, para propagar suas ideologias, notícias falsas e retóricas violentas de dominação a partir da discriminação e do preconceito contra grupos sociais divergentes de suas visões e perspectivas conservadoras e violentas. Ainda, segundo a pesquisadora, tais corporações masculinistas, que surgem de maneira organizada e estratégica na atualidade, ganharam destaque e unidade durante as campanhas e o mandato de Jair Bolsonaro na presidência do Brasil, ocasionando o aumento de atos e discursos violentos.

Diante disso, pode-se ainda considerar o uso da temática gênero e sexualidades como estratégia discriminatória para submeter adversários ao fracasso das disputas políticas nacionais. No caso, utilizando a misoginia para desbancar o valor simbólico de Dilma Rousseff na presidência do país, ou mesmo da homofobia para difamar a imagem de Jean Wyllys como representante assumidamente *gay*, ao ocupar um cargo político e representativo na câmara de deputados em Brasília. Durante tais retóricas preconceituosas, muitas vezes, divulgadas como memes e piadas supostamente inofensivas em redes sociais, destaca-se a importância destes marcadores sociais no campo de valores fundamentais na maneira como o preconceito e a discriminação estrutural da cultura brasileira se mantêm presentes nessa linha de valores e dominações. Sendo que para pessoas divergentes da conformação como autoridade masculina, branca, cisgênero e heterossexual, haverá sempre um teor de ameaça ou desconfiança quanto à sua competência para tais cargos de autoridade. De certa maneira, ainda que tais aspectos da sexopolítica sejam pouco discutidos abertamente, através deles também é possível compreender a ascensão de Bolsonaro ao poder representativo entre os atuais grupos masculinistas no Brasil e, de maneira geral, de outros líderes políticos de extrema-direita (TIBURI, 2018).

Neste caso, enfatizam-se as coligações ideológicas masculinistas com (1) a estrutura militar, na construção do imaginário da masculinidade com base na preparação para a guerra a partir da disciplina, da tradição, da hierarquia, do vigor físico e viril e (2) a estrutura religiosa cristã para o regramento moral e naturalizado da sociedade, principalmente, a partir das igrejas neopentecostais ao seguirem a teologia da dominação, na imposição de seus sistemas de crenças, na busca pela visibilidade e na perseguição ostensiva a pessoas e grupos considerados inimigos (RUPP, 2024; BORTOLINI, 2021; LAYTOUSS, 2021; MACKENZIE, 2021; OLIVEIRA, 2004).

Portanto, o surgimento do masculinismo como seita identitária acontece como força de atuação ideológica para justificar o combate à maior representação dos movimentos feministas e *queer*. Nesse sentido, ao masculinista está subentendida a necessidade de engajamento político para combater estas identidades e sexualidades não desejadas enquanto requisição de um sistema social equitativo/igualitário, inaceitável em sua constituição de hierarquia e dominação. O que torna qualquer masculinista parte deste exército de reivindicação ideológica pelo fim da *ditadura de gênero*¹⁴ e das discussões sobre direitos humanos (SILVA, 2023).

3.3 CONSTRUINDO A MASCULINIDADE RADICAL: o (pseudo) padrão *drag-masculinista*?

Judith Butler (2015), em *Problemas de gênero*, primeiramente defende que não existe associação de que o gênero seja automaticamente constituído pelo sexo. Segundo a filósofa, independe da identificação (binária) da genitália ao nascimento, e nada determina que o gênero da pessoa estará atrelado, essencialmente, a esta designação anatômica, onde pênis designa os homens e vagina as mulheres. Nestes termos, a autora expõe que é no processo cultural de socialização do sujeito que se aprende que a divisão entre homens e mulheres, relativamente associada a suas genitálias, determina comportamentos específicos para cada uma dessas categorias sociais. Logo, para homens é necessário corresponder ao masculino e para as mulheres o vínculo é com o feminino. Contudo, para que essa apreensão seja efetiva no meio social é fundamental que ela seja constantemente repetida, caso contrário, perde-se a referência dada por uma suposta originalidade binária do gênero marcado pelo sexo. Esta repetição, portanto, se faz através da reprodução performativa, na medida em que se incorpora o discurso de associação hegemônica entre homem/masculino e mulher/feminino e, assim, esta repetição é correspondida através dos comportamentos, gestos e discursos de cada um. Nesta mesma referência, Butler (2015) apresenta a fragilidade deste processo quando alguma atitude disruptiva confunde essa determinação performática, criando confusão e expondo, de certa forma, o caráter de simulação da performatividade enquanto performance, ou seja, sobre a impossibilidade de distinguir se o comportamento correspondente ao gênero advém da *incorporação* de suas normativas hegemônicas pela pessoa ou, no caso, se é produto de uma

¹⁴ Aqui o termo *ditadura de gênero* refere-se ao discurso infundado e irreal da extrema-direita quando interpreta uma suposta ordem impositiva de gênero(s) não binário(s) a partir de teorias feministas para a desarticulação da família tradicional. Este discurso é parte do pânico moral criado para gerar medo equivocado à população e está diretamente relacionado ao contexto de *fake news*, negacionismo e dissonância cognitiva coletiva na atualidade (ROCHA, 2022; MIGUEL, 2021).

encenação (mesmo que superficial) para atender a um propósito de ser aceito ou para camuflar qualquer particularidade.

Como exemplo, que acaba relativizando a distinção entre performatividade e performance, a filósofa retrata a expressão artística de *drag-queens*, ao imitar aparências, expressões e gestos femininos e, desta forma, expor o lado *performance* paródico, que parte do ideal comum da mulher cisgênero. Muitas vezes, nesta mesma imitação torna-se difícil compreender que a *drag-queen*, na verdade, pode esconder a figura de um homem cisgênero pelo subterfúgio de maquiagem, peruca e vestuário, atribuídos ao gênero feminino (BUTLER, 2015).

Com esta reflexão a partir de Butler, portanto, é possível afirmar que, mesmo sem a intenção prévia de interpretar o gênero, todos e todas estariam realizando *performances drags* quando assumem um comportamento cotidiano para identificar claramente o gênero ao qual se pertence. Isto significa que a estética de existência que se constitui para si, marcada por roupas, gestos e comportamentos, atua como uma performance contínua (introjetando um caráter performativo) na maneira como cada gênero se constrói e permanece coerente sob a vigilância das interações socioculturais. E quanto mais binária é reconhecida esta performance de gênero (masculina ou feminina), em sua compatibilidade com o sexo (homem ou mulher), mais coerente se torna o padrão a ser reconhecido.

Com base nesta compreensão da performatividade como um processo de reificação performativa cotidiana, forja-se o termo de constituição do padrão *drag-masculinista* (no sentido da performance *drag-king* realizada por homens cisgêneros), compreendido aqui como a busca exagerada por gestos, comportamentos e estados de ânimo que procuram superlativar a performatividade do macho hétero quando diz respeito à representação masculinista.

3.4 A IMPORTÂNCIA DA CORPORALIDADE PARA AUTENTICAR O HOMEM VIRIL: referência militar na construção do corpo cisgênero e na virilidade masculina

A constituição da virilidade masculina, portanto, passa por esta construção *drag* para alcançar os resultados efetivos da sua coerência sexo-gênero, sem gerar dúvidas deste perfil masculino pelo senso comum. De qualquer forma, não são todos os corpos que apresentam características tão nítidas para classificar o seu gênero ou atestar sua heterossexualidade.

Essas confirmações são evidenciadas no contexto de diferenças entre homens mais baixos e de menor força física em comparação a mulheres mais altas e fortes. Entretanto, o caso disruptivo à imposição das normativas ao gênero são as pessoas transexuais/travestis, quando a

ambiguidade corporal e anatômica não segue a ordem de imposição da identidade sexual psíquica, definindo singularidades na maneira de expressar e performatizar o gênero, havendo casos que fogem à regra do binarismo. Outro exemplo que se torna ainda menos evidente à imposição arbitrária da condição binária de constituição corporal/sexual a partir da cultura é a evidência legítima de pessoa intersexuais, cujas feições anatômicas e/ou cromossômicas apresentam incongruências para a identificação normativa de sexo/gênero (GAUDENZI, 2018; BUTLER, 2015; BOURDIEU, 2012; PINO, 2007).

Estas aparências a anatomias do corpo também estão implicadas por outros marcadores sociais, como raça, etnia, classe, geração, orientação sexual, deficiência etc. Desse modo, na ampla associação destas características é possível identificar atributos mais hegemônicos ou estigmatizados em função dos meios sociais onde estão inseridos. Como no caso do perfil masculino idealizado por marcadores sociais, que alteram sua relação hierárquica de estrutura masculina de acordo com tais combinações.

Para atuar no regramento desta disciplina corporal masculina, assim como na formação moral, as instituições militares surgem como alternativa tradicional na ideia de responder ao suposto pânico moral de comportamentos sexuais desviantes em crianças e jovens, gerando uma disciplina ideológica a partir de seus fundamentos educacionais de constrangimento, ameaça e punição. Ao analisar criticamente o papel das relações de gênero e sexualidades na consolidação de formas dominantes de representação do poder no Brasil, em especial durante o governo bolsonarista, Alexandre Bortolini (2021, p. 94) apresenta uma correlação entre o uso de políticas públicas da educação a partir do Ministério da Educação para instaurar um regime de militarização das escolas brasileiras no intuito de reinstalar "dinâmicas sociais, econômicas e políticas" para a "redisciplinarização dos corpos, das subjetividades e do conhecimento", com o objetivo de restaurar um estado conservador e reestabelecer normativas de gênero e sexualidades à população.

Bortolini discorre sobre os princípios que regem a hierarquia, disciplina, obediência, mérito e distinção no processo de organizar os modos de funcionamento das escolas de formação de cadetes ou de academias de polícia. Segundo o autor, os treinamentos são regidos pela autoridade máxima do comando militar, expondo seus soldados a situações de estresse e riscos para obter seus objetivos com total arbitrariedade. Isso acontece dentro de um sistema que nega "noções como liberdade de expressão e pensamento crítico" ao ignorar qualquer discordância ou resistência de insubordinação (BORTOLINI, 2021, p. 96).

O autor também destaca o ocultamento de significativas distinções de raça e classe social na possibilidade de ascensão hierárquica e de comando, deduzindo existir desigualdades

raciais relativas aos postos mais altos para os brancos e a maior probabilidade de exposição ao confronto armado para os subalternos negros e pobres (BORTOLINI, 2021).

Além disso, a distinção com o grupo de *civis*, como todos aqueles distintos dos *militares*, revela tais fundamentos institucionais em forjar uma identidade de superioridade física e moral entre os militares, acima das pessoas que habitam fora dos quartéis. De certa forma, é essa noção que fundamenta a intervenção política das forças armadas e a prática policial violenta, principalmente, junto às populações periféricas (MANSO, 2020).

Em todo o mundo existe uma associação histórica entre a violência mobilizada por conflitos armados e guerras com a masculinidade entre grupos militares e paramilitares. Embora esta associação seja naturalizada e gere pouca reflexão crítica, isso acarreta a vinculação automática de atividades que demandam autoridade e força física ao masculino. Entretanto, isso não significa que tal atributo seja por características inatas dos homens, mas demonstra a importância de instituições corporativas para manter esta reprodução de discursos e práticas sociais ao longo do tempo, consolidando corpos, subjetividades e sistemas políticos – com apoio de componentes ideológicos e tecnocráticos de regimes disciplinadores como as forças armadas e militares – na confirmação de atributos binários de gênero para atender aos seus propósitos de poder (BORTOLINI, 2021).

Na evidente composição sexista, formada majoritariamente por homens cisgêneros e heteronormativos, as instituições militares investem na produção de certas formas de masculinidade. A disciplina de corpos e performatividades, a obediência e determinação de posições adequadas ao perfil masculino, procura gerar uma estética de poder que faz oposição ao perfil displicente, associado ao mundo civil, para distinguir o homem militar como mais poderoso e isento da contaminação com o feminino e a homossexualidade. Nas palavras de Bortolini:

Esse investimento das instituições militares na produção de certas masculinidades gera efeitos não só nos sujeitos diretamente implicados, mas em toda a economia da produção social do gênero. No Brasil, como em outros países, o serviço militar é obrigação legalmente definida a todos os homens (cisgêneros) e se vincula formalmente à sua chegada à maioridade legal, constituindo-se rito de passagem do "menino" ao "homem" e disseminando uma associação entre masculinidade e militarismo. Mais que isso, a própria construção do militar como protetor da nação carrega em si representações que associam masculinidade, autoridade e exercício do poder (BORTOLINI, 2021, p. 99-100).

Nesta arena de total poder social masculino, o militarismo se articula com outras práticas de violência associadas ao gênero e às sexualidades. Outras conjunturas de mútua sustentação se fazem com a igreja cristã orquestrada pelo patriarcado, o mundo corporativo de competições

individualistas e a própria família tradicional, onde o pai exerce plenos poderes sobre a esposa e os filhos (BORTOLINI, 2021).

É nestes termos que a pedagogia militar torna estranha e ameaçadora a noção de diferença para comportamentos e subjetividades ao estabelecer como estratégia a adesão involuntária de padronização submissa e inquestionável para a conformação das pessoas com base em seus papéis sociais tradicionais, ou seja, ao definir, a partir de sua conformação anatômica e do modelo comportamental generificado, as bases da ordem binária de gênero e da heteronormatividade (BORTOLINI, 2021).

Enfim, este investimento militar pela disciplina marcada por gênero, raça e sexualidades, assim como na seleção de corpos representantes da masculinidade autêntica a partir da naturalização de atributos predeterminados como masculinos, coíbe experiências singulares em direção à diversidade e à autonomia, propondo formar cidadãos submissos, binários e homogêneos perante uma autoridade masculina, autorizada a impor a ordem, mesmo que usando de coerção e violência (BORTOLINI, 2021).

3.5 A FORMAÇÃO (INTER)SUBJETIVA DO MACHO-HÉTERO CONSERVADOR: regulamentações morais heterocispatriciais na intersecção entre gênero, sexualidade, classe social e raça

Compreendendo-se como se constitui o perfil masculinista, na sua ascensão tribal e ideológica, para alcançar a condição hegemônica por meio do autoritarismo conservador/patriarcal e militarizado, é discutida neste tópico a repressão dos desejos sexuais como parte da formação de uma sociedade controlada e disciplinada. Assim, ao canalizar parte do seu tempo e energia na produtividade econômica através do trabalho e do consumo, também é treinado o direcionamento do desejo sexual para a reprodução de novos sujeitos trabalhadores (PRECIADO, 2020; FOUCAULT, 2014; OLIVEIRA, 2004; MARCUSE, 1975).

Mesmo em se tratando da dominação masculina, por certo, é importante ressaltar a hierarquia dessa construção de gênero entre aqueles que delegam as ordens enquanto outros obedecem. Logo, a liberdade sexual para homens é um fator relativo, que favorece basicamente àqueles mais ricos, brancos e jovens, garantindo o acesso exclusivo aos lugares privilegiados, aos prazeres carnis e ao tempo livre para fugir da rotina laboral.

Nesta escala, ao homem cisgênero e heterossexual é facultado o privilégio de usar o espaço público para manifestar seus desejos. Mas será que esta possibilidade, em deslocar-se como sujeito de domínio para satisfazer seus impulsos (inclusive os sexuais), é, realmente, parte

do campo de domínio dos machos bem constituídos na medida em que atendem aos propósitos hegemônicos? Considerando-se os campos do regramento moral e da política da monogamia ao lapidar o desejo para comportamentos sociais desejáveis, talvez, quanto mais de acordo com as regras heterocispatriarcais predominantes, mais o sujeito é conduzido para a padronização do *ser homem* dentro do que é permitido ou não a partir das regras compulsórias do jogo.

Imaginando os interesses do biopoder e do regime farmacopornográfico¹⁵, a situação seria a seguinte: o desejo do homem precisa ser mediado por estímulos preestabelecidos a partir do adestramento pela pornografia heterocisnormativa para se tornar produtivo, enquanto o desejo da mulher costuma ser visto como irrelevante. Assim, a produtividade a partir do desejo é diretamente associada à capacidade de gerar prole pelo estímulo do desejo cisgênero e heterossexual. Se não for para atender a este propósito, na perpetuação de uma massa de trabalhadores e consumidores, a sexualidade transforma-se em uma experiência de subversão das prerrogativas oficiais na regência da sociedade de controle moral, médico e psiquiátrico (PRECIADO, 2018; FOUCAULT, 2014).

Dito isso, a ereção peniana parece ser fundamental para atender aos ideais produtivistas de governo da população – por indicar sucesso pelo resultado esperado nesta construção subjetiva do desejo heteronormativo associado ao corpo viril, provedor e dominante da sociedade disciplinar. E para garantir seu intercurso com o corpo portador de úteros saudáveis, existe todo um campo moralista e farmacológico, também aparelhado por clínicas de fertilidade, para cercear aqueles homens que tendem à distração ou à fuga desta orientação inexorável da constituição humana, dentro desta visão obtusa voltada a atender esta demanda sob a justificativa da política e da economia (PRECIADO, 2014).

Assim, qualquer orientação sexual que fuja da condição hétero é considerada desvio de conduta. Ou mesmo, qualquer prevenção no ato sexual que impeça a concepção biológica costuma gerar certa angústia (para não dizer culpa) por estar desviando da pressão social na formação de novas gerações. O que torna o nascimento de novos indivíduos uma celebração para toda a estrutura biopolítica no sentido de garantir o funcionamento estrutural da força de trabalho, consumo e vínculos afetivos com as criações mundanas. Aspectos estes que precisam ser mantidos através de ciclos mais duradouros pela continuidade geracional, do que na vida particular de cada pessoa. Portanto, é uma estratégia de continuidade histórica no condicionamento de corpos e modos de vida.

¹⁵ Para Preciado (2018), o regime farmacopornográfico é a lógica contemporânea de controle e produção de corpos, identidades e desejos pelo capitalismo neoliberal por meio de dispositivos tecnológicos farmacológicos e pornográficos. Diz respeito à extensão do biopoder descrita por Michel Foucault.

Ainda que pareça uma leitura mecânica para enfatizar a importância da reprodução humana como meio de produção e consumo, esta conduta advém dos preceitos do cristianismo, para tornar a procriação a medida do desejo. Na análise a partir da obra *O Pedagogo*, de Clemente de Alexandria, datada do século 2, Michel Foucault descreve o pensamento cristão para o casamento, as relações sexuais, da procriação e da continência. Tais ensinamentos também advogam o "propósito do corpo humano, de seus movimentos naturais, da necessidade de manter o controle dos desejos, e de evitar os excessos que esgotam o corpo e perturbam a alma" (FOUCAULT, 2021, p. 32). Portanto, a união legítima da razão cristã deve almejar a procriação, enquanto a busca do prazer seria contrária a isso.

Mesmo hoje a bíblia permanece sendo interpretada de forma anacrônica por boa parte dos líderes religiosos na medida em que interpretam trechos do livro sagrado sem contextualizar seus períodos históricos. Ou mesmo fazendo vista grossa para algumas condenações bíblicas como o adultério quando cometido por homens, e condenando vorazmente a homossexualidade (termo que não consta nos textos antigos). Estes dogmas, talvez, sejam mantidos com base no próprio medo institucional de encarar as mudanças culturais progressistas. O que comprometeria a continuidade dos rituais litúrgicos de arrebanhamento e reprodução de fiéis (VEIGA, 2023). De qualquer forma, hoje em dia, com a atuação enfática da teologia da dominação cristã ascendendo em países como os EUA e Brasil, retoma-se a noção da orientação sexual heterocisnormativa como norma para atender prerrogativas morais fundamentalistas voltadas à procriação e à constituição do núcleo familiar monogâmico (RUPP, 2024; GAGLIONI, 2023).

Para fugir desta condução, portanto, é preciso arcar com o ônus da marginalização, desprestígio e policiamento constante de seus desejos, vínculos e inserções nos campos de afetos, trabalho e sociabilidades. Embora qualquer pessoa possa manifestar desejos bissexuais/homossexuais, sua conduta social deve se voltar para a heterossexualidade e, dessa forma, para a reprodução da prole (GAGLIONI, 2023).

Nessas visões mais tradicionalistas, para as mulheres o desejo orientado para a expressão corporal masculina é um bônus que facilita este processo. Logo, para uma mulher ficar grávida, pouco importa sua orientação para o desejo sexual, desde que seu útero funcional seja *semeado* por um gameta masculino, diante de um ato consensual ou não. Já para os homens a necessidade deste desejo ser muito bem alinhado à heterossexualidade faz toda a diferença para tornar a ereção uma realidade, caso contrário, seus gametas serão *desperdiçados* no desencontro com tantos úteros disponíveis. Este pensamento antiquado e restritivo para pensar a condução produtiva do desejo é parte da biopolítica e dos regimes farmacopornográficos ao

pensar desumanamente na sociedade como engrenagem de produção constante, mesmo que a custa do aumento do número de violências praticadas no âmbito familiar (FONSECA, 2007). Talvez essa realidade não seja tão diferente da linha de produção de seres vivos não humanos, criados em cativeiro, para gerar novas proles e dar continuidade à produção de proteína animal e derivados, atendendo aos interesses econômicos/producionistas da indústria de alimentos (ALVES FILHO; PIOVEZANI, 2024; ADAMS, 2018).

Assim, compreendendo o propósito de inculcar tantos valores voltados à constituição familiar, alimentando o pânico moral contra as dissidências sexuais e fomentando o regramento da expressão binária de gênero, é possível inferir o quanto a sociedade moderna naturalizou a noção mecânica da vida cotidiana para, ao final, dar continuidade em seus processos produtivos. Entre os principais aspectos desta estrutura de restrições e condicionamentos para a vida humana, quem sabe o mais emblemático seja a condução do desejo sexual masculino para alcançar seu gozo, na medida do possível, sem desperdícios para a procriação. O que explica o interesse de tantas pessoas em desprestigiar o uso de camisinha, condenar (ou invisibilizar) a prática da masturbação e negar qualquer outro prazer sexual masculino que não esteja associado ao pênis (DANZIATO, 2010).

Nesse sentido, Paul B. Preciado é muito contundente ao destacar a restrição pela descoberta de prazeres associados ao corpo, negando alguns comportamentos e gerando o terror à descoberta do ânus, especialmente, entre os homens. Por isso, para o autor, existe uma política educacional associada à repressão da homossexualidade e, de maneira menos evidente, um tabu ao sexo anal como forma de estabelecer a vida social e manter a dominação masculina (ou mesmo o controle da virilidade masculina) nos moldes heterocisnormativos (PRECIADO, 2009).

Em geral, ao homem é vedada qualquer interação fora do desejo sexual voltado ao corpo feminino, ao interesse em ser ativo, penetrador e provedor. O contrário disso, na sexualidade orientada para outros homens, realizando sexo oral e desempenhando o papel de passivo, por exemplo, é algo inaceitável para a condição do homem macho na sociedade espetacular e conservadora. É nesse sentido que a condução dos desejos de homens cis-heterossexuais costuma ser ainda mais restritiva para qualquer desvio que torne sua conduta menos masculina, no sentido de não se orientar pela heterossexualidade e pela performatividade viril que lhe é atribuída (OLIVEIRA, 2004).

Dada a maior aparição de grupos dissidentes e suas representações de orgulho LGBTQIAPN+, em espaços coletivos e nas mídias digitais, o regramento do desejo masculino heterossexual tornou-se uma missão cada vez mais difícil e desafiadora para os grupos

institucionais e políticos, preocupados em conservar suas tradições e meios econômicos. Isso acontece porque o desejo é fator que precisa ser isolado de outros estímulos para se tornar previsível e sob certo controle, caso contrário, ele se particulariza fora dos propósitos de governo e produtividade. Tal aspecto é desastroso para uma sociedade de controle que se estrutura em oposição ao hedonismo, enquanto modo de vida (LOURO, 2000).

Contudo, mesmo que o sujeito masculino venha a se condicionar ao desejo cis-heterossexual imposto pelo biopoder, nada garante que sua subjetividade se mantenha totalmente atrelada ao que defende a moral heteronormativa. Em muitos casos, por exemplo, o desejo bissexual manifesta-se a partir de olhares para mulheres e homens, ou mesmo, desencadeando curiosidades apenas para aquelas corporalidades que lhe são proibidas no primeiro momento. O que torna possível considerar fissuras presentes nessas normativas totalizantes e repressoras a partir desses desejos inconfessos, criando subterfúgios heterotópicos onde cada pessoa se resguarda do tédio predominante em condições padronizadas. Entretanto, a referência da condição hegemônica da masculinidade (no perfil básico de branquitude, sucesso profissional, virilidade heterossexual e juventude) auxilia neste caminho ainda que tais parâmetros não estejam ao alcance da grande maioria. Ao menos, predomina a ideia de que alcançar esse lugar seja uma questão meritocrática, sem marcação colonial, racista e classista formando obstáculos intransponíveis (ALVARENGA; PIMENTEL, 2022; MARK, 2019).

Justamente, nesse resgate da masculinidade conservadora de representantes políticos de extrema-direita, enfatizando seu caráter mediano e de pouca expressão intelectual, surge a estratégia de elevar este perfil masculino com seu estatuto hegemônico junto à ressignificação da masculinidade original, viril, bruta e combativa. Assim, é apresentada como masculinidade incontestável para tantos outros homens carentes de referências alcançáveis. Por sinal, homens ressentidos diante da projeção de vida de mulheres e homossexuais de sucesso. Homens que pouco usufruíram de suas liberdades sexuais e relações de sucesso na medida em que foram preteridos por outros homens vistos como mais atraentes e competentes. Aspectos esses que realçam a constituição reacionária de um amplo contingente de homens masculinistas, inconformados com o desprestígio de suas escolhas de vida na redução do contraste que os separavam do âmbito feminino e das dissidências contrassexuais, aumentando a gama de valores humanos que os tornam menos machos apenas por assim serem (SARDÁ-VIEIRA, 2022b).

Entretanto, será visto que tais regramentos, evidentemente, não são seguidos por todos, que acabam encontrando meios para burlar as regras do jogo normativo sem comprometer sua imagem pública como provedores heterocisnormativos.

3.6 MASCULINIDADE, CARÁTER UTILITÁRIO E NEOLIBERAL: a importância do poder econômico na validação do domínio masculinista

A partir do reconhecimento moral e estético masculinistas, segue-se com a noção do alinhamento estratégico desse contingente identitário na busca do poder junto à estrutura de dominação masculina, mesmo que mantendo a alienação subserviente pela razão neoliberal.

Assim, para estes grupos masculinistas (na congregação de famílias heterocispatriarcais) voltados aos interesses da produtividade econômica, qualquer noção de verdade pautada pela ciência, erudição e arte – principalmente, quando não gera retorno produtivo medido pela lucratividade econômica – costuma ser vista como ameaça ao desenvolvimento do sucesso e, nestes termos, é ignorada ou eliminada. Nesse sentido, portanto, tal estrutura na delimitação de escolhas e suposta autonomia se conforma pelo negacionismo do campo epistemológico acadêmico, de valores associados à democracia plena, sem constituir um horizonte de competências efetivas para a vida social comum, no domínio pelo dissenso e pela liberdade criativa.

A racionalidade que engloba a visão de mundo atual contribui, em parte, para a maior valorização do utilitário em detrimento do intelectual/acadêmico. Racionalidade esta que vem sendo construída historicamente na cisão entre o pensamento racional-lógico e a percepção sensorial e emocional. Desde a perda da racionalidade teológica, de uma racionalidade primeira pautada pela fé cristã, hoje em dia vive-se o período em que o valor monetário se torna o elemento sagrado de interesse (VIETTA, 2015).

No sentido desta construção da racionalidade como parte da ontologia na modernidade, os papéis sexuais também foram constituídos nesta suposta oposição das habilidades humanas. Nisso, foi reservado ao homem a faculdade essencial de desenvolver o pensamento racional, enquanto nas mulheres fluíam as emoções e os sentimentos como capacidades secundárias (VIETTA, 2015). Assim, interpreta-se que a vinculação entre masculinidade e trabalho (físico e mental) alcança seus resultados pelos benefícios de ser útil. Da mesma forma que afasta o pensamento lúdico, a fantasia e o vício, que conduzem à inutilidade na estrutura social. Neste entendimento, o inútil seria uma pessoa mais contemplativa, hedonista e de pouca ação produtiva voltada ao trabalho e ao consumo como confirmação de valor. E nessas condições, poucas serão as chances de ocupar um lugar de domínio. Ao mesmo tempo, a perda dessa característica de *inútil*, associada à vida contemplativa e ao hedonismo, reforça o valor oposto pela racionalidade produtiva e padronizada de tudo o que pode ser calculado. Neste caso, entre

os homens genuinamente utilitários, permanece o caráter da força física, das estratégias de disputa e da aliança entre seus iguais na promoção de riquezas (OLIVEIRA, 2004).

Nessa resiliência introjetada pela estrutura da masculinidade hegemônica, a noção cultural do senso comum, apreendida em processos de subjetivação pelos meios produtivos ao longo dos últimos séculos, diz respeito à própria formação dos estratos sociais masculinos, desde as corporações políticas, citadas no início do capítulo, determinando os meios de reprodução e produtividade, passando por cargos de formação profissional elevada, gerenciamentos de empresas e indústrias, até os grupos de trabalhadores em cargos operacionais que, por falta de maior autonomia e grandes necessidades, assimilam suas condições subalternas na expectativa de um dia obterem reconhecimento nesta estrutura de privilégios masculinos.

Oliveira (2004) aponta as alterações das atividades produtivas que se constituíram com base mais sólida pela ciência e o pensamento intelectual, mas que sofreram mudanças nesta continuidade de meios de produção tecnológica pelas novas dinâmicas pós-modernas, onde o viés utilitarista (focado na funcionalidade e pragmatismo) ganha espaço frente às incertezas da ciência, alterando, assim, as estruturas sociais e o próprio ideal de masculinidade. Nestes termos, a própria contestação da autoridade consolidada passa a ser questionada na mesma medida em que os meios técnicos e lucrativos tornam-se a alternativa para alcançar o sucesso profissional. Portanto, para Oliveira (2004), a valorização da técnica também exerce influência no campo científico para que este se torne eficaz, no sentido do aumento do domínio e da acumulação capitalista, validando a lógica do lucro sobre a verdade ética e metódica da ciência.

O deslocamento da busca pela verdade para a busca do aperfeiçoamento técnico promoveu no empreendimento científico a metáfora dos jogos, cuja pertinência não é nem o verdadeiro, nem o justo, nem o belo etc., mas o eficiente (OLIVEIRA, 2004, p. 115).

Além da constituição corporal/performativa (na distinção binária com o feminino) e do condicionamento moral, a elevação do perfil masculinista na hierarquia de conquista da hegemonia masculina acontece, substancialmente, pelo aumento do seu poder aquisitivo. Nesse sentido, o capitalismo (na sua atual roupagem neoliberal) vende a ideia do bom desempenho através do trabalho para alcançar conquistas materiais e, com isso, gerar a condição mínima de motivação e engajamento político entre as classes médias, que ainda obtêm uma amostra do retorno financeiro por seus esforços laborais. Contudo, ascender em cargos políticos, em atividades esportivas, em cultos religiosos e como *empresário de si mesmo* geram expectativas maiores para a conquista dos privilégios dentro desta estrutura de reprodução de valores e mentiras pela indústria cultural. Criam-se, assim, discursos dissonantes onde autoridades

públicas e intelectuais já não são mais capazes de prometer qualquer cenário de segurança (OLIVEIRA, 2004).

Nesse âmbito atual, de um lado, observa-se a escalada pelo poder arbitrário de grupos masculinistas representados por líderes políticos de referência internacional, com suas retóricas de ódio e estratégias populistas, tendo como efeito uma outra condição de parâmetro para se aproximar do ideal de masculinidade hegemônica e perpetuação da dominação masculina; por outro, nota-se um sistema neoliberal desumanizador, se realinhando de maneira radical e acelerada em ações políticas e institucionais de exploração e destruição para alcançar seus resultados de lucro e acumulação de capital (BROWN, 2019).

Mesmo no ambiente virtual da *machosfera*, a atividade política-ideológica se torna um negócio bem-sucedido através do discurso desumanizador do outro; ou pela dissonância cognitiva de seus interlocutores. Destacando o fenômeno bolsonarista, João Cezar de Castro Rocha (2023, p. 176) aponta que a extrema-direita vem explorando, principalmente, as redes sociais para ampliar seu modelo de negócio e criar uma rede de microempreendedores ideológicos, “aumentando de forma inédita a penetração de ideias reacionárias em todos os níveis da sociedade brasileira e numa celeridade que não foi antes vista por ninguém”.

Tais características de ação política revelam uma apreciação pelo jogo, nos termos de Huizinga (2010), quando descreve o engajamento pela articulação lúdica para fugir do caos da realidade e, relativamente, vincular-se a outras regras para a interação mais leve e prazerosa com a realidade. Não muito diferente da heterotopia estabelecida por Michel Foucault (2013), onde a imaginação particular suspende provisoriamente as prerrogativas arbitrárias da realidade. Entretanto, a crise que perpassa a condição de gênero e sexualidades na atualidade, em parte, está na intenção masculinista de alterar a realidade de maneira autoritária e impor as regras deste jogo lúdico e sádico como parte dos interesses de todas as pessoas na sociedade. Nestes termos, infiltra-se, pouco a pouco, um regime antidemocrático de constituição da verdade com base na negação dos saberes científicos e humanitários e na valorização de alternativas de enriquecimento imediato (como na promessa de sucesso da carreira *coaching*), que visam o lucro como objetivo individual, mantendo as relações e as responsabilidades sociais com a coletividade um experimento de incertezas distópicas¹⁶.

¹⁶ Projeções distópicas de interesses comuns quando associados à perpetuação dessas ideologias por meio do Estado, da religião e pela subversão da educação pela indústria cultural. Na maioria, mantidos sob o domínio corporativo de homens brancos, heterocispatriarcais e ricos, que usurpam do poder político e econômico ao submeterem a população a uma série de injustiças e precariedades. Aspectos que se aproximam bastante de coalizões afins aos regimes fascistas (STANLEY, 2019).

Sendo assim, também é possível compreender os discursos associados aos ataques a determinados grupos rivais, que precisam ser combatidos por tais representantes masculinistas como forma de alcançar uma condição hegemônica de dominação totalitária da sociedade, mesmo que por meio da força e da coação. Ao mesmo tempo, interpreta-se que essa ação de subjugar os adversários, como uma espécie de catarse coletiva pelo ódio ressentido de um interesse pelo outro que nunca será alcançado, também revela uma atitude sadista similar ao *mindfuck* quando procura saciar um prazer mórbido diante da dor psicológica (ou mesmo física) submetida ao suposto adversário político (KEHL, 2020).



Neste terceiro capítulo viu-se que a reificação do caráter masculino associado à *incorporação* de atributos de masculinidade, no corpo e na performatividade, reproduz a condição binária de gênero, assim como mantém a dominação masculina como parte da estrutura sociocultural dominante. Entretanto, a partir dos estudos críticos sobre as masculinidades, compreende-se que tais dispositivos de regulamentação identitária utilizam-se desta representação viril masculinista para atender aos propósitos ideológicos neoliberais da mesma forma que mobilizam engajamento às políticas de extrema-direita na atualidade.

Simultaneamente, esta linha de frente subserviente à ideologia radical de combate à diversidade de gênero e sexualidades também está implicada pela subversão de desejos, afetos e sexualidades, que fogem às regras do jogo heterocispatriarcal. Nesse sentido, serão apresentadas no próximo capítulo outras nuances deste caráter espectral vinculado à estrutura hegemônica da masculinidade, na intenção de relativizar a defesa pelo contraste binário do masculinismo com base em suas próprias práticas sexuais, desejos e afetos contraditórios entre homens que fazem sexo com homens sob a sombra do armário *gay* expandido.

4 INTERSECÇÕES E TROCAS PERMEADAS POR DESEJOS E OCULTAMENTOS

A prática sexual cisgênero de homens que fazem sexo com homens (HSH) e suas repercussões espectrais na vida de gays, bissexuais e machos heterossexuais.

Discute-se neste quarto capítulo o lugar das masculinidades marginais de homens cisgênero que fazem sexo com outros homens diante do rearranjo das estruturas de masculinidade a partir desta projeção insurgente do masculinismo no campo da política. Será visto que, ao invés da segmentação binária destes grupos identitários masculinos, conforme pensa a ideologia masculinista, tais masculinidades se encontram identificadas por vivências diversas desta interpretação reducionista entre *macho* e *bicha*, como é o caso de *gays*, bissexuais, homens transgênero¹⁷, pessoas não binárias e homens afeminados. Desse modo, ainda que formada por múltiplos marcadores sociais da diferença (classe social, gênero, sexo, raça, faixa etária etc.), estas vivências e particularidades identitárias de masculinidades dizem mais respeito à conformação espectral do que em gerar oposição, mantendo entre si vínculos transitórios e interseções nítidas, algumas vezes, de difícil classificação.

Assim, dentro desta configuração espectral, parte-se da referência de masculinidades no interesse de compreender o campo de disputas políticas entre os masculinistas (ao requerer *status* de *macho raiz*) e a subcultura *gay* (suscetível ao estereótipo negativo e preconceituoso de serem *menos homens*). Nesta sobreposição, destaca-se o perfil cisgênero de *homens que fazem sexo com homens* (HSH) abrangendo *gays*, bissexuais e heterossexuais, sendo este último, normalmente, ocultado de representações socioculturais como HSH.

Desse modo, problematizam-se aqueles heterossexuais HSH como sujeitos publicamente heterossexuais que, em suas práticas sexuais íntimas e sigilosas, mantêm relações com outros homens sem se identificar com eles (quando *gays* ou bissexuais), como se a prática homoerótica sob sigilo tornasse imune sua sociabilidade pública heteronormativa.

Este fenômeno, amplamente discutido por pesquisas na área da saúde, permanece invisibilizado pelo *armário* em suas experiências cotidianas, no paradoxo identitário deste subterfúgio expandido ao permitir a prática sexual promíscua com outros homens *heteronormados* sem abrir mão de privilégios da ideologia hétero. Ao mesmo tempo, esta condição de vivências sexuais clandestinas entre homens revela uma articulação importante na

¹⁷ Ainda que mulheres transgênero e travestis estejam incluídas no grupo epidemiológico HSH, ao contrário de homens transgêneros, altera-se esta delimitação aqui para focar na constituição cultural e intersubjetiva das identidades masculinas. Na sequência da pesquisa, o foco será ainda mais delimitado para homens cisgêneros.

estratégia do jogo identitário da masculinidade hegemônica. Isso significa que, apesar de burlar as regras diante da dissidência sexual e pelo possível adultério, ele permanece predisposto a não questionar o jogo heterocispatrilial e, neste sentido, apoia suas articulações políticas.

4.1 PRESSÃO DO MASCULINISMO SOBRE AS MASCULINIDADES MARGINAIS: a homofobia na delimitação da ordem binária e heterocisnormativa

Até aqui compreende-se que a condição convencional de estabelecer normativas para comportamentos, performatividades e desejos de homens na sociedade está vinculada à masculinidade hegemônica. Retomando Connell e Messerschmidt (2013), tal conceito refere-se ao lugar pleno de domínio e privilégio social a ser almejado por homens, principalmente, entre aqueles cisgênero, heterossexuais, brancos, ricos e com capacidades físicas plenas. Assim, a masculinidade hegemônica é um padrão de práticas e valores simbólicos que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres fosse mantida. Ao mesmo tempo, tal conceito permite compreender a formação de cumplicidades e de subordinações de outros homens na constituição desta escala hierárquica de corporação masculina. Portanto, essa estrutura de constituição das masculinidades, ainda que seja dinâmica e mutável, se mantém como sistema dominante no reconhecimento e destaque de sujeitos e identidades em toda a sociedade contemporânea patriarcal (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

Tais diferenciações entre masculinidades cúmplices, marginais e hegemônicas são produzidas por meio de suas conexões, não restritas apenas ao gênero, raça e sexualidades, mas também à classe social, origem geográfica, étnica e diferentes inserções geracionais. "Em nossa sociedade, o uso perverso de tais categorias tem gerado todo tipo de manifestação de racismo, levado a feminicídios, produzido muita misoginia e homofobia, bem como justificado uma disseminada *cultura do estupro*" (SCHWARCZ, 2019, p. 175).

Nesse sentido, alguns marcadores sociais da diferença são acionados para distinguir algumas masculinidades dentro de sua estrutura hierárquica, tendo a orientação sexual e a expressão de gênero como principais características para desqualificar uma determinada experiência de masculinidade subalterna e, assim, marginalizar sua condição humana (SCHWARCZ, 2019; ERIBON, 2008).

A partir das reflexões sobre a questão *gay* discutidas por Didier Eribon (2008), é possível observar que a propagação de injúrias, em especial contra homossexuais masculinos, costuma sujeitá-los a esta ordem social subalterna na qual não lhes é permitido liberdade para se constituírem como sujeitos de direito na esfera pública de representações socioculturais. Diante

disso, segundo o autor, é necessário ao *gay* recriar sua identidade pessoal a partir desta imposição social delimitada pela ordem sexual. E seria a partir da injúria que o veredito do *gay* se estabelece como marginal, indesejado pela sexopolítica de reprodução e de contenção moral das práticas sexuais dissidentes. Isto significa ser jogado para fora do casamento monogâmico e do propósito de procriação. Neste sentido, a injúria seria introjetada pelos indivíduos e se transforma em enunciado performativo que produz efeitos de segmentar as pessoas tidas como normais e aquelas estigmatizadas. Portanto, "a injúria me diz o que sou na medida em que me faz ser o que sou" (ERIBON, 2008, p. 29).

Para Eribon (2008, p. 91), a injúria coletiva e caricata (como agressão visual e simbólica) "exprime a inferioridade atribuída à homossexualidade na sociedade e perpetua as estruturas mentais que fundam essa inferioridade", vinculando a um só tempo o desprestígio atribuído ao pessoal e coletivo, na medida em que o insulto, segundo o autor, "opera por generalização, e não por particularização" (ERIBON, 2008, p. 93). Logo, os efeitos na vida das pessoas vítimas de homofobia são devastadores para a sua constituição como sujeito e, por mais que faça parte do coletivo no qual é insultado, o indivíduo fará de tudo para se dissociar desta categoria estigmatizada, muitas vezes, colocando-se no lugar daqueles que cometem a injúria. Eribon completa:

O homossexual que quer esconder que é 'viado', ou do qual se sabe que é, mas que faz questão de dar mostra de sua normalidade, rirá junto com aqueles que lançam brincadeiras duvidosas ou grosseiras sobre as 'bichas'. Com a ilusão de que é poupado pela injúria se ele mesmo a pronunciar ou se rir dela junto com aqueles que a pronunciam. Ou, então, de que será percebido como diferente daqueles dos quais se pode rir (imaginamos todos os esforços - de roupas, de palavras, de gestos - necessários para persuadir os outros e a si mesmo de sua conformidade com a 'normalidade') (ERIBON, 2008, p. 93).

Pela experiência do insulto, o termo homofobia designa essa aversão e preconceito contra homossexuais. Segundo Daniel Borrillo (2010), esta manifestação é arbitrária e consiste em desprestigiar o outro como contrário, inferior e anormal. Tal diferenciação social marcada pelo preconceito e sujeita a injúrias é parte da própria delimitação do sujeito homossexual, como se fosse determinada a um outro tipo de sujeito, semelhante ao preconceito cometido contra negros, judeus e estrangeiros.

Assim, esta inferiorização da homossexualidade com base na injúria coletiva desta subcultura (marcada pela experiência de práticas, comportamentos e expressões específicas no interior destas afinidades intersubjetivas) permanece como obstáculo para a plena realização de direitos civis ao deslegitimar sua condição humana perante a opinião pública. Ao mesmo tempo, através da homofobia é possível destacar o contraponto inferior da heterossexualidade, então,

vista em seu *status* de superioridade e normalidade sexual. Desse modo, tais diferenças entre homo/hétero servem para estabelecer a ordem do regime de sexualidades, tendo a heterossexualidade como referência para qualquer outra sexualidade. Nas palavras de Borrillo (2010, p. 16), com base nessa ordem sexual:

[...] o sexo biológico (macho/fêmea) determina um desejo sexual unívoco (hétero), assim como um comportamento social específico (masculino/feminino). Sexismo e homofobia aparecem, portanto, como componentes necessários do regime binário das sexualidades. A divisão dos gêneros e o desejo (hétero) sexual funcionam, de preferência, como um dispositivo de reprodução da ordem social, e não com um dispositivo de reprodução biológica da espécie. A homofobia torna-se, assim a guardiã das fronteiras tanto sexuais (hétero/homo), quanto de gênero (masculino/feminino). Eis por que os homossexuais deixaram de ser as únicas vítimas da violência homofóbica, que acaba visando, igualmente, todos aqueles que não aderem à ordem clássica dos gêneros: travestis, transexuais, bissexuais, mulheres heterossexuais dotadas de forte personalidade, homens heterossexuais delicados ou que manifestam grande sensibilidade.

Nesse sentido, a homofobia é introjetada no senso comum ao fomentar o medo da perda das fronteiras que delimitam a ordem entre heterossexuais e homossexuais. Desse modo, em uma sociedade profundamente marcada pela dominação masculina, "a homofobia organiza uma espécie de *vigilância do gênero*, porque a virilidade deve estruturar-se em função de dois aspectos: negação do feminino e rejeição da homossexualidade" (BORRILLO, 2010, p. 26).

Além da vigilância quanto aos modos de operar com o gênero correto (homens masculinos e mulheres femininas), existe a suspeita relativa à homossexualidade, que parece despertar um senso de traição entre grupos masculinos, como se fosse possível questionar a identidade mais profunda do ser (BORRILLO, 2010).

É importante destacar que a homofobia se constitui como algo banal na forma de estabelecer a ordem social pautada por gênero e sexualidades. Sendo uma hostilidade complexa, não está sob a responsabilidade apenas do sujeito que executa tal julgamento, na medida em que é parte da estrutura de diferenciação social e tendência de subjugamento do outro por suas particularidades identitárias. Dito isso, a homofobia significa um tipo de denúncia à condição de traidor daquele que se afasta da heterossexualidade ou do gênero ao qual foi designado no nascimento. Sendo assim, a diferenciação excludente do desertor é automática e coletiva, não sendo apenas um possível indício que expõe o homofóbico na desconfiança dele também ser homossexual ou transgênero, ainda que isso possa ser real.

Por outro lado, na sua manifestação como resistência, a subcultura *gay* tem influenciado as representações de masculinidade em sociedades euro-americanas desde os anos 1970, no momento de maiores aparições públicas da comunidade LGBTQIAPN+. Da mesma forma, as concepções culturais de masculinidades vêm influenciando o mundo simbólico homossexual e

moldando os seus gostos e modelos idealizados de representação. Por isso, não seria possível afirmar que a luta do movimento *gay* contra o preconceito acontece apenas contra entidades externas, assim como é difícil sustentar que os homossexuais masculinos sejam contrários às acepções da masculinidade hegemônica ou mesmo dos preceitos normativos de gênero (ARIZA, 2018; MAGNAVITA, 2008).

Dada a complexidade de seu fenômeno de influências interseccionais nestes grupos masculinos, também é importante destacar as diferentes homofobias praticadas em contextos de ódio e preconceitos, com a finalidade de exercer uma opinião crítica contra comportamentos discriminatórios dentro da própria subcultura da homossexualidade ou distinguindo a violência cuja finalidade é a crueldade extrema contra *gays*, lésbicas e transexuais.

Por isso, também é importante citar a presença do preconceito entre homossexuais masculinos na concepção normalizadora dentro da própria militância *gay*. Desse modo, os próprios preconceitos relativos ao caráter feminino estão presentes na subcultura *gay*, quando a afeminação masculina se torna uma aversão à expressão de gênero ou na prática sexual como passivo, deflagrando discursos que inferiorizam estas diferenciações entre os *gays*. Como se houvesse a intenção de reduzir a espontaneidade e eliminar as diferenças na conformação de um *gay* padrão, que não manifesta traços femininos e, assim, possa ser visto como pessoa de respeito sem ferir a suscetibilidade heterossexual. Segundo Magnavita (2008), isso deflagra um modo domesticado de ser *gay*, priorizando a moral e abrindo mão da ética.

Diferente da homofobia, atuando contra o desvio de orientação sexual a partir da heterossexualidade compulsória, a plumofobia é outra manifestação de aversão e se refere à discriminação mais específica da não concordância de gênero, cuja coerção seria para padronizar a masculinização de homens homossexuais com base na masculinidade hegemônica. Ou seja, trata-se do medo manifestado diante do comportamento afeminado de homens através de gestos, modo de falar e atitudes comportamentais, criando estranhamento na expressão *não* binária de gênero. No caso entre homens, sua manifestação procura controlar tais performatividades no padrão de masculinidade heteronormativa e, com isso, recuperar certos privilégios do ser homem, mesmo entre homossexuais masculinos. Portanto, a plumofobia é uma manifestação de preconceito contra a inadequação entre sexo e gênero, ao condenar tanto o feminino manifestado em homens quanto o masculino nas mulheres (ARIZA, 2018).

Embora o comportamento da comunidade homossexual tenha muito para avançar na militância por diversidade, e não pela particularidade, em síntese, é na resignificação da injúria homofóbica e no policiamento da binaridade de gênero que o masculinismo vem assumindo a missão de reestabelecer as fronteiras em defesa do jogo heterocisnormativo e, nessa corrente,

vêm se articulando pelos medos introjetados de estigmatização do outro, em ação política fundamentada pela repetida incitação ao ódio e à violência.

4.2 INFLUÊNCIA *GAY* SOBRE OS HOMENS HETEROCISNORMATIVOS: ou ameaça *gay* aos masculinistas?

Na atualidade, a retomada feroz dos discursos homofóbico e plumofóbico, como estratégia sexopolítica de banimento do inimigo para reestabelecer a ordem moral e reproduzir um modelo padrão de sociedade, revela um aspecto importante para a continuidade desta pesquisa. Justamente, neste rompimento com a imagem de uma masculinidade heterocispatriarcal absoluta por outras enunciações criativas de se constituir como homem, define-se o desafio quase intransponível de superação destes grupos e sujeitos preconceituosos e reacionários.

De acordo com Cunha (2019), a mitologia que funda o homem e o masculino, na visão de uma virilidade sem questionamentos, foi ameaçada pela indefinição e instabilidade da lógica identitária das últimas décadas, tanto devido ao novo papel do feminino entre as mulheres feministas, quanto pela maior aceitação pública daquela que seria a figura negativa do masculino, na proeminência do homossexual masculino, do *gay*, da bicha, do viado.

Assim, a imagem atualizada do homossexual tornou-se passível de ser reconhecida como outra versão de masculinidades plurais viáveis, também normais e até banais, superando seu lugar clássico de abjeção. Para Cunha (2019, p. 27), "o homem *gay* desse princípio do século 21, ao menos na imagem hegemônica que frequenta nossas mentes e, sobretudo, as engrenagens da indústria cultural, já não será um pecador lascivo, mas sim um bom pai de família e, quem sabe, até mesmo um empreendedor de sucesso". Ao mesmo tempo, retoma de sua subcultura a particularidade de aspectos viris, com corpos musculosos e vestuários que exploram as marcas mais progressistas da masculinidade. "Com isso, perdem nitidez as fronteiras identitárias entre o Homem e seu Outro".

Com isso, diante da normalização da vida *gay* e da difícil distinção entre diferentes marcadores para constituir as masculinidades, os limites diferenciando estas fronteiras tendem a ser borrados, mesmo sob a contínua vigilância de educadores, médicos e do próprio sujeito, que não pode vacilar ou demonstrar afeto sob o risco de ultrapassar os limites do amor fraterno e expor contradições indesejadas (CUNHA, 2019).

Contudo, essas transposições não comprometem apenas a desmitificação da masculinidade hegemônica pautada pelo homem sedutor, viril e corajoso, em parte, construída

pelo cinema e pela publicidade. Talvez, a maior ameaça diante do parâmetro de normalização da vida *gay*, em oposição ao homem hétero e viril, esteja na noção de esgotamento ético, estético e político do pensamento identitário como "forma hegemônica de enunciação de si e posicionamento no mundo, da qual a identidade de homem era, sem dúvida, o modelo privilegiado" (CUNHA, 2019, p. 27).

Diante do preconceito predominante e da reduzida visibilidade e expressão pública da vida de pessoas homossexuais nos espaços coletivos, é comum as pessoas heteronormativas e alienadas da diversidade cultural absorverem informações negativas sobre estes grupos dissidentes, fixando apenas aquilo que lhes é passado como estigma e caricatura. Entretanto, não é incomum também encontrarmos uma ampla manifestação cultural e artísticas, com muita energia criadora, dentro de relações e vivências junto às comunidades LGBTQIAPN+, principalmente, em grandes metrópoles mundiais, que tornam referências para novas tendências culturais e de consumo (SARDÁ-VIEIRA, 2022B; FLORIDA, 2011).

Didier Eribon (2008) relata existir uma fonte inesgotável de energia transformacional nas vidas *gays* a partir da superação do sentimento de vergonha, experimentado durante a infância na tentativa de superar a dissonância sexual no seio da família, passando pela melancolia de vínculos institucionais heteronormativos, até optar por vínculos motivacionais através da arte e da cultura (obviamente, quando existe esta possibilidade de agenciamento e alcance cultural). Nesse sentido, referindo-se a Marcel Proust, Eribon (2008, p. 50) aponta uma variação entre as disposições sexuais e intelectuais que invocam certos processos de formação de subjetividades *gays* relativos aos "efeitos exercidos sobre os homossexuais pela força da ordem sexual e o lugar que eles ocupam nessa ordem para explicar essas distâncias e essa diferenciações individuais" tão instigantes, criando possibilidades de aproximar identificações com o âmbito feminino (normalmente, rechaçado por homens heterossexuais) e, assim, neste lugar deslocado do comum, tornando possível viver uma emoção íntima com outro homem (ERIBON, 2008).

Este modo de vivenciar a realidade e suportar sua clandestinidade no fluxo de desejos faz possível a experiência de práticas sexuais sem tantas amarras aos dispositivos de repressão sexual biopolítica. Por isso, talvez a busca pelo prazer sexual seja uma forma de compensar a dor e as dificuldades que perpassam os preconceitos de se assumir a partir deste desvio de orientação, também definindo sua própria identidade. Entretanto, como já disse Foucault, o prazer e a ilegalidade sexual até podem ser tolerados aos olhos da sociedade normativa, contudo, a *felicidade* é algo que não se justificaria como compensação de uma vida clandestina e, portanto, não deve ser tolerada (ERIBON, 1995).

4.3 POSSÍVEL INTERSEÇÃO ENTRE HOMENS HETEROCISNORMATIVOS E O *GAY*

PADRÃO: o paradoxo do HSH na invisibilidade de comportamentos sociais e práticas sexuais

Na conciliação entre o que se torna tolerável ou não para a sociedade, surgem outros intervalos de interação social que podem servir como subterfúgios para os fluxos de desejos. Mesmo quando a busca pelo prazer desmesurado esteja, quase sempre, na iminência do sofrimento e do castigo (ERIBON, 1995).

Diante dos privilégios masculinos nesta sociedade de controle, torna-se bastante comum a criação desses subterfúgios¹⁸ para que homens possam experimentar práticas sexuais, oficialmente, quando surgem para atender ao desejo heterossexual. Ainda assim, é comum a associação entre diferentes prazeres para dar conta de desejos e fetiches, também explorados como meios de consumo. Tanto na criação de ambientes para os encontros presenciais quanto no uso das redes digitais para promover os encontros diretamente com determinados perfis, que despertam o interesse, desencadeando encontros e experiências íntimas em locais privativos.

Assim, de maneira similar aos subterfúgios dos espaços (físicos e virtuais) onde acontecem encontros furtivos, também surgem experiências práticas que ultrapassam as fronteiras da legibilidade das identidades sexuais, tanto por interesse recreativo quanto pelo vínculo pleno ligado a determinados desejos.

Neste sentido, distingue-se aqui a prática sexual entre homens sem, necessariamente, delimitar suas identidades sexuais ou de gênero apenas com base nessas experiências. Trata-se, no caso, da compreensão do termo *homens que fazem sexo com homens* no entendimento de sujeitos que não necessariamente, identificam-se como homossexuais ou bissexuais, ainda que mantenham relações sexuais (regulares ou esporádicas) com outros homens. Este grupo também conhecido pela sigla HSH¹⁹, portanto, define um conjunto que pode abranger *gays* e bissexuais, mas não se definiria como identidade sexual na medida em que sua experiência

¹⁸ Não é raro encontrar espaços formais ou clandestinos para a prática sexual em áreas urbanas, em grande parte, para atender ao público masculino. Já os ambientes *gays* voltados para a socialização, como bares e boates, e outros direcionados para a prática sexual, como saunas e áreas *cruising*, são mais frequentes em cidades maiores e mais centrais. As próprias áreas públicas (praças, estacionamento, ruas pouco iluminadas) com movimento isolado ou controlado também se tornam favoráveis para encontros sexuais, misturando diferentes perfis: homens e mulheres heterossexuais, homossexuais, bissexuais e transexuais. Entretanto, atualmente é através das redes digitais que flui a maior parte dos encontros sexuais e é através destas redes que os desejos eróticos se multiplicam.

¹⁹ No entendimento de Daniel Cerdeira de Souza (2023) este termo pode variar também para homens que se relacionam com homens (HSH), na intenção de ampliar seus vínculos íntimos e não os reduzir apenas ao interesse sexual.

homoerótica/homoafetiva/homossexual se faz sem o reconhecimento público, garantindo o sigilo e, por vezes, o anonimato (SOUZA, 2023; ALMEIDA, 2010). Este anonimato torna-se necessário por questões de segurança, vergonha, vulnerabilidade social, medo e comprometimentos de outras relações e vínculos familiares. As situações que definem o perfil HSH são amplas, desde homens que mantêm relações homossexuais estáveis sem exposição de sua identidade até homens que esperam garantir seus privilégios sociais mantendo a identidade como heterossexual. No caso, interessam nesta pesquisa as experiências de amizade íntima e práticas homoeróticas entre homens casados (constituindo vínculos familiares heteronormativos) com outros HSH.

Nestes casos, o HSH abrange alguns homens que não definem sua saída do armário, ao mesmo tempo em que simulam não estarem dentro nele. Nestes casos, são sujeitos de vida dupla, que performatizam a heterossexualidade, estabelecem vínculos possíveis com outros HSH, porém, não se identificam como bissexuais ou homossexuais. Vivem neste paradoxo através da expansão do armário como meio de manter o sigilo sem deixar de praticar e manifestar desejos homoeróticos, diferente do enrustido que, supostamente, evita qualquer experiência íntima com outro homem devido ao medo paralisante de ser descoberto. Entretanto, a noção do termo HSH identifica um conjunto amplo de experiências, presentes nas campanhas do Ministério da Saúde e em publicações na área da saúde para englobar todas as pessoas que fazem sexo com homens, entre as quais, os *gays*, bissexuais e travestis. Por sinal, o termo vem sendo utilizado em pesquisas para analisar informações a partir do aumento de casos de infecções sexualmente transmissíveis (IST) em práticas sexuais entre homens. O uso do termo auxilia na definição de políticas públicas voltadas aos cuidados dos homens em relação à sua saúde, evitando os altos índices de contaminação de HIV e outras ISTs e, ao mesmo tempo, minimizando os estigmas e as vulnerabilidades associadas entre ISTs e minorias sexuais (LAIO *et. al.*, 2019).

Conforme Carrara e Simões (2007, p. 94), a categoria HSH fez parte da estratégia epidemiológica de prevenção de HIV e Aids no âmbito internacional, na intenção de "contemplar a especificidade do contingente de homens que se relacionavam sexualmente com pessoas do mesmo sexo e não se reconheciam como 'homossexuais', 'gays', 'entendidos' etc.". De um lado, esta denominação procurou dissolver a carga de preconceito moral associado à homossexualidade e na sua desqualificação. Por outro, o termo foi questionado por acirrar os preconceitos de homens que fazem sexo com *gays* e travestis, que além de não se identificarem com eles os consideram moralmente inferiores. Nestes termos, os autores completam:

Um problema da categoria HSH é dissolver a questão da não-correspondência entre desejos, práticas e identidades numa formulação que recria a categoria universal 'homem' com base na suposta estabilidade fundante do sexo biológico, ao mesmo tempo em que permite evocar as bem conhecidas representações da sexualidade masculina como inerentemente desregrada e perturbadora (CARRARA; SIMÕES, 2007, p. 94).

No início do uso do termo HSH houve a intenção de tornar as estratégias de prevenção do HIV assertivas, tanto para homens *gays*, supostamente mais bem resolvidos e autoconfiantes, quanto para outros homens cuja identidade sexual seria mais fechada. Sendo assim, partiu-se de uma abordagem de diferenciação, no primeiro momento, distinguindo nesta categoria aqueles homens "que se identificavam como *gays* ou homossexuais e aqueles homens que fazem sexo com homens, mas não se identificam como *gays*" (CALAZANS; FACCHINI, 2022, p. 3.914). Na segunda metade da década de 1980 houve o incremento de outra categoria operativa da prevenção, que buscou deslocar o foco das identidades para as práticas e, assim, reduzir a estigma do HIV e Aids, principalmente, de *gays*, bissexuais e travestis. Dessa forma, o uso da categoria "homens que fazem sexo com homens" coincidiu com a virada estratégica de combater o risco da infecção pelo HIV não por focar em *quem você é*, mas na ênfase *o que você faz*.

Ainda, de acordo com Gabriela Calazans e Regina Facchini (2022), o uso recorrente da categoria epidemiológica HSH está associado à noção do comportamento de riscos frente à infecção pelo HIV, procurando dar ênfase às práticas sexuais ao invés da reificação identitária pautada pelo preconceito. Logo, tal "proposição da categoria HSH teria como objetivo reduzir o estigma contra homens *gays* e bissexuais, mulheres transexuais e homens heterossexuais auto identificados, que se envolviam em sexo com outros homens" (CALAZANS; FACCHINI, 2022, p. 3.915).

Da mesma forma, foi questionado o fato do termo HSH também estar suscetível à mesma estigmatização provocadas pela homofobia e o heterossexismo, que já afetam a categoria *gay*. Talvez, esta crítica mais contundente contra o uso do termo HSH, advinda de estudiosos e acadêmicos do campo dos estudos de gênero e sexualidades, justamente, esteja na ausência de especificidades criadas para cada subjetividade envolvida em sexo com homens, "apagando as percepções de diversidade dentro dessas populações" (*gays*, bissexuais, outros HSH e mulheres trans), assim como na percepção desta estratégia de categoria unificadora, que protege a suscetibilidade heterocisnormativa de homens sendo cooptados pelo desejo homossexual. O que permite às Nações Unidas e instituições de saúde em geral tratar a questão epidemiológica sem precisar se envolver com a agenda e a política *gay*. De qualquer maneira, estas discussões abertas por pesquisadores e ativistas trouxeram a preocupação em ampliar os

limites estabelecidos por termos como homossexual e bissexual no reconhecimento de uma grande diversidade de homens que fazem sexo com homens "associados a fatores situacionais e circunstanciais, interseccionados por raça, gênero, classe e idade, nos mais diversos contextos sociais [e de] multiplicidade de subjetividades e práticas" (CALAZANS; FACCHINI, 2022, p. 3.916).

Também é importante citar os estudos relativos à saúde de HSH em função de suas práticas sexuais, que apontam a recorrência maior do *chemsex* (sexo químico, em tradução livre) como modalidade de prática sexual mediada pelo uso de substâncias psicoativas (como metanfetaminas, cocaína, álcool, etc.) para prolongar o tempo de performance e prazer. Assim, o uso dessas substâncias durante relações sexuais entre homens possibilita maior desempenho momentâneo, sensações mais fortes de prazer e a redução da fadiga para prolongar os atos, algumas vezes, em experiências que duram dias seguidos. Entretanto, como salientam os especialistas, o *chemsex* apresenta graves consequências à saúde de seus usuários-praticantes, podendo causar dependência, prejuízos à saúde e maior exposição a doenças na medida em que o efeito psicoativo das drogas vulnerabiliza o sistema cognitivo de seus usuários (SOUZA; RODRIGUES; ARAÚJO NETTO, 2023).

Desse modo, além das diversas masculinidades como maneiras de expressar o gênero, também se considera a amplitude de práticas sexuais que se interseccionam entre as identidades e os desejos comuns, criando conjuntos e combinações não delimitadas exatamente pelos discursos e consensos identitários na cultura. Desse modo, ao se considerar amostras de vivências como estas, experimentadas por HSH, espera-se compreender as dinâmicas deste espectro na conformação de masculinidades constituídas por experiências legítimas dentro do armário expandido, diferentemente das delimitações defendidas entre grupos e ideologias masculinistas, que não se permitem enxergar para além do contraste, muitas vezes forjado. Embora, possivelmente, seja nesta abertura para além das fronteiras identitárias, na construção da utopia *queer* ou no embaralhamento das letras identitárias, que os movimentos sociais progressistas em defesa da diversidade poderão contribuir de maneira criativa na ação política e cultural pela equidade social.

4.4 RESULTADOS PROVISÓRIOS DA CARTOGRAFIA NA DELIMITAÇÃO DO ESPECTRO HSH

Na análise final desta *Parte A* é possível compreender a polaridade do masculinismo ao pressionar comportamentos e práticas homossexuais para se tornarem invisíveis, na medida em

que o sexo entre homens permanece inabalável no fluxo de desejos. Ao mesmo tempo, observa-se o discurso do *gay* padrão sendo retomado como disciplina moralizadora para evitar a suscetibilidade heteronormativa diante de comportamentos afeminados e expressões não binárias. Tais linhas de força parecem afetar estes diferentes grupos, criando tensões, reforçando a retórica homofóbica e, até mesmo, tornando tênues algumas fronteiras por onde escapam diferentes perfis de diversidade. Entre estas, encontram-se o conjunto HSH, de *homens que fazem sexo com homens*, interseccionando e transitando em uma ampla variedade de desejos, códigos, práticas e performances. E nessa mistura, outras denominações (não identitárias) são descobertas para além das orientações sexuais já conhecidas.

A *heteroflexibilidade*, por exemplo, também é vista como parte desta transição fluída de sexualidades que atestam não existir fronteiras para os desejos e práticas sexuais. A própria orientação não determina de forma clara o desejo, o que a torna autodeclaratória, ou seja, só pode ser atribuída por cada pessoa em particular (SOUSA, 2024).

Mas, será que uma sociedade machista e patriarcal torna possível vivenciar-se sem culpas estes fluxos de desejos que negam dizer seus nomes? Neste jogo de forças onde, de um lado, existe pressão e cobrança para a adequação masculina às normas heterossexuais, por outro, existem subculturas onde a prática sexual promíscua é vista com relativa liberdade de ações e escolhas. Nesta interposição, a flexibilidade hétero pode ser uma defesa, ou seja, uma forma de explorar a sexualidade sem se sujeitar a estigmas, preconceitos e exclusões sociais e políticas.

Heteroflexibilidade, portanto, é o termo utilizado para quem fica com pessoas do mesmo gênero, eventualmente, mas ainda se identifica como heterossexual. Nos EUA este tipo de relação também é conhecido como *bud sex*, com base na prática sexual entre homens de áreas rurais sem envolvimento afetivo. No Brasil é comum o uso do termo *brotheragem* para identificar este perfil de prática sexual entre homens masculinos e sem compromisso.

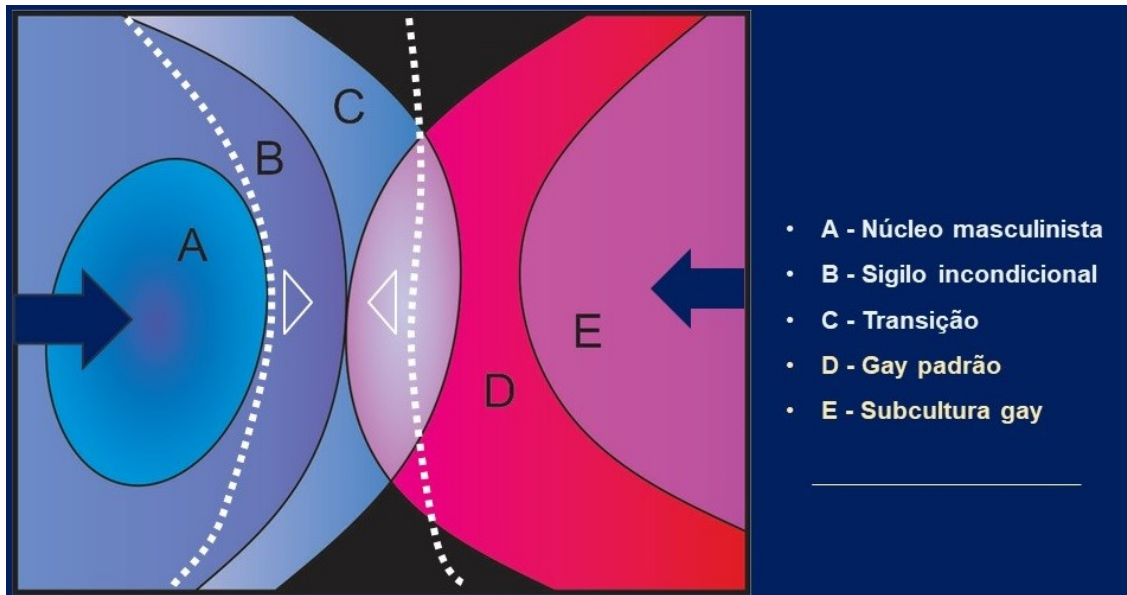
Outro termo que perpassa essa transição de desejos heteroflexíveis é formado pelo coletivo *g0y* (g-zero-y), no estímulo do sexo entre os homens. O reconhecimento coletivo *g0y* (*bromossexuais* e afins) também pode ser visto como movimento social. Contudo, não é um movimento de expressão pública a partir de manifestações e passeatas, estando mais difundido através das redes sociais com eventuais encontros presenciais coletivos (ALMEIDA; CASTRO; RAZUCK; MAMED, 2017), assim como fazem grupos masculinistas como *Redpill* e *Incel*. Esta noção de comunidade *g0y*, portanto, torna-se possível, basicamente, devido à difusão destes contatos e trocas por meio de *sites*, *blogs* e grupos digitais no *Facebook* e no *Instagram*, sendo possível inferir que a maior parte de seus participantes é formada por nativos digitais (PROVENZANO, 2014).

Contudo, entre os *g0ys* existem regras que limitam estas práticas eróticas e proíbem o sexo com penetração anal entre homens. Além da homofobia internalizada neste regramento, para diferenciar e não estigmatizar o vínculo afetivo entre homens *g0ys*, este cerceamento também diz respeito à internalização do terror anal na obtenção do prazer (PRECIADO, 2009). Na visão deste grupo, portanto, explorar sexualmente o ânus é algo sujo e degradante, na retaliação do ato praticado por *gays*. Neste caso, juntam os dois principais medos que perpassam a vida de um homem heterocisnormativo regular: medo da expressão de gênero afeminada (em gestos, falas e comportamentos) e o terror anal (no sentido de incorporar a negativa de obter prazer sexual associada ao ânus). Estas interdições, na tentativa de delimitar o grupo definem os dois princípios básicos a serem seguidos para se inserir na comunidade *g0y*: (1) não prática de sexo anal nos contatos entre homens (cisgêneros) e (2) ter postura e atitude masculina, segundo o relato de um dos organizadores desta fraternidade no Brasil (PROVENZANO, 2014).

Como coletivo, o *g0y* amplia esta zona de interseções entre a condição heterossexual e a subcultura *gay*, porém, ao reproduzirem os estereótipos da masculinidade hegemônica, na performatividade do homem macho e sem afetações de ambiguidade de gênero, acabam reforçando a condição heterocisnormativa como estética de vida. Novamente, parece haver necessidade de constituir segmentações para diferenciar estes fluxos de desejos e cercar liberdades (SOUSA, 2024). De qualquer forma, todas estas denominações, orientações e desejos enriquecem pequenos intervalos, transformando e aproximando o que antes era visto como contrastante.

Ao observar estas transições, portanto, surge uma primeira abordagem cartográfica conjunta destes grupos para interpretar suas nuances de maneira mais ampla, fora da dicotomia entre hétero e *gay*. Assim, a partir da figura abaixo ilustram-se as forças opostas de influência entre as referências masculinas matizadas pela subcultura *gay* e, em oposição, a delimitação do que é ser homem macho e viril pelo masculinismo (Figura 4).

Figura 4: Destaques e intersecções no espectro de masculinidades a partir de práticas sexuais e afetos experimentados por *homens que fazem sexo com homens* (HSH): *gays*, bissexuais, heteroflexíveis e *g0ys*.



Fonte: Autor (2024)

Este espectro inclui algumas áreas de transição marcadas pela diversidade masculina HSH, tanto no sentido desta *heteroflexibilidade* quanto na influência do padrão masculinista para uma outra parte transitória de *gays* que se aproximam dessas performatividades, por identificação ou por desejo. Por fim, é neste intervalo espectral, marcado entre linhas brancas tracejadas, que serão apresentadas as análises de campo a seguir, no aprofundamento desta cartografia com a *Parte B* desta dissertação. Por fim, ao concordar que as sexualidades revelam uma perspectiva privilegiada para analisar o funcionamento do poder, na determinação conveniente de corpos e sexualidades eficientes e produtivas (FOUCAULT, 2021), busca-se analisar estes recortes de sexualidades masculinas envolvidas em suscetibilidades heterossexuais e aproximações com as subculturas *gays* e bissexuais, para interpretar contradições, conflitos, vínculos duradouros e redes de aliança.

PARTE - B

[O espetáculo do armário – *Levantamento de campo*]



Figura 5: Pintura de Anthony Hurd, artista norte-americano

Título: *Tea for three*; 66x81cm; acrílico sobre tela, 2024

@anthonyhurd - Studio/Gallery @ahurdgallery

5 DISCURSOS POR IMAGENS E TEXTOS EM REDES SOCIAIS DIGITAIS

Influências heterocisnormativas sobre corpos e performatividades masculinas em espaços virtuais de prerrogativas gays, bissexuais e disruptivas.

Nesta parte da cartografia analisam-se os meios pelos quais foram realizados os contatos com os interlocutores através de aplicativos e *sites* de relacionamento no período entre 2022 e 2024. Estes contatos referem-se ao público de homens que fazem sexo com homens (HSH) e que utilizam as redes sociais para ampliar suas conexões de amizade, afetos e sexualidades homoeróticas. Em geral, nas redes sociais estes homens encontram uma ampla variedade de subgrupos e subculturas, porém, nesta pesquisa o intuito é observar a interação mantida por homens cisgênero entre *gays*, bissexuais e heteroflexíveis. Todos estes costumam se relacionar na sutil delimitação interseccional da subcultura *gay* e das normativas heterossexuais onde interagem homens de diferentes categorias sociais e expressões estéticas. Nota-se também a importância de entender o tipo de interação realizada nas redes digitais para identificar seus alcances, demonstrando a diversidade presente nos possíveis caminhos de identificação e afinidades na constituição da masculinidade, também como atributo micropolítico.

Além de alcançar a personalidade subjetiva dos interlocutores, a serem analisados na sequência desta etapa, a cartografia a partir dos aplicativos possibilitou compreender as relações interseccionais mais amplas enquanto marcadores sociais. Sendo assim, a masculinidade aparece implicada por questões de feições físicas, raça/etnia, idade, localização geográfica, formação cultural/educacional, além das categorias mais específicas relativas aos diferentes perfis e identidades, que acessam estas conexões majoritariamente frequentadas por homens. Ainda assim, são frequentes as aparições nestas redes sociais de pessoas transgênero, principalmente, mulheres. Outros códigos observados dizem respeito às posições sexuais (ativo, versátil, passivo, *gouine*) e disposição para práticas sexuais específicas (penetração anal, oral, rústico, sem beijo na boca), inclusive, para sexo sem preservativo (*bareback*). O estado civil, a condição de (in)visibilidade e a expressão de gênero dos sujeitos também foram observadas nesta parte de análise do discurso. Enfim, outros códigos são analisados nesta etapa da cartografia através do contato presencial, na maior parte, posterior à abordagem por meios digitais.

5.1 ANÁLISE DE DADOS E DISCURSOS DE PERFIS MASCULINOS EM APLICATIVOS E SITES

Os contatos feitos por aplicativos e redes sociais partem quase sempre do princípio da realização do encontro presencial para a prática sexual, com ou sem compromisso. Desse modo, tratar da viabilidade de locais para o encontro presencial surge como algo importante, na medida em que o ato sexual e o possível envolvimento afetivo costumam ser a motivação principal destes interlocutores para dedicarem tempo e atenção na criação de perfis e na continuidade de interações cotidianas através destes meios. Assim, boa parte dos locais onde os encontros são mantidos se articulam através das redes sociais, seja para marcar encontros (efêmeros ou prolongados) em locais privados (casa própria, hotel, motel, dentro do veículo particular etc.) e, até mesmo, na troca de informações sobre locais adotados como pontos de encontro furtivos, já estabelecidos para a sociabilidade (principalmente entre *gays* e bissexuais) e as práticas *cruising* (realizadas em bares, parques, praças, banheiros de acesso público etc.).

A representação do corpo, a partir de imagens apresentadas em perfis para a realização das primeiras abordagens, costuma ser o elemento de destaque para identificar (e ser identificado) os possíveis interesses, disponibilidade, recíprocas e afetos através dos aplicativos e sites analisados. Entre estas fontes de consulta, utilizadas nesta pesquisa, estão: *Grindr*, *Scruff*, *Tinder*, *Happn*, *Whatsapp* (aplicativos instalados em *smartphone*), *Facebook*, e salas de bate-papo da *Uol* (sites acessados pelo computador). Na conformação das imagens e informações textuais obtidas, por divulgação verificada ou não, a referência básica foram os perfis masculinos mobilizados pelo fluxo de desejo, diante do público majoritário formado por homens que sentem atração por homens.

Partindo das análises de dados (textos e imagens), os discursos observados nos perfis destas redes sociais, primeiramente, referem-se à importância da expressão corporal para chamar mais atenção de seus interlocutores oculares e mobilizar suas abordagens. Mesmo com muitas experimentações criativas de mensagens e montagens fotográficas, prevalece o reconhecimento do perfil masculino hegemônico, do homem branco, jovem, forte e viril. Esta estética se faz tanto pela apresentação de códigos corporais, ligados a proporções, cores e atributos físicos em geral, quanto pela metonímia de partes destes atributos, o que possibilita manter um perfil mais sigiloso e, assim, subentender sua condição de privilégio pessoal a ser preservado. Esta conformação também passa pela performatividade do gênero e pelas práticas sexuais informadas nos textos, normalmente, associadas à orientação sexual, ao caráter viril, à predisposição afetiva e aos fetiches sexuais.

Sendo o corpo a referência para situar estes perfis no conjunto de significados e interações imagéticas, surgem os questionamentos: quais seriam esses atributos de masculinidade identificados por estes perfis, divulgando particularidades de seus corpos e/ou escondendo atributos que possam ser vistos como menos atraentes? A partir de cada condição corporal, da qual não se pode fugir, como estas percepções são compartilhadas e, ao mesmo tempo, tornam-se influentes nas micropolíticas destes corpos na medida em que esses sistemas de valores são elaborados entre os usuários dos aplicativos e das redes digitais?

Com estas questões, são analisadas algumas características corporais encontradas nos perfis, a partir das quais espera-se aproximá-las na identificação de categorias também presentes no senso comum de masculinidades (locais e regionais) vistas anteriormente. Parte da análise focará nos atributos raça/etnia, magro/gordo, forte/fraco, para destacar os principais aspectos que contrastam ou não com os atributos de desejo entre os corpos dos perfis.

Nos aplicativos *Grindr* e *Scruff* destaca-se a estrutura de telas menores para a consulta dos perfis divididos em pequenos espaços, a partir dos quais são realizados os acessos particulares. Nesta janela os perfis são organizados na ordem da menor distância georreferenciada para cada acesso individual do aplicativo. Ou seja, cada usuário mantém sua posição geográfica como referência de onde outros perfis, que também utilizam o aplicativo, serão localizados na sua tela a partir daqueles que estiverem mais próximos. Nesta imagem principal de acesso aos perfis, destaca-se este conjunto de imagens diminutas onde cada perfil tem a disponibilidade em destacar uma das suas fotos (quando se opta por divulgá-las) e pelo nome ou título atribuído por cada usuário. Clicando em cima deste recorte de perfil, portanto, entra-se no perfil completo, onde é possível acessar informações gerais como: distância georreferenciada, autodescrição do usuário (quais seus interesses e o que busca), altura, peso, sexo, prática sexual, tribos, estado civil, além de outras fotos que estejam disponíveis. Contudo, a opção pelo preenchimento completo ou disponibilidade destas informações é de cada usuário. Além destas informações, é possível mandar mensagens e curtir cada perfil através de funções específicas.

Já nos aplicativos como *Tinder* e *Happn*, estes perfis aparecem um de cada vez na tela do *smartphone*. Da mesma forma que nos outros *apps*, cada usuário opta por preencher informações próprias e divulgar imagens (do próprio corpo, de paisagem, dos animais de estimação etc.), que serão visualizadas por outros usuários, dentre as quais deverá escolher entre curtir ou não o perfil completo um de cada vez. No caso, se houver reciprocidade manifestada entre dois usuários (os dois curtindo seus respectivos perfis), o aplicativo informa esta

combinação, chamada de *match*, e disponibiliza o acesso ao perfil correspondido em outra janela, na qual é possível trocar mensagens.

Nos acessos realizados pelo *Facebook*, a estrutura de conformação pessoal dos perfis é mais complexa na medida em que os recursos de socialização são mais amplos, não restritos para encontros afetivos e sexuais entre seus usuários. Nem mesmo sendo um sistema direcionado ao subgrupo de HSH, como acontece com o *Grindr* e o *Scruff*. De qualquer forma, nesta rede social também foi possível realizar alguns contatos e aproximações com perfis masculinos, que corresponderam ao contato e liberaram acesso para suas fotos e outros conteúdos, tornando possível analisar suas representações pessoais. Nestes acessos identificaram-se vínculos familiares, profissão, localização e atividades gerais. Já nas salas de bate-papo da *Uol*, o suporte de comunicação e acesso é feito na seleção de salas temáticas, abertas a qualquer público (com avisos de restrição para menores de 18 anos). No caso, utilizou-se o grupo de salas virtuais localizadas nas cidades de Erechim, Passo Fundo e Chapecó, onde é comum a promoção de encontros em homens que fazem sexo com homens, ao se identificarem com nomes e apelidos que induzem suas preferências sexuais; ou pela abordagem direta de mensagens privadas para consultar os interesses e dialogar individualmente no suporte da sala de bate-papo. Estas trocas de informações funcionam mais no diálogo de texto, também sendo possível iniciar uma conversa por videoconferência, ainda que o anonimato deste sistema (priorizando o texto em relação a imagem) seja seu maior trunfo para a maioria dos homens em condição de sigilo e anonimato.

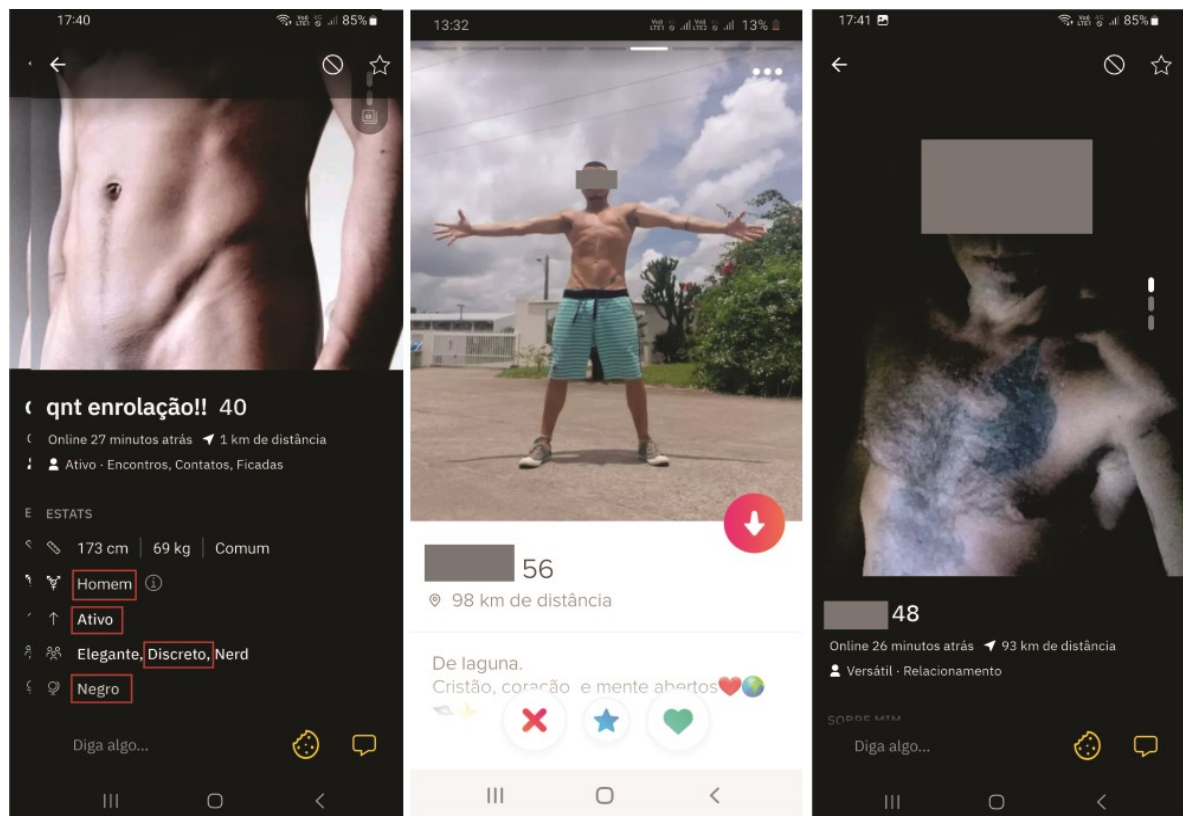
Nesta estrutura de visualização a imagem do corpo ganha destaque no repasse de informações sobre os perfis ou para selecionar as interlocuções com base em interesses particulares de cada um. Em especial, nota-se que este processo de seleção de um interlocutor através das telas é semelhante à busca de produto sendo divulgado em um *site* de compras, na diferença que o outro usuário pode corresponder ou não à pré-seleção de seu interlocutor. Ao mesmo tempo, configura uma nova oportunidade para a economia afetiva de um público que dispõe de poucos espaços de socialização e apropriação a partir de suas subculturas homoeróticas (PARANHOS; NERY; 2020).

A seleção, restrição ou divulgação de imagens também possibilitam análises interessantes sobre os perfis. Em geral, o conteúdo de divulgação no perfil costuma ser optativo para mostrar ou esconder determinados atributos, por razões que partem do consenso de beleza masculina atribuída por questões culturais, mídias e redes sociais, mas também influenciadas por interesses particulares. Já o controle para manter sigilo e anonimato em perfis sem informações requer abordagens por mensagens. Nestes casos de interação, percebe-se certo

distanciamento para a reciprocidade do contato na medida em que a intenção do perfil tende a ser coletar informações e garantir seu sigilo e controle na continuidade ou não do contato.

Na identificação de raça/cor/etnia a partir dos perfis coletados na Região Sul brasileira constata-se a maior divulgação de imagens em perfis de homens brancos, quando comparados com os perfis de homens pretos, pardos e indígenas (Figura 6). Esta percepção parece falsear a maior presença de homens brancos no uso dos aplicativos. Entretanto, acredita-se que o racismo estrutural torna reduzida a divulgação identitária de pessoas mais distantes de atender ao padrão da branquitude. Como se buscassem evidenciar outras informações a partir do texto antes de tornarem evidente sua identificação racial.

Figura 6: Perfis de homens negro, pardo e indígena. Utilizou-se tarja cinza para ocultar características pessoais e destaque em vermelho de códigos em análise.



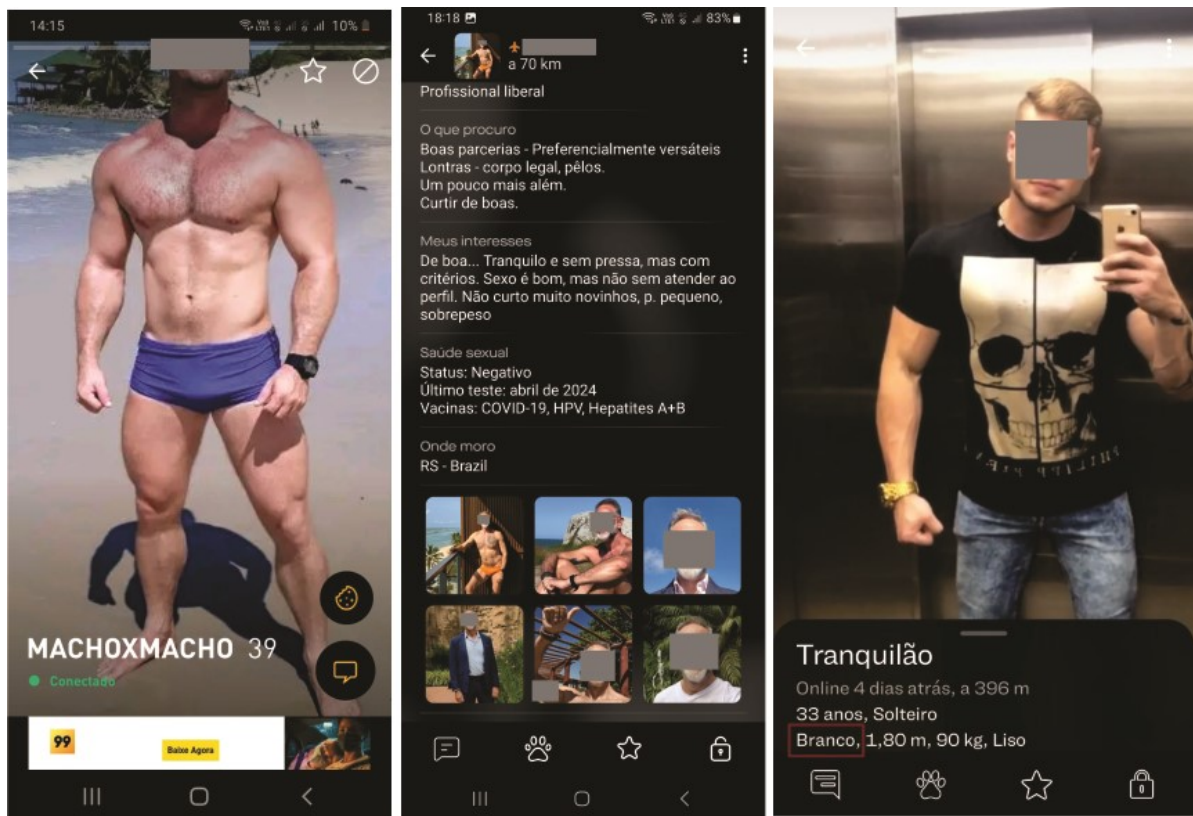
Fonte: Prints de tela obtidos a partir dos aplicativos *Grindr* e *Tinder*, 2023 e 2024, editados pelo autor (2024).

Em um país racista como o Brasil, foi necessário observar com atenção esses fatores, para relacionar o caráter racial ao modo de tornar menos evidente determinadas características identitárias e corporais. Nesse sentido, constataram-se vários perfis, principalmente, de homens pretos e pardos, filtrando suas imagens para destacarem outros atributos subjetivos em primeiro plano. Por exemplo, nos perfis de homens negros com fotos foi comum encontrar as fisionomias

dos usuários mais distante da captura da imagem, tornando pouco nítida suas nuances físicas, principalmente, para identificar seus traços faciais. Também foram recorrentes o uso de imagens metonímicas para apresentar partes específicas do corpo, evitando a unidade de identificação corporal.

Essas situações de esconder feições físicas, em geral, também estiveram presentes em vários perfis que buscam esconder atributos vistos como menos valorizados, tanto por particularidades fisiológicas quanto no âmbito cultural, que distingue suas particularidades, como classe social, condição de deficiência física, sobrepeso etc. Entretanto, chamou a atenção o fato de boa parte do perfil de homens negros e pardos utilizar este recurso para filtrar ou priorizar tais aspectos corporais de identificação racial e cor da pele. Em contraponto, os perfis de homens brancos apresentam mais imagens e informações pessoais, principalmente, fotos realçando o enquadramento completo do rosto e do corpo nas imagens divulgadas (Figura 7).

Figura 7: Perfis de homens brancos. Utilizou-se tarja cinza para ocultar características pessoais.



Fonte: Prints de tela obtidos a partir dos aplicativos *Grindr* e *Scruff*, 2023 e 2024, editados pelo autor (2024)

Outra característica vista como desfavorável nos discursos proferidos nos aplicativos refere-se à condição da obesidade. Muitos usuários nesta condição tendem a esconder suas feições corporais em fotos, priorizando o rosto, ou não identificar seu peso nas informações. Já

a feição de corpos malhados, com definição muscular nos braços, peito, barriga e pernas, são atributos bastante valorizados nas postagens com fotos (muitas sem o rosto), o que destaca o perfil de seus usuários em relação a outras informações que nem sempre são divulgadas. Como no caso recorrente de perfis que costumam mostrar atributos físicos de corpos sarados e malhados, sem qualquer identificação de texto (idade, orientação, estado civil etc.) no *status* do perfil. Estes casos denotam certo interesse de utilizar o perfil do aplicativo mais para testar seu impacto na audiência e obter *likes*, ao invés do interesse pela interlocução propriamente.

Em associação a estes atributos predominantemente visuais, também se analisam os discursos em textos, em especial, na descrição do usuário de suas características e interesses nem sempre possíveis de relacionar com a imagem. Por exemplo, uma imagem pode descrever um corpo mais forte ou mais fraco, entretanto, nem sempre este aspecto da “força” a ser destacado torna-se evidente nos atributos visuais do perfil, mas aparece na intenção do discurso em frases de caráter ríspido e grosseiro, que tentam significar sua força na personalidade e no caráter através da escrita. Em muitos casos, a construção particular de atributos visuais e discursivos foge ao controle do que é esperado ser comunicado, evidenciando fraquezas e precariedades inerentes à divulgação de informações pessoais com difícil inserção no universal.

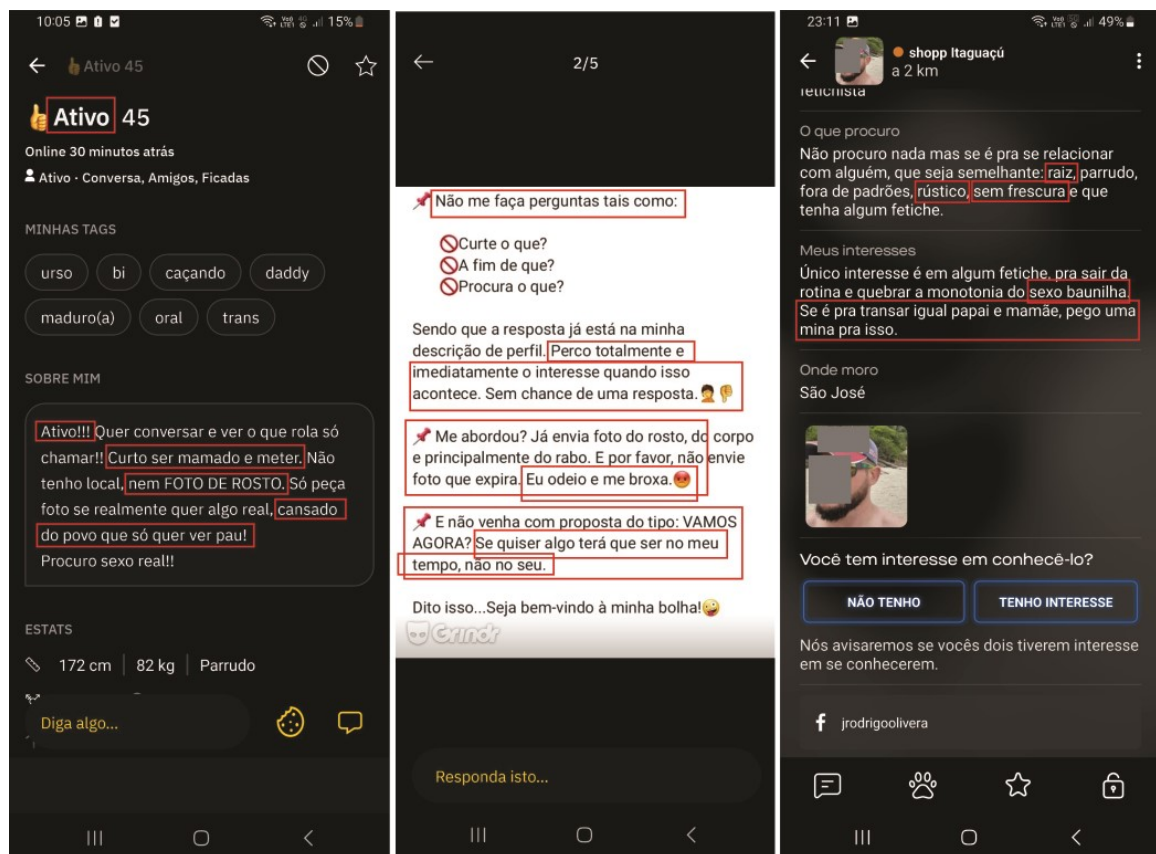
Em geral, observa-se que a força se refere a um atributo de representação masculina de importante evidência, destacando-se tanto pelo atributo da musculatura corporal, passando pela expressão engendradora do corpo através de sua composição no uso de feições físicas (barba, corte de cabelo, gestuais etc.), quanto na incorporação do vestuário e de objetos cotidianos, como veículos, máquinas, arquitetura e instrumentos tecnológicos. Nesta relação com a exterioridade, o corpo amplia suas relações com o espaço e as coisas para criar performatividades e aproximações materiais, que tendem a ser demonstradas (de maneira intencional ou não) quando fotos diversas são incorporadas nos perfis.

Nos discursos textuais, essa construção de atributos aparece no uso de expressões como “rústico”, “homem macho”, “pegador”, retomando a ideia de força. Ao contrário de outros discursos e frases, em que o contraponto à força masculina revela interesse de complementariedade ao demonstrar submissão e subserviência ao modelo masculino dominador. Entretanto, nenhuma dessas características associadas aos perfis é unânime. Muitas características físicas de homens parrudos, musculosos e barbudos, por exemplo, também estão associadas a discursos descomprometidos com a *força* masculinizadora, em especial, ao destacarem aptidões voltadas ao diálogo, carinho e cuidado. Embora a associação com discursos relativos à superioridade masculina seja recorrente para atestar atitudes seletivas, privilegiadas e de resolução prática (Figura 8). Como no caso de preferir performatividades afeminadas,

determinar qual a retórica dominante de interesses no uso do aplicativo e não dispor de tempo para enrolação.

Quanto às posições sexuais, destacam-se as categorias como ativo, versátil e passivo, que remetem às suas preferências sexuais, também marcadas por estereótipos e hierarquia de valores. O que torna comum a ideia de que o ativo é sempre dominante e não afeminado, diferente do passivo, que estaria mais suscetível aos interesses do parceiro, submetendo-se às suas vontades. Já o perfil versátil tende a quebrar esses extremos que automaticamente se associam aos papéis do masculino (ativo, viril e dominante) e do feminino (passivo, afeminado e submisso). Rotulações e entendimentos comuns em associação às práticas, sujeições e subjetividades.

Figura 8: Exemplos de textos com retórica agressiva e hostil. Utilizou-se tarja cinza para ocultar características pessoais e destaque no enquadramento em vermelho de códigos em análise.



Fonte: Prints de tela obtidos a partir dos aplicativos *Grindr* e *Scruff*, 2023, editados pelo autor (2024).

Neste grupo de experiências sexuais, algumas práticas também aparecem para atender interesses mais específicos. Enquanto a noção do comportamento como ativo/passivo/versátil subentende a ideia do sexo com penetração, outros perfis suscitam outros interesses. Por exemplo, o *gouine* (praticante do *gouinage*) demonstra sua preferência pelo sexo sem

penetração anal, enquanto outros manifestam interesses de praticar sexo oral ou a masturbação em dupla. Outra prática que vem sendo bastante comum é o sexo com penetração anal sem utilizar camisinha (também conhecido como *bareback* ou mesmo como *BB*), principalmente, com a maior difusão no uso do PrEP (Profilaxia Pré-Exposição) e do PEP (Profilaxia Pós-Exposição) para evitar a contaminação pelo HIV. Ou ainda, o sexo mais rústico, associado à performance mais bruta ou à precária condição de higiene dos corpos. Essas e outras práticas, em geral, dizem respeito às fantasias sexuais e fetiches, que costumam aproximar contatos específicos nas redes sociais.

Na especificidade de cada *site* e aplicativo, algumas destas características também são mais compartilhadas e assimiladas entre os grupos menores. Tanto na estrutura de aparições de perfis no *Facebook* e no Bate-papo da *Uol* quanto nos aplicativos, algumas demandas aparecem de forma específica. Como no aplicativo *Scruff*, que é voltado ao perfil de homens do estilo ursos/*bears* (no estilo de corpos maiores, parrudos, gordos, musculosos, maduros e/ou peludos), enquanto o *Grindr* costuma ter maior presença de usuários mais novos, com características mais genéricas e interesses muito direcionados para encontros sexuais e pouco afetivos. Já os aplicativos como *Tinder* e *Happn* apresentam acessos e contatos mais dialogados e que costumam resultar em buscas por relacionamentos e envolvimento afetivos pelo público *gay* e bissexual.

Nesta diferença entre os aplicativos é comum surgirem diferentes expectativas para atender determinados propósitos, muitas vezes, construídos a partir das próprias experiências dos usuários. O que delimita diferentes escolhas, como o próprio aplicativo a ser utilizado (ou *site* de encontros e redes sociais), para alcançar objetivos claros de relacionamentos (estáveis, românticos, sexuais), exposição pessoal (para ser reconhecido ou não) e no grau de cerceamento quanto à livre expressão binária de gênero. Estes aspectos denotam outros códigos importantes que são aqui identificados, relativos ao estado civil (casado/solteiro), ao caráter de (in)visibilidade (sigilo/assumido) e da performatividade de gênero (discreto/afeminado).

Na relação interseccional de tantas categorias (*gay*, hétero, bissexual, assexual, preto, pardo, branco, magro, gordo, parrudo, barbudo, careca, másculo, musculoso, rústico, *gouine*, versátil, ativo liberal, passivo, sexo oral, sexo sem penetração, solteiro, discreto, assumido etc.), muitas combinações tornam-se possíveis para indicar cada perfil com particularidades. Porém, na conformação geral, a maior parte dos perfis tenta se encaixar naquilo que é visto como universal. Da mesma forma, o universal é a preferência entre as buscas.

Independentemente do meio, acredita-se que é recorrente o fator de comparação na amostragem de perfis que cada pessoa pode acessar em seu *smartphone*, tornando algumas

características e apresentações pessoais mais recorrentes na medida em que obtêm mais acessos e interesses. Como no caso de postar fotos do rosto, olhando para a câmera e fazendo caretas; nas fotos acompanhados de animais de estimação; ou nos ensaios fotográficos utilizando roupas fetiches, associadas às práticas sexuais. São situações que demonstram o quanto os discursos são assimilados e reproduzidos, e mesmo quando existem combinações singulares para destacar cada perfil como único, os perfis ainda recorrem e reproduzem o que já está reconhecido como belo.

5.2 RESULTADOS E INTERSECCIONALIDADES PARA OS PERFIS MASCULINOS EM APLICATIVOS

Na análise conjunta desses códigos de valores de masculinidades observados em aplicativos e redes sociais digitais frequentados por homens que fazem sexo com homens, distinguem-se alguns resultados relativos aos códigos compartilhados por estes sujeitos.

Nessas matrizes sociais analisadas encontram-se indivíduos com diferentes modos de pensar, agir e viver, predispostos a variadas relações interpessoais e sexuais. Estes encontros, portanto, são marcados por reproduções e representações socioculturais múltiplas, da mesma forma, por conflitos, desconstruções e reelaborações críticas. Similar à reprodução de padrões sociais em ambientes como a escola, estas redes sociais digitais também configuram espaços onde se pode analisar os efeitos de nomeação para identidade de gênero, orientação sexual, diferenças e comportamentos, pautados por relações de poder e resistência na constituição de corpos e performatividades (COSTIN; FERNANDES, 2023).

Nos aplicativos *Grindr*, *Tinder*, *Happn* e *Scruff*, essas trocas e dinâmicas observadas através dos perfis, com sua divulgação de fotos e textos e alternâncias de mensagens, dizem respeito a experiências performativas a serem testadas e reelaboradas em discursos, que nomeiam suas relativas verdades sobre o que é ser masculino, com base no sexo, no gênero, no desejo e na prática sexual, em relações de poder e espelhamento social que acontecem dentro das limitações do próprio aplicativo (BUTLER, 2015). Assim, se destacam nesses discursos performativos a nomeação de normas regulatórias pelas quais a diferença e a orientação sexual não operam de forma discriminatória, entretanto, o papel de gênero e a posição/comportamento sexual tornam-se fundamentais para distinguir as classificações e exercer hierarquia, também associadas a outros marcadores sociais como raça e classe social (MISKOLCI, 2013).

Estas diferenças marcadas por posição sexual (ativo/passivo), raça e classe entram como um conjunto de combinações que tendem a tornar viáveis aqueles perfis marcados por

características que atendem às normativas desejadas para a sua constituição como sujeito e, ao mesmo tempo, excluem aqueles corpos e performatividades marcadas como abjetos. Dentro desta constituição, destacam-se aqui estas marcas normativas da própria sociedade, ao viabilizar características corporais como branquitude, juventude, performatividade masculina e representação de sucesso e riqueza. Em contrapartida, corpos mestiços, velhos, afeminados e pobres, por determinação de suas aparições discursivas, criam possíveis zonas inóspitas e inabitáveis para essas pessoas marcadas por preconceitos. Ainda assim, nestas interações virtuais também é possível encontrar agenciamentos e resistências que alteram essas linhas de força com base nos diferentes posicionamentos particulares (em reconhecer o preconceito e a discriminação como barreira) e na própria subversão às normas de dominação, de onde surgem aberturas para a representação de viabilidades e reconhecimentos a partir da diversidade.

De maneira ampla, surge um repertório de características gerais associadas ao corpo e à performatividade, mas também presentes nos discursos e entonações textuais descritivas. Estas características físicas não se limitam à ação social e práticas unânimes, entretanto, indicam conotações predominantemente pejorativas na representação de valores associados a homens afeminados e passivos. Todas estas características, entretanto, perpassam o campo moral de regramento das atividades masculinas dentro da visão de comportamentos, gestos e retóricas binárias e viris. Tais discursos reproduzem o que está posto às dinâmicas de valores machistas, racistas e homofóbicos do cotidiano e são atualizados pelas narrativas midiáticas contemporâneas (BRASILIANSE; ANSEL, 2016).

Na interseccionalidade de categorias e na fácil percepção de seus esquemas valorativos vinculados às reproduções das normas sociais, destacam-se outras categorias nesta reprodução de valores associadas à estrutura hierárquica da masculinidade hegemônica. Tais atribuições dizem respeito aos valores já compartilhados com o campo social e cultural, mas alguns partem da interpretação histórica do que vem sendo constituído como sinônimo de masculinidade, como bravura, força, coragem, por sinal, remontando ao comportamento do homem guerreiro na antiguidade (BRASILIANSE; ANSEL, 2016).

Na reprodução da virilidade masculina na modernidade, onde se misturam a cordialidade e a capacidade de oratória e expressão no campo político, ainda permanecem alguns destes atributos ligados à força e à beleza do corpo para destacar atributos de uma suposta natureza masculina. Existem várias nuances de combinação atuando como estratégias de acolhimento ou rejeição, criando-se fraternidades pelo compartilhamento identitário ou experiências particulares aleatórias (Figura 9). Nestes códigos que são observados, algumas dicotomias operam de maneira mais evidente entre os atributos relativos ao corpo, às práticas e

posições sexuais. Alguns também dizem respeito a outras associações, como o lugar e os objetos apresentados por fotografias e o estilo da escrita, com entonações ríspidas, acolhedoras e agressivas.

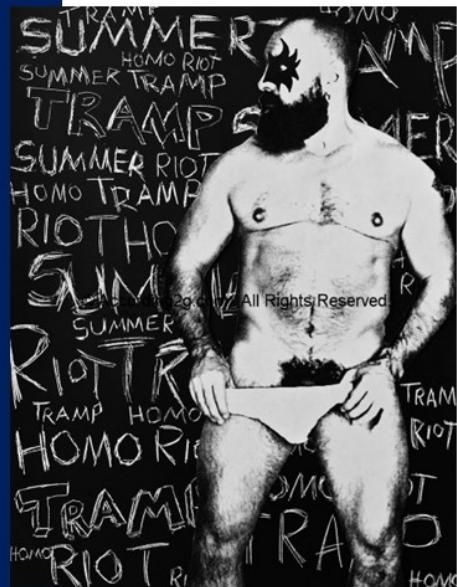
Outro ponto diz respeito à necessidade de maior profundidade de análise da categoria racial. Ainda assim, do que foi possível observar, é possível inferir o menor protagonismo de negros, pardos e indígenas na divulgação de seus perfis. Predomina, neste caso, a visibilidade de homens brancos na demonstração de suas imagens corporais.

Figura 9: Organização dicotômica de atributos masculinos observados nos aplicativos, *sites* e redes sociais digitais que são frequentados por homens que fazem sexo com homens – entre hegemonia e marginalidade.

Hierarquia Masculina de **representação?**

*Sistema de valores
Hegemonia X Marginalidade*

Tecnológico	• Operacional
Culto	• Ignorante
Hegemônico	• Marginal
Caucasiano/Branco	• Mestiço/Preto
Magro	• Gordo
Forte	• Fraco
Jovem	• Velho
Heterossexual	• Homossexual
Cisgênero	• Transgênero
Rico	• Pobre
Líder	• Subordinado
Viril	• Delicado
Agressivo	• Pacífico
...	• ...



Fonte: Autor (2024)

Esta menor evidência de perfis pretos e mestiços justifica-se, em parte, pelo preconceito racial. De modo similar, aos códigos de classe social, que também se tornam evidentes quando o perfil espera destacar alguma informação relativa ao seu poder aquisitivo na obtenção de veículos, roupas, espaços e objetos domésticos, assim como na demonstração de fotos realizadas em viagens, ao estilo de cartão postal. Acredita-se que o efeito dessas postagens cria um fator de reafirmação destes estereótipos ligados à branquitude e riqueza material, também associados a discriminações e hierarquias subliminares. Contudo, nada disso passa sem alguns

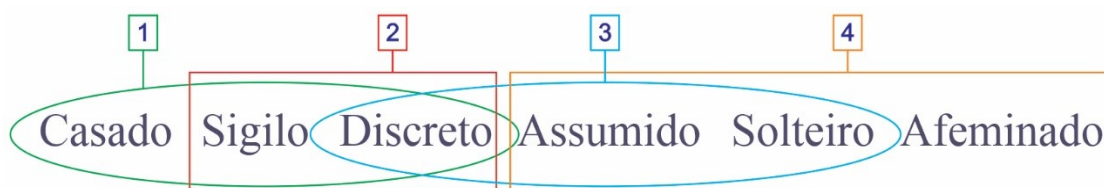
atritos e contestações, observados no reconhecimento declarado de valorização de contrapontos de classe e raça, neste sistema de aparências e privilégios. Alguns perfis, no caso, trazem estes questionamentos relativizando, por exemplo, o interesse por viagens ao exterior de outros usuários. Também é vista com recorrência a descrição de perfis que se autodenominam *pessoas simples*, o que pode ser interpretado aqui como pouca disponibilidade de recursos materiais.

Nestas análises, portanto, percebe-se um predomínio de autovalorização por perfis representados por homens brancos e cisgênero, também vinculados à afirmação do privilégio de classe, enquanto aspectos interseccionais, ainda que pouco problematizados em profundidade nos discursos dos usuários.

Segundo Paranhos e Nery (2020), o uso de aplicativos para a socialização entre homens se faz neste agenciamento de constituição de seus perfis, apresentando seus rostos, partes ou totalidades dos corpos, padronização de posturas e possibilidade de escolhas de roupas, poses, ambientes e expressões estéticas do universo masculino, como modo de reforçar os ideais de virilidade da masculinidade hegemônica de suas referências socioculturais e regionais. Neste sentido, para os perfis georreferenciados na Região Sul brasileira, a valorização da branquitude costuma ser recorrente diante de marcadores sócio-históricos de cunhos racistas e eugênicos, no caso, ao valorizar os descendentes de imigrantes europeus em detrimento das representações negras, indígenas e mestiças, que sempre foram preponderantes nesta região (VIEIRA; GIORGI; ROJESKI, 2022; FLORES, 2007).

Outras categorias a serem associadas referem-se a estado civil, caráter de (in)visibilidade e expressão de gênero, ou seja, na relação casado/solteiro, sigilo/assumido e discreto/afeminado, que denotam informações de constituição identitária e valores relativos na interação entre HSH. Estas combinações apontam para perfis similares na maneira de manifestar interesses, desejos e objetivos. Primeiramente, constatam-se um espectro sequencial interligado por estes códigos, como mostra a Figura 10.

Figura 10: Combinação dos códigos de estado civil, caráter de (in)visibilidade e expressão de gênero.



Fonte: Autor (2024)

Na combinação [1] *casado, sigilo e discreto* estariam os códigos mais vinculados aos sujeitos heterossexuais HSH (sendo também identificados como bissexuais) que demandam maior discrição e sigilo. Entretanto, [2] *sigilo e discreto* são códigos também associados aos homens *solteiros*, e suplementares ao código *assumido*. Assim como a combinação [3] *Discreto, Assumido e Solteiro*, que articula códigos relativos aos *gays* e bissexuais (podendo substituir solteiro por *casado*). Por fim, na sequência [4] *Assumido, Solteiro e Afeminado* entra outra combinação de códigos para distinguir o perfil HSH mais representativo da comunidade *gay*/bissexual (também associado ao perfil *casado*), sendo que o uso do código afeminado, quase em oposição ao discreto, se materializa na retórica daqueles homens que excluem essa categoria de seus interesses. Como se o afeminado precisasse ser punido e rechaçado por se afastar do espectro masculino a partir dos marcadores sociais naturalizados pela masculinidade hegemônica (RAMOS; CERQUEIRA-SANTOS, 2020).

Por outro lado, o questionamento do perfil afeminado, que normalmente parte de quem acusa, diz respeito à requisição de coerências irredutíveis para a matriz de poder, como na conformidade entre gênero, sexo e performatividade. Mas, apesar de forcluído desse espaço de representações masculinas, sua ação política de desconstrução das masculinidades, no mínimo, segue como antagonismo de resistência contra a radicalidade e a violência masculinista (BUTLER, 2019).

Como resultado final desta parte da cartografia, portanto, observa-se a ampla variedade de códigos distinguindo os diferentes perfis encontrados nas redes sociais, nas salas de bate-papo e nos aplicativos. Nas linhas preenchidas pela Figura 11 notam-se as categorias de identidade de gênero, orientação sexual, cor/raça, comportamento/posição sexual e os códigos relativos ao estado civil, caráter de (in)visibilidade e expressão performativa de gênero. São códigos e categorias que ampliam a visão dual e contrastante da convenção, constatada apenas nessa aproximação e interação virtual com HSH, nessas incursões através de aplicativos e redes sociais digitais.

Figura 11: Combinação dos códigos em categorias a partir da análise em aplicativos e redes sociais digitais. Na linha A: categoria HSH, principalmente, para homens cisgêneros; Linha B: orientação sexual; Linha C: cor, raça/etnia; Linha D: posição/prática sexual; Linha E: estado civil, (in)visibilidade social e expressão de gênero.

A	HSH ▾ Cisgênero (Transgênero)
B	bissexual ◦ hetero ◦ (<i>g0y</i>) ◦ <i>gay</i> ◦ <i>queer</i>
C	pardo ◦ preto ◦ latino ◦ branco ◦ indígena ◦ outras etnias
D	passivo ◦ versátil ◦ ativo ◦ <i>gounie</i> ◦ assexual
E	casado ◦ sigilo ◦ discreto ◦ assumido ◦ solteiro ◦ afeminado

Fonte: Autor (2024)

6 ARMÁRIO EXPANDIDO COMO ZONA DE CONFLITOS SUBJETIVOS

Desejos não compartilhados

O resultado das análises a partir de conversas e observações participantes com interlocutores, identificados como HSH, entre eles bissexuais, *gays* e heterossexuais, que vivem ou transitam na Região Sul brasileira, será apresentado neste capítulo. Boa parte desse grupo demonstra estar sob a influência dos ideais masculinistas ao naturalizar as regras do jogo heterocispatrilar. Mas quais as vantagens e consequências possíveis nessas interações cheias de contradições e sofrimentos subjetivos?

Além das estratégias e percalços durante a realização do levantamento, para alcançar o contato com estes quinze interlocutores, analisaram-se similaridades nas vivências destes homens ao manifestarem conflitos e desequilíbrios subjetivos diante do paradoxo que vivem entre seus desejos não revelados (para sigilosos, discretos e não assumidos) em suas vidas cotidianas. Em geral, tratam-se de conversas informais e observações participantes com homens cisgênero, que não sabem (ou não querem saber) como melhorar suas sociabilidades e intimidades com outros homens e, desse modo, desencadeiam descuidos, desafetos, violências e silenciamentos. Em outros casos, também se apresentam homens abertos à amizade, ao diálogo e ao respeito na interlocução, deixando claro seus interesses e limitações. Acredita-se, por fim, que estas condições intersubjetivas podem ser por eles promovidas ou precarizadas, dependendo do grau com que se vinculam às demandas heterocisnormativas.

6.1 ANÁLISE DE DADOS E DISCURSO POR APROXIMAÇÕES COM PERFIS DE HSH: perfil amostral de contatos em aplicativos, salas de bate-papo e espaços de socialização

Na coleta de dados e informações pelos aplicativos, salas de bate-papo e redes sociais, algumas interações resultaram em diálogos que contribuíram para uma primeira aproximação intersubjetiva com estes homens que fazem sexo com homens. Sendo assim, neste subcapítulo essas aproximações informais serão analisadas com base na amostra de quinze perfis de homens cisgênero, entre *gays*, bissexuais e heterossexuais, que se dispuseram a manter conversas, virtuais e presenciais, tornando possível realizar observações em discursos e performatividades pouco verbais e conversas interativas sobre experiências sexuais, conflitos emocionais e orientações políticas, em relativo descompasso com os desejos homoeróticos manifestados.

Na incursão pelas redes sociais da etapa anterior, destacaram-se os perfis de HSH mais jovens, principalmente, no uso mais recorrente de usuários do aplicativo internacional *Grindr*, bastante utilizado pela subcultura *gay*. Esta recorrência, em parte, poderia ser entendida pela maior afinidade do público mais jovem, formado por nativos digitais, ao priorizarem as redes sociais como meio de socialização. Ainda assim, para maior aproximação com estes contatos, buscaram-se diferentes aplicativos e meios de socialização (aplicativos como *Tinder*, *Happn*, salas de bate-papo *Uol* e perfis do *Facebook*), principalmente, para ampliar o grupo geracional de forma a obter relatos de experiências de relacionamentos e casamentos que, muitas vezes, não entram no repertório de homens mais jovens. Nesse sentido, independentemente da idade do interlocutor, o maior desafio de aprofundar o diálogo para esta etapa da pesquisa esteve na disponibilidade destes perfis em desenvolverem a conversa e, assim, desviarem do interesse restrito à maioria, em promover encontros sexuais sem vínculos e interações sociais.

Na medida em que as conversas transcorreram, alguns contatos foram fluentes no diálogo escrito, utilizando-se o suporte do aplicativo ou migrando-se para o *Whatsapp*, por onde as comunicações foram bastante efetivas. Com isso, foi possível avançar na interlocução e conceber as entrevistas (que serão apresentadas no próximo subcapítulo). Encontros presenciais também foram realizados com parte destes quinze perfis, havendo mais de um encontro presencial com alguns deles. Esta configuração de aproximações informais é amostral, como resultado de dezenas de contatos e interações desfeitas ou perdidas, em um processo de longo investimento de tempo no acesso de aplicativos e salas de bate-papo.

Neste grupo resultante, observa-se que a faixa etária dos perfis fica em torno de 35 e 65 anos de idade, ou seja, a maioria não composta por nativos digitais. Também houve a percepção de que a maior parte dos contatos realizados por meio das salas de bate-papo da *Uol* e no *Facebook* refere-se a homens mais velhos que, por um lado, não se veem identificados pelo uso recorrente de aplicativos como *Grindr* e *Scruff* em sua demanda intermitente de perfis para dialogar, relativa à oferta quantitativa de perfis nestes aplicativos. Outro ponto relevante é na indução requerida pelos aplicativos, como *Grindr* e *Tinder* para apresentar fotos e informações pessoais para um subgrupo majoritário de homens que fazem sexo com homens, criando uma exposição pessoal não admissível, principalmente, para aqueles mais discretos e sigilosos. O que não acontece no perfil de sociabilidade mais ampla permitida pelo *Facebook* ou na condição de anonimato mais bem administrada em salas de bate-papo.

Com base nesta análise transitória, entre o contexto mais amplo das redes sociais e a aproximação com esta amostra de contatos HSH, espera-se apresentar as nuances intersubjetivas dos discursos, em tópicos interseccionais sobre identidades, desejos e

ideologias. Assim, na sequência são apresentadas informações sínteses de cada um dos interlocutores. São homens cisgênero variando de estado civil, na visibilidade controlada de suas socializações eróticas, casados, solteiros, *gays*, heteroflexíveis e bissexuais. Ainda que alguns estejam agindo de acordo com suas possibilidades em mediar conflitos e sofrimentos psíquicos, a grande maioria permanece vinculada às regras naturalizadas do jogo heterocispatriarcal.

Para evitar o reconhecimento destes sujeitos investigados, suas identificações são numeradas e organizadas em ordem aleatória, conforme apresentado no Quadro 2, do subcapítulo (1.1) da *Metodologia*. As demais informações, quando coletadas, foram obtidas através dos diálogos, conversas e observações presenciais. Também se utilizou o recurso de fotografias para esta análise, quando foram disponibilizadas em seus perfis. Segue o perfil síntese destes sujeitos, o ano/período de realização do contato e os meios utilizados para a comunicação, destacando-se os aplicativos *Grindr* e *Whatsapp*, a rede social *Facebook*, as salas de bate-papo da *Uol* (localizando a cidade por região) e alguns locais de sociabilidade²⁰ (específicos para encontros entre HSH/*gays* ou não).

- **Contato 01:** *gay*, solteiro, sem filhos, assumido para os familiares (com quem mantém relacionamento aberto e próximo) e amigos/as. Atua como professor em Chapecó, cidade onde também nasceu. Idade em torno de 45 anos. Destaca-se neste contato o interesse na busca por relacionamento monogâmico com outro homem e o fato de não ter um círculo de amizade com outros homens *gays*. Suas aproximações com *gays* tendem a ser por interesse sexual, na medida em que não encontra um parceiro afetivo. Homem branco, olhos claros e performatividade masculina. Sua discrição não impede de sofrer preconceitos no círculo de amizade, ao circular por lugares e manter amizades heterocisnormativas. Não mantém vínculo religioso ou engajamento político efetivo, de qualquer forma, não é favorável aos partidos de esquerda, ainda que não se defina como bolsonarista. Foram mantidas conversas presenciais, apesar da pouca interlocução e abertura para aprofundar o diálogo.
 - Período: 2014-2022.
 - Meios: primeiros contatos de forma presencial em local de lazer noturno, sem muita interação de conversa. Depois de períodos sem qualquer contato, houve um reencontro mais recente através do aplicativo *Grindr*, migrando-se em seguida para o contato via *Whatsapp*, a partir do qual outros encontros presenciais aconteceram.



²⁰ O nome destes locais de sociabilidade ou demais informações serão mantidos sob sigilo.

- **Contato 02:** casado, heterossexual, servidor público, com idade entre 50-55 anos. Mantém encontros esporádicos com outros homens e, até mesmo, participa de rede social com outros HSH em espaço de socialização em Chapecó, onde mora e trabalha. Aparentemente, mantém encontros mais em condição de discrição do que de sigilo, envolvendo-se sexualmente e afetivamente. Inclusive, manteve um relacionamento paralelo com outro homem casado, que também participa deste meio social presencial. Foram mantidas poucas interações e diálogos, entretanto, as abordagens e silenciamentos foram bastante reveladoras. Tem abertura conveniente para o diálogo, proporcional ao que este encontro possa proporcionar no campo da sexualidade. E ainda que tenha um perfil de cordialidade, demonstrou-se fechado para qualquer diálogo aberto sobre diferentes temáticas. Ainda assim, foi possível completar o seu perfil com ajuda de informações de outra pessoa mais próxima dentro deste círculo social.

- Período: 2023-2024.
- Meios: encontro inicial em local de socialização de Chapecó, também visitado ao longo desta pesquisa. Em um primeiro momento, houve interesse em manter o contato, mas isso mudou na medida em que o diálogo foi requerido. Algumas tentativas de diálogo foram realizadas através do aplicativo *Whatsapp*, mas sem interesse pela continuidade.



- **Contato 03:** separado, com duas filhas adultas, publicamente heterossexual, discreto e com idade em torno de 54 anos. Terminou seu casamento há algum tempo antes do início do contato, no final de 2022. Em conversa presencial, comentou que sempre compreendeu o seu desejo por homens, mas não houve possibilidade de se assumir quando era mais novo. Então, foi possível simular uma vida heteronormativa para se emancipar, cuidar das filhas e, então, retomar seus interesses de relacionamentos com outros homens. Possui o perfil carente e demisssexual na maneira como lida com os contatos e no discurso claro de que busca relacionamento monogâmico com outro homem. Demonstra interesse pelo contato e pelas conversas, sendo bastante comunicativo. Já se assumiu para as filhas em um processo bastante difícil, mas favorável. Tem uma vida simples e mantém seu trabalho como operário de fábrica, comentando que não consegue outro cargo melhor (mesmo na empresa onde trabalha) por ter abdicado dos estudos no ensino médio. No campo político procurou fugir do assunto e não expôs sua opinião, como se fosse um assunto menos importante.

- Período: 2022.

- Meios: realizado pelo *Grindr*, migrando-se para o *Whatsapp* e, posteriormente, para o contato presencial, onde foram realizadas três conversas presenciais informais em Erechim.



- **Contato 04:** separado, com três filhos adultos, heteroflexível e discreto. Idade entre 55 e 65 anos. Trabalha com consultoria para as empresas da região Oeste (de SC e RS) e, por isso, realiza várias viagens. Em cidades como Erechim, mantém um círculo de amizades do trabalho na medida em que também se identifica pela cultura gauchesca. Apresenta o perfil comunicativo e comedido, com relativa preocupação para encontros públicos e presenciais. Seu problema maior está em dialogar sobre assuntos polêmicos, relativos ao tema desta pesquisa (do qual disse não ter disponibilidade para o diálogo) e ao campo político. O que denota uma imagem intencional de abertura sem correspondência com suas ações e comportamentos conservadores. Mantém uma vida solitária e carente no campo afetivo-sexual e pouco reflete (ou conversa) sobre seus desejos, ainda que não os negue. Foram mantidas conversas esporádicas ao longo de dois anos. No perfil do *Whatsapp*, entretanto, foi identificado seu vínculo político com o bolsonarismo a partir de postagens no *status* do aplicativo e na foto de seu perfil.
 - Período: 2022-2024.
 - Meios: Contato realizado a partir do *Grindr* durante uso do aplicativo em Erechim. Houve dois encontros presenciais, na tentativa de realizar entrevistas. O contato foi mantido por *Whatsapp*. Mas a interlocução para continuar o diálogo ou realizar entrevista foi improdutiva.



- **Contato 05:** casado, sigiloso, com dois filhos, morador de Erechim e com idade em torno de 35-40 anos. Realizou-se o contato apenas por meio virtual, depois da tentativa de dois encontros infrutíferos. Ainda assim, foram mantidas várias conversas através do *Whatsapp*, entre fevereiro de 2023 a setembro de 2024. Houve retribuição nos diálogos, demonstrando interesse pela interação e dando mostras de cordialidade. Demonstrou interesse pela amizade íntima com envolvimento sexual. Foram conversas feitas apenas por texto e animações em formato *Gif*, sempre permeadas por jogos de sedução e malícia. Muitas informações e interesses pessoais foram revelados na segurança do anonimato, ainda assim, com muita reserva. Nem sempre se encontrava disponível para conversar, selecionando seu interesse e disponibilidade. Provavelmente, havia certa restrição e monitoramento de suas atitudes,

tanto pela família quanto no trabalho. Transpareceu muita preocupação e medo de ser descoberto. Tinha interesse em obter informações, mas pouco revelou de si. Em nenhum momento apresentou ou disponibilizou foto de rosto. Não houve oportunidade para entrar em conversas sobre o campo político na medida em que nem todos os assuntos pareciam viáveis em mobilizar respostas e interações.

- Período: 2023-2024.
- Meios: início do contato pelo *Grindr*, em perfil sigiloso. Migrou-se para o contato no *Whatsapp*, onde a conversa se desenvolveu em vários momentos. Comentou que tinha um segundo aparelho *smartphone* para estes contatos sigilosos com outros homens, como justificativa para o acesso restrito.



- **Contato 06:** separado de dois relacionamentos estáveis com mulheres cisgênero. No primeiro teve duas filhas. Do segundo relacionamento, estava separado há quatro meses depois de um ano juntos, reconhecendo que era uma relação tóxica. Durante seis anos, entre um casamento e outro, teve encontros frequentes com outros homens. Parecia estar passando por algum momento difícil e instável quanto a finanças e incertezas de futuro. Havia uma grande preocupação de seus pais, com quem morava, para que tomasse um rumo na sua vida. Durante o rápido período de contato, entre agosto e setembro de 2023, parecia suscetível a envolvimento com álcool e, possivelmente, outras drogas. Esta suspeita recaiu sobre o espaço de sociabilidade do último encontro, bastante frequentado pelo interlocutor. Apresentou uma carga de sofrimento particular, misturada a alta ansiedade e vulnerabilidade. Durante o encontro neste local de socialização foi possível conversar sobre sua vida, seus interesses e conflitos. Também foi possível compreender sua fragilidade ao expor opiniões sobre política, primeiro, dizendo apoiar o Bolsonaro, ao dizer que foi forçado pela ex-companheira a votar no Lula. Porém, quando perguntado sobre a contradição em apoiar um governo que promove o ódio contra a homossexualidade, admitiu que não havia pensado nisso antes e que fazia sentido, retomando o apoio a Lula, sem muita convicção. Parecia transtornado com alguma outra situação durante a conversa.

- Período: 2023.
- Meios: Abordagem inicial realizada pelo *Grindr*, seguida do primeiro contato presencial e, na sequência, continuidade da conversa pelo *Whatsapp*. O segundo e último encontro presencial aconteceu em espaço noturno de socialização. Um local sinistro e bastante suspeito, que funciona como ponto de encontro noturno em Erechim.



- **Contato 07:** Homem heterossexual, solteiro, sem filhos, em torno de 55 anos, que trabalha como artesão e disse curtir outros homens, apesar de ser apenas ativo na posição sexual. Pessoa de interação bem difícil e desafiadora. O contato inicial pelo *Grindr* foi curioso, porque no seu perfil indicava ser heterossexual. Ao ser questionado, explicou que o hétero é aquele que come, mas não dá. Como se hétero fosse sinônimo de ser ativo. Houve um contato presencial para conversarmos que durou 10 minutos (devido à desconfiança ou incomodação dele durante a conversa), mas que continuou por dois dias através do *Whatsapp*. Foram conversas complicadas, como se houvesse interesse de exercer domínio e fazer valer seus interesses. E quando houve um corte em função da rispidez e desrespeito, o contato foi finalizado. Neste período, ainda houve troca de textos, áudios e fotografias. Algumas de suas fotos, inclusive, remetiam à imagem interna de sua casa. Pela observação possível no encontro presencial e pelas mensagens trocadas, portanto, acredita-se que se trata de uma pessoa com insegurança financeira, solitária e carente, mas que busca e deseja o contato com outros homens, ao mesmo tempo em que mantém certo preconceito/homofobia e dificuldade em lidar com o desinteresse dos outros (na medida em que se defende pelos atributos de ser hétero e ativo). Disse não curtir homens mais velhos, talvez, motivo pelo qual optou pelo *Grindr*. De qualquer modo, acredita-se que são muitos os desafios para um homem fora do padrão, com uma fisionomia descuidada e humilde, em obter alguma validação de interação nas redes sociais, havendo ali tanta concorrência e seletividade pelas aparências.
 - Período: 2023.
 - Meios: aproximação inicial pelo *Grindr*, que possibilitou a troca de números de contato do *Whatsapp* e, em seguida, combinar encontro presencial para conversar, o qual durou apenas 10 minutos. Todo o período de contato ocorreu durante dois dias, no mês de agosto.



- **Contato 08:** casado, heterossexual, com um filho adulto e idade em torno de 55-60 anos, que procura estabelecer vínculos com outro homem, no mesmo movimento em que esconde suas informações pessoais. Nem mesmo o nome revelado é verdadeiro. É uma pessoa de contato tenso, que transparece o conflito constante entre seu desejo sexual-afetivo com outro homem e o dever heteronormativo como pai de família e provedor. Houve um primeiro contato em 2022 através de sala de bate-papo da *Uol*, onde se trocou o número de contato do *Whatsapp*, a partir do qual as mensagens e chamadas tornaram-se muito intrusivas, sendo

necessário o bloqueio deste contato. Em seguida, em agosto de 2023, a interação foi refeita, novamente, através do *Uol*. Desta vez, com receio de ser bloqueado novamente no *Whatsapp*, acabou aceitando realizar um encontro presencial a partir do qual foi possível conversar e obter algumas informações e opiniões pessoais sobre os assuntos que perpassam esta pesquisa, embora tenha sido uma conversa cheia de cisões e impossibilidades devido à sua desconfiança e insegurança por revelar informações pessoais. Revelou ter experiências de sexo com homens realizadas durante viagens para outras cidades, fora de Erechim. Sua suscetibilidade emocional e carência afetivo-sexual para estar com outro homem deflagrou, inclusive, seu comentário de admiração pelo governador Eduardo Leite, quando este se assumiu publicamente como *gay*, apresentando sua união estável. Disse ainda que terminaria seu casamento heteronormativo se encontrasse um parceiro com quem se relacionar. Neste encontro relativamente rápido, quando percebeu que a conversa não atenderia à sua expectativa, desfez o encontro e foi embora, sem manter contato.

- Período 2022-2023.
- Meios: duas vezes pelo *site* de bate-papo da *Uol*, com diferença de um ano entre uma e outra. No segundo encontro na sala de bate-papo é que foi possível combinar a conversa presencial, mas o contato se desfez em seguida. As mensagens por *Whatsapp* foram apagadas e, por isso, não foi possível acessá-las.



- **Contato 09:** *gay* não assumido, solteiro, que vive com sua mãe e que se dedica ao seu trabalho como artista. Mantém-se muito vinculado à sua localidade, com esporádicas saídas de Erechim. Vai pouco a Passo Fundo, por não gostar desta cidade. O contato inicial aconteceu pelo *Grindr* e migrou para o *Whatsapp*, onde o diálogo fluiu por duas semanas (agosto de 2022), com mensagens regulares, troca de fotografias e informações pessoais. Em seguida, a impossibilidade de marcar o encontro se refletiu pela falta de conversa, ainda que outras abordagens tenham sido feitas, com novas trocas de mensagens, até um ano desde o início do contato. Mas a continuidade foi justificada por excesso de trabalho. Assim, nas duas semanas de conversa, foi possível falar sobre vários assuntos, inclusive, sobre sua posição política, a qual não pôde ser definida no campo entre direita e esquerda, por exemplo, a partir do que se mostrou no diálogo. O interlocutor deixou claro que não segue Bolsonaro (visto como “louco”), mas também não conta com Lula (para ele, “bananeira que deu cacho”). Disse ter alguma experiência com o fazer política, participando de eleições e cargos comissionados. Parece ter uma visão pouco partidária, mais voltada na observação genérica

de comportamentos corruptos e negociações comprometedoras. E intercalando estes assuntos, se absteve de comentar qualquer engajamento político particular.

- Período: 2022-2023.
- Meios: iniciado através do *Grindr*, que logo foi para o *Whatsapp*, onde se manteve duas semanas com regularidade, sendo as últimas trocas de mensagens realizadas um ano após o início das conversas. Nos primeiros dias a conversa foi mais intensa. Não houve encontro presencial devido à constante impossibilidade em conseguir marcar. Acredita-se que a falta de veículo próprio e uma certa distância de sua morada tenham gerado impossibilidades para a conversa presencial.



- **Contato 10:** casado, heterossexual, com filhos, com idade em torno de 60 anos e mantendo relação sigilosa com outros homens com certa frequência. É empresário e dispõe de tempo para realizar viagens e atividades profissionais fora de sua cidade, Chapecó. Mantém certa reserva da vida pessoal, ainda que tenha um bom nível de diálogo e reciprocidade na interlocução. Comentou que não pretende abrir mão do seu casamento, ao mesmo tempo em que espera manter amizades e encontros com outros homens. Não demonstrou receio de encontros públicos para conversar, desempenhando-se com bastante disciplina e controle da situação. Costuma ser seletivo, ainda que separe muito bem o envolvimento pessoal afetivo do interesse sexual. Possui permeabilidade e cautela para tratar de assuntos políticos e ideológicos. Pelas ações e opções de vínculos profissionais, fica claro o seu viés político de direita, mesmo porque seus investimentos empresariais estão amarrados pelas leis do mercado e pela lucratividade.
- Período: 2014-2017.
- Meios: conversas iniciais a partir do *site* de bate-papo da *Uol*. Em seguida, foram feitas conversas pelo telefone antes do encontro presencial. Boa parte das mensagens foi enviada pelo *Facebook*, de maneira a manter mais sigilo. O *Whatsapp* foi pouco utilizado nesse sentido, havendo mais controle sobre as mensagens e seus conteúdos.



- **Contato 11:** motorista e viajante, que esteve em Erechim e manteve o contato inicial a partir de sala de bate-papo da *Uol*. Homem heterossexual, branco e casado, que parece acostumado a encontrar outros homens, ainda que não pareça muito confortável nessa situação. Pessoa tensa e ansiosa, no dilema entre dar vazão ao desejo sem gerar muitos riscos. Na ocasião do encontro presencial, foi possível conversar e observar algumas características deste perfil,

entre as quais: dificuldade de comunicação com outro homem em local público; certa negação e repulsa misturada ao desejo evidente por homens manifestados pelo olhar, comportamento e gestuais; dificuldade em se concentrar no diálogo e na tentativa de olhar para o outro como interlocutor. Todos estes aspectos deixam evidências de conflito entre interação pessoal e o impulso do desejo. Ainda assim, define um perfil com o qual as observações contribuem bastante.

- Período: 2024.
- Meios: primeira abordagem na sala de bate-papo da *Uol*, pela qual foram trocados os números de contato de *Whatsapp*. Dias depois, foi recebida mensagem (março de 2024) a partir da qual foi combinado um encontro presencial. Depois desta conversa, não houve mais interação.



- **Contato 12:** encontro realizado durante visita em espaço de socialização HSH/*gay* em Caxias do Sul. Foram três blocos de conversa, nos quais foi possível abordar todos os tópicos relativos ao roteiro de entrevista desta pesquisa. Este contato é um homem branco, com idade entre 35-40 anos, heterossexual publicamente, casado e com filhos. Durante a conversa disse que é bissexual e fez questão de comentar duas vezes o quanto gosta de curtir experiências sexuais com outros homens. Trabalha como vendedor, o que lhe permite realizar viagens dentro e fora do município, ao que aproveita para combinar encontros sigilosos. Prefere buscar locais de socialização por achar mais seguro, ao invés de manter contatos por aplicativos. Acredita que tem muitos homens casados que fazem o mesmo. Por fim, também disse ter votado em Bolsonaro nos dois turnos das eleições de 2018, ainda que reconheça os erros do seu candidato, como a precariedade durante a Pandemia. Também disse que votar em Bolsonaro seria uma opção para que Lula não vença as eleições (a conversa aconteceu antes do segundo turno em 2022). Praticamente, o diálogo fluiu entre perguntas e conversas, entretanto, não demonstrou interesse em realizar perguntas ou outros questionamentos. Parecia estar desligado para processos empáticos e mais voltado para seus desejos particulares.
- Período: 2022.
- Meios: contato estritamente presencial realizado durante interação em espaço de socialização em Caxias do Sul, em outubro de 2022. As informações relativas à conversa foram anotadas no diário de campo.



- **Contato 13:** empresário, *gay*, solteiro, branco, em torno de 35 anos, que mora e trabalha em São José/SC. O contato foi realizado em quatro encontros, dois deles em um bairro continental de Florianópolis, durante os meses de agosto e setembro de 2024. Destaca-se neste perfil a identidade como *gay* assumido para pessoas próximas e familiares e o posicionamento antipetista no campo político. Demonstra certa dificuldade de interação com a subcultura *gay*, como se houvesse preconceito contra o perfil de *gays* que fogem do padrão heterocisnormativo. Mantém hábitos de pouca socialização e quando acontece, majoritariamente, é com grupos de pessoas heterocisnormativas. Confessou que não tem amigos *gays*, mas não houve explicação do motivo quando questionado. Dentro da sua ambição como empresário, saído de família simples do interior de Santa Catarina, é possível entender que sua atividade profissional é importante. Por isso, seguir alguma normatividade heteronormativa, sem provocar sua suscetibilidade, parece ser algo *incorporado* por ele como regra.

- Período: 2024.
- Meios: Contato inicial pelo *Grindr*, a partir do qual houve troca de números de contato de *Whatsapp* na continuidade do contato. Foram quatro encontros presenciais em São José e Florianópolis, nos quais foi possível conversar sobre vida pessoal e o contexto político.



- **Contato 14:** casado, com filhos adultos, publicamente heterossexual, interessado em manter amizade com outros homens para encontros sexuais. Feição física forte e performatividade masculina evidente. Idade entre 50-55. Trabalha como militar em departamento público de Florianópolis. No período do contato disse utilizar o espaço do trabalho para marcar encontros durante seu expediente. Primeiramente, disse que estaria sozinho no local e sem monitoramento. Depois comentou que alguns colegas do trabalho também tinham interesse em participar do encontro. Dedicava tempo aos contatos pelas redes sociais. Trocava fotos (de rosto, encontros familiares e do corpo) e mantinha uma regularidade de contatos. Realizava um jogo de sedução demonstrando amplo domínio e experiência com a situação de manter sexo com outros homens. Não houve oportunidade para conversar sobre seu viés político-identitário. O contato foi estritamente virtual, sem encontro presencial.

- Período: 2020.
- Meios: aproximação realizada pelo *Facebook*, onde permitiu acesso ao seu perfil e diálogos. Em seguida, o contato também foi mantido por *Whatsapp*. Houve insegurança

na manutenção do contato, que foi interrompido depois de algumas semanas de comunicação.



- **Contato 15:** casado, viaja a trabalho em sua atuação como professor. Apresenta bom nível de comunicação e interação sobre diferentes temáticas. Mantém uma vida sigilosa e discreta em Erechim, ainda que promova encontros com outros homens. O contato por meio de sala de bate-papo *Uol* foi recorrente. Houve encontro presencial, onde ele comentou sobre sua vida, o interesse por homens e as dificuldades que teve para reprimir seu desejo homoerótico quando era mais jovem. Hoje em dia, mantém uma relação amigável com a esposa (ainda que ela não saiba da abertura dele), o que torna cômodo manter o casamento e continuar encontrando outros homens eventualmente. Possui predisposição para relações mais próximas de amizade, afeto e sexo com outros homens. Esta abertura para o vínculo paralelo corresponde à sua abertura política pelo viés social-democrata.
 - Período: 2017-2023.
 - Meios: conversas e encontros digitais recorrentes através de salas de bate-papo do *Uol* (no qual o seu perfil era reconhecido com certa frequência). Houve encontro presencial e, em seguida, troca de mensagens esporádicas através do *Facebook*.



Ao relacionar estes perfis, observa-se que a categoria classe social foi diversificada entre estes interlocutores. Destacam-se três destes perfis atuando como empresários e que possuem estabilidade financeira e recursos materiais para garantir maior autonomia de ir e vir. Outros seis perfis manifestaram certa limitação devido à sua condição financeira e profissional, tanto pela falta de recursos para o consumo mais frequente de lazer quanto na exigência de expedientes exaustivos que reduzem seus tempos livres. Outro grupo intermediário é de classe média (ou média remediada) formado por seis perfis, os quais apresenta um pouco mais de equilíbrio na obtenção e usufruto de seus recursos, ainda que tenham dificuldades de garantir orçamento mínimo, principalmente, quando tais despesas incluem o casamento e a família como prioridades.

Quanto à formação cultural, foi possível apreender uma visão menos progressista para a maioria dos contatos em relação à vida cotidiana destes sujeitos, aos seus relacionamentos e aos seus interesses por uma representação estética menos convencional. Acredita-se, neste caso, que as vivências urbanas em cidades médias e pequenas, como é a situação de doze destes perfis, predispõem essa condição de pouco acesso aos meios culturais, educacionais e ao lazer. Exemplo disso constata-se nas principais cidades onde estes contatos foram realizados:

Erechim, Passo Fundo e Chapecó, onde são poucas as alternativas de espaços culturais e artísticos, assim como de convivências de lazer que fujam do *mainstream* voltado, em geral, ao público masculino, heterocisnormativo e mais jovem (VIEIRA; GIORGI; ROJESKI, 2022).

6.2 RESULTADOS DA INTERAÇÃO COM OS QUINZE CONTATOS AMOSTRAIS

Todos esses quinze homens que fazem sexo com homens analisados nesta etapa demonstraram estar vinculados à condição heterocispatriarcal na maneira como conduzem suas vidas pessoais, profissionais e socioculturais. Suas subjetividades perpassam essa condição de referência na medida em que transitam por fluxos de desejos e aproximações com outros sujeitos, *gays* e heterossexuais, comprometidos, assumidos e afeminados. Esta condição naturalizada repercutiu, ao longo das interações, em quatro tipos de retóricas, apresentadas por discursos, comportamentos e atitudes. A primeira [1] refere-se à manutenção do distanciamento, na sua condição heterocisnormativa, ao participar do universo homoerótico para usufruto de seu prazer individual na distinção moral como macho. A contrapelo, [2] estão aqueles com dificuldade para lidar com seus afetos e subjetividades ao longo dessas experiências e na continuidade de suas escolhas de vida. Em seguida, [3] está a maneira como essa identificação com a condição heterocisnormativa afeta seus processos identitários ou experiências sexuais, gerando bloqueios em suas capacidades de comunicação horizontal, principalmente, entre os contatos que se identificaram como *gays*. [4] Já os discursos relativos à temática política demonstraram-se frágeis, indefinidos e contraditórios, como se houvesse um vínculo automático pelo viés heteronormativo, que lhes faz referência com a homofobia e que resulta na performatividade padrão da masculinidade a ser seguida.

Acredita-se que se tratam de retóricas resultantes deste mundo dividido, assim como acontece com o universo *g0y*, ao se aproximarem de comportamentos e expressões heteronormativas e rejeitarem as políticas *coming out*, ainda que não sigam suas restrições de práticas sexuais, muito menos como uma agremiação que possa ser expressa publicamente (ALMEIDA; CASTRO; RAZUCK; MAMEDE, 2017).

Deste modo, enquanto a fraternidade *g0y* demonstra-se como movimento social, seguindo na direção de explorar a liberdade sexual e afetiva entre homens, sob determinadas restrições (como a proibição do sexo com penetração anal), os casos aqui analisados de HSH²¹

²¹ Nenhum dos quinze perfis aqui analisados refere-se ao perfil *g0y*, isto é, praticarem ou defenderem relações homoafetivas e sem a prática do sexo com penetração anal. A idade acima dos 40 anos da maioria dos sujeitos

encontram muitas barreiras a esta expressão de liberdade promíscua, que é menos restritiva no contexto das subculturas *gay* e bissexual.

Neste entendimento, supõe-se que parte do ressentimento tão presente no campo moral conservador, contrário à diversificação das identidades de gênero e sexualidades (como foi discutido na parte anterior desta dissertação), de certa maneira também se infiltra nesse intervalo de relações sexuais entre homens (hétero, *gays*, bissexuais, *g0ys*, etc.) e ganha uma conotação intersubjetiva quando se deparam na mesma *garçonnière*²² de usufruto HSH, onde ficam frente a frente o heteroflexível com o *gay* (ou o bissexual) autoidentificado. Nestes encontros interpessoais suas liberdades são automaticamente comparadas. Portanto, a vinculação do HSH com o modelo heterocisnormativo pode se tornar um fardo intrínseco na medida em que o fator de comparação evidencia a força da mobilização do sujeito a partir do desejo homoerótico, ao transformar novos parâmetros por meio de suas experiências e desejos, mesmo que não sejam incorporados.

Aqui entra a questão da produção econômica influenciando a produção cultural, no sentido de controlar os processos de subjetivação. Este efeito de controle também é compreendido como "sistema de equivalência na esfera da cultura", de acordo com Félix Guattari e Suely Rolnik (1996, p. 16), na medida em que o capital, sendo complementar à cultura, "ocupa-se da sujeição econômica" deixando ao campo cultural a "sujeição subjetiva". O que confere a tomada de poder da subjetividade pelo capital, isto é, não restrito apenas à publicidade e ao consumo de bens. Quanto aos HSH analisados, também é possível dizer que este controle da subjetividade pelo capital oblitera a possibilidade de participações legítimas em contextos intersubjetivos singulares e dissidentes, mantendo os heteroflexíveis nesta remediação com a ordem do jogo heterocispatriarcal.

Para Guattari e Rolnik (1996, p. 16), a cultura de massas produz indivíduos "normalizados, articulados uns aos outros segundo sistemas hierárquicos, sistemas de valores, sistemas de submissão - não sistemas de submissão visíveis e explícitos", mas na produção de (inter)subjetividades sociais e inconscientes, que "encontra[m]-se em todos os níveis de produção e consumo". Os dois autores completam que:

[...] essa grande fábrica, essa grande máquina capitalística produz inclusive aquilo que acontece conosco quando sonhamos, quando devaneamos, quando fantasiamos, quando nos apaixonamos e assim por diante. Em todo caso, ela pretende garantir uma função hegemônica em todos esses campos (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 16).

analisados e o fato de não serem nativos digitais também distancia possíveis processos de identificações como *g0y*, movimento surgido nos EUA no início dos anos 2000 (PROVENZANO, 2014).

²² *Garçonnière*: termo de origem francesa que é utilizado aqui para indicar este lugar específico (permanente e provisório) de possíveis encontros amorosos e sexuais entre homens identificados na cartografia.

Em se tratando de questões subjetivas, que pouco são compartilhadas em profundidade entre estes homens, diferentes reações e discursos surgem diante dessas experiências. No caso dos sujeitos heteroflexíveis, que se reconhecem como homens heterossexuais e cisgênero, é compreensível sua inserção defensiva neste campo de práticas e afetos a partir dos quais é preciso atravessá-lo mantendo sua integridade. A diferença está na maneira como cada um se defende deste atravessamento e qual o grau de suscetibilidade empática para escolher entre o combate ou a afetação. De qualquer forma, acredita-se ser inevitável alguma transformação subjetiva nesta travessia.

Nesses embates, algumas concepções culturais também entram em disputa, como a da interpretação da homossexualidade pautada por hierarquias ou a visão de igualdades entre os parceiros. O antropólogo Peter Fry (1982) aponta diferentes concepções que marcam a cultura brasileira na constituição de categorias sociais relativas à sexualidade masculina brasileira contemporânea. Ele aponta existir uma diferença na interpretação do sujeito que experimenta relações homossexuais de acordo com a condição cultural (ou urbana) mais cosmopolita ou interiorana do país e que às vezes compete com outros sistemas de interpretação. Assim, no contexto mais interiorano ou periférico seria comum a interpretação hierárquica pautada pela experiência homossexual, diferenciando homens e bichas. No caso, o parceiro de comportamento sexual ativo e de representação masculina seria visto como heterossexual, enquanto ao sujeito passivo e afeminado (associado à expressão ao feminino) haveria a sua denominação como bicha. Neste caso, este macho ativo, que também manteria relações com mulheres, estaria em condição superior daquele macho passivo, recaindo este na mesma relação hierárquica onde as mulheres estão subordinadas aos homens, segundo o autor (FRY, 1982).

Esta descrição convincente de Fry para as sexualidades entre homens brasileiros também foi identificada nos discursos desses perfis analisados durante esta pesquisa. Exemplo emblemático foi o diálogo com o Contato 07, quando ele explica que heterossexual é o ativo, que não pode ser passivo, mesmo em se tratando da prática sexual com outro homem. Ou do Contato 11, quando expressa seu discurso corporal dúbio, entre o desejo e a repulsa. Também foi observada esta interlocução de superioridade retórica do homem heterossexual e casado a partir do Contato 14, que não demonstrou conflito de identidade ao explorar sua sexualidade com homens e mulheres na medida em que se define como ativo.

Peter Fry (1982) também aponta a quebra dessa relação hierárquica entre homens que fazem sexo com homens a partir da maior projeção da cultura *gay* nos centros urbanos (como Rio de Janeiro e São Paulo) manifestados, particularmente, em jovens de classe média por volta

do fim da década de 1960. Neste período, as categorias que definem a sexualidade masculina não partem do comportamento sexual (ativo ou passivo), nem mesmo desta associação com o papel de gênero (masculino e feminino/afeminado). E disso surge o termo mais amplo *entendido* para configurar um perfil homossexual masculino simétrico e igualitário, independente do papel e da performatividade de gênero na interação.

Por sinal, este sistema horizontal dos entendidos predomina na concepção dos perfis aqui analisados, independentemente da orientação identificada (hétero, *gay* ou bissexual). A retórica dos diálogos e os discursos das conversas pelo *Whatsapp* correspondem ao tratamento igualitário a partir da reciprocidade, do interesse em fazer perguntas, na regularidade dos contatos e, até mesmo, na predisposição para criar vínculos de amizade. Isto fica evidente a partir das conversas com o Contato 02, ao observar suas interações no ambiente de socialização; com os Contatos 05, 10 e 15, ao manterem comunicações cordiais, igualitárias (inclusive no tempo de interlocução) e interessadas, mesmo mantendo uma distância segura para não ter revelada sua condição de sigilo; ou mesmo com o Contato 03, em sua abertura e predisposição afetiva nítida voltada ao relacionamento estável e monogâmico com outro homem.

Estes dois sistemas tratando das sexualidades masculinas no Brasil, na hierarquia entre homem e bicha, ou na equiparação entre *entendidos*, também contribui para a compreensão de certo distanciamento defensivo na retórica de alguns desses perfis analisados. Isso destacou-se em posturas individualistas, ou mesmo por silenciamentos, na prioridade do prazer próprio em detrimento do prazer do outro. Como se houvesse uma imunidade empática impedindo este possível diálogo subliminar pela reprodução de performatividades típicas de sujeitos heteroflexíveis (SOUSA, 2024).

Tanto na análise mais ampla dos perfis de aplicativos do capítulo anterior, quanto na aproximação da subjetividade dos quinze contatos aqui apresentados, foi comum observar certo distanciamento e separação na maneira de encarar a prática sexual entre homens de suas possíveis vinculações afetivas. Como se houvesse uma outra determinação de regras para constituir a possível interação sexual deste homem em oposição à bicha, na medida em que compartilha apenas a prática sexual. Será que isto sinaliza que estas vivências e sexualidades masculinas em regiões periféricas dos centros urbanos brasileiros estariam, atualmente, representadas em sua maioria por heterossexuais?

Contudo, a *incorporação* desta retórica que distingue a prática sexual ocasional do afeto entre iguais demonstrou ser mais presente nos discursos daqueles perfis que passaram (ou estavam passando) pelo fim de seus casamentos (e uniões estáveis) heterossexuais, ao demonstrarem carências afetivas que não poderiam suprir a partir deste vínculo familiar da

relação com suas (ex-)esposas e companheiras. No caso do Contato 02, por exemplo, que mantinha proximidades sociais com outros HSH e que também passou pela experiência de um relacionamento sexual-afetivo com outro homem casado, infere-se que existem dificuldades e conflitos prementes nesta contaminação entre afetos e desejos pelos envolvimento com outros homens que se misturam em sua subjetividade.

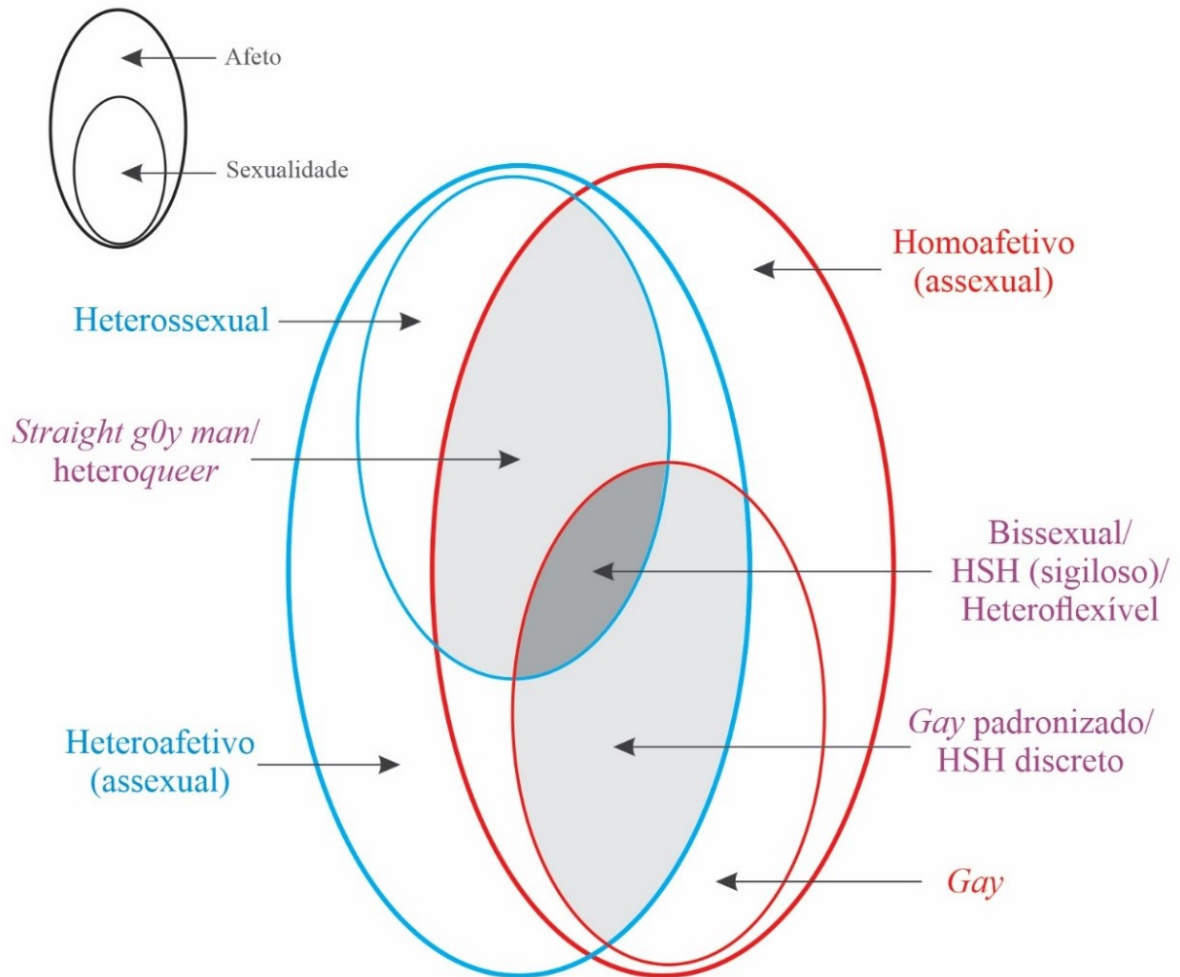
Ao se distinguir essas experiências sexuais entre homens das interações afetivas (assim como se dá entre os *g0ys*), foram identificadas outras relações para caracterizar este intervalo espectral relativo aos HSH a partir das polaridades hétero e *gay*. Assim, surge a imagem da Figura 12 com duas elipses indicando a relação de afeto e sexualidade, sendo que a sexualidade se encontra pertencente à elipse maior do afeto. Ao interseccionar estas duas abordagens (afeto e sexualidade) entre heterossexuais (em azul) e *gays* (em vermelho), criam-se intersecções e subconjuntos a partir dos quais se traçam na figura as suas possíveis denominações, com base em algumas das categorias apresentadas ao longo desta escrita. Enfim, é importante considerar que tal esquema serve para ilustrar possibilidades de visualizar essa complexidade espectral de HSH e suas dinâmicas constituintes, ainda que sua conformação não seja para delimitar estas categorias de maneira fixa e fechada.

Outro ponto também relativo a esta zona de conflitos diz respeito à influência hegemônica de políticas heterocispatriarcais na interpretação moral e ideológica a ser incorporada pelos perfis e manifestada em seus discursos. Neste sentido, destaca-se a qualidade de comunicação e interlocução, que também caracteriza a possibilidade do diálogo entre pessoas iguais, ou do fator sensível que envolve o compartilhamento de opiniões sobre o universo sociocultural não totalmente assimilado como legítimo pelos valores morais destes sujeitos. Em especial, esta dificuldade ficou evidente nas conversas com os três *gays* aqui analisados.

Nos três casos havia uma compreensão em assumir a homossexualidade (para si ou para os outros), ao mesmo tempo em que esta inserção identitária é seletiva, no sentido de manter uma distância cultural e representativa para garantir um perfil *passável*, que não se misture à evidências da subcultura *gay*. No caso, tratam-se de perfis distantes de espaços de sociabilidades com outros *gays*, sem criar proximidade e vínculos afetivos de amizade sob esta circunstância, na medida que a superação coletiva do preconceito e da homofobia é fator fundamental para a constituição política destes sujeitos. Talvez não seja coincidência, inclusive, que suas orientações políticas também sejam opostas àquelas manifestadas pelos movimentos LGBTQIAPN+ na conquista de direitos, respeito e equidades. Como se o equilíbrio nesta

posição de *gay* padrão e branco lhes permitisse manter privilégios também garantidos a outros homens cisgênero participando de sociedades estruturalmente machistas e plumofóbicas.

Figura 12: Intersecção segmentando relações sexuais e afetivas na polaridade entre hétero e *gay*.



Fonte: Castro; Razuck; Mamede, 2017. Adaptado pelo autor (2024)

Esta relativa neutralidade em garantir privilégios (tanto no campo heterocisnormativo quanto pela visão progressista da cultura *gay*), ainda que seja legítimo, também se encontra implicado por uma orientação política de precariedades. Além da hegemônica influência do patriarcado e da heterocisnormatividade na reprodução de valores socioculturais, observa-se o recrudescimento na predisposição destes sujeitos a experiências de relações homoafetivas e homossexuais de confiança e amizade, como se o dispositivo de vigilância onipresente estivesse mais forte a espreitar as próprias emoções, manifestadas no íntimo dessas vivências. Essa percepção surge a partir das emoções ligadas ao desejo e à ideia de destaque que dão a si mesmos. Desde a observação dos perfis gerais presentes nos aplicativos até na elaboração

discursiva dos diálogos aproximados, a retórica da individualidade e da neutralidade afetiva se manifesta na seletividade de corpos e expressões para o objeto de desejo, idealizadas enquanto espelho, que refletem o prazer pelo reconhecimento mútuo diante do encontro alcançado entre perfis padrões e privilegiados.

Nesse sentido, a representação masculinista, que vem sendo perpetrada pela extrema-direita (em defesa do binarismo de gênero e condenando as dissidências heterocisnormativas e reprodutivas) aparece influenciando nesta reificação de comportamentos e afetos no espectro de relações HSH. Pelas aproximações identifica-se o recrudescimento ideológico pela contradição de discursos ao prejudicarem a liberdade de práticas sexuais entre homens pelas quais buscam, ao mesmo tempo em que subscrevem a internalização da homofobia ou mesmo a sua neutralidade. De maneira mais ampla, essa vinculação contraditória, de apoiar um viés político/ideológico que não favorece o próprio apoiador, é muito bem explicada no relato do sociólogo Jessé Souza (2024), ao relacionar a ascensão da política de extrema-direita, financiada por corporações neoliberais, a partir do amplo apoio de uma grande parte da classe média remediada (que saiu da pobreza e ingressou na classe média com apoio de políticas públicas de partidos de esquerda), na medida em que se identifica com as categorias de simplicidade e branquitude de seus correligionários políticos, militares e religiosos, que ameaçam o fim destas mesmas políticas de remediação da pobreza no Brasil (SOUZA, 2024).

7 ARMÁRIO EXPANDIDO COMO ZONA DE ALIANÇAS INTERSUBJETIVAS

Compartilhamentos ideológicos

Neste capítulo são apresentados análises e resultados das três entrevistas semiestruturadas, gravadas com o tempo médio de uma hora, realizadas nas cidades de Erechim, Chapecó e Passo Fundo. Com elas é possível aprofundar o entendimento deste espectro de masculinidades e vislumbrar a possibilidade de alianças de amizade e apoio, diante do contexto suscetível a precariedades e sofrimentos subjetivos. Desse modo, observam-se particularidades estratégicas destes sujeitos para contornar estigmas sociais e criar alternativas viáveis de práticas sexuais entre homens, além da própria superação desses desafios em condições intersubjetivas para alcançar sua legitimidade política.

Nas entrevistas constatou-se, primeiramente, que o perfil do HSH masculinista encontra-se bastante inacessível para comunicar suas experiências com outros homens. Entretanto, esta conexão com o núcleo duro masculinistas e HSH é feita por estes três homens, não necessariamente alinhados ao masculinismo, porém, atravessando regularmente essa articulação de transições e contrastes entre sexualidades, afetos e reproduções ideológicas cotidianas. Por fim, a resignificação constante de seus percursos, experiências e (inter)subjetividades neste armário expandido traz contribuições importantes para o último capítulo desta pesquisa interdisciplinar.

7.1 ANÁLISE DAS TRÊS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

Diante do caráter de sigilo predominante entre os perfis encontrados ao longo da pesquisa de campo e de certa dificuldade comunicacional em discorrer sobre suas sexualidades e orientações políticas, a formalização destas três entrevistas semiestruturadas só foi possível a partir de contatos e interações mais abertas à comunicação sobre estas temáticas. Considera-se que esta abertura não é ocasional diante dos perfis que serão apresentados a seguir. Neste sentido, parece haver alguns marcadores como experiências de morar e visitar diferentes localidades e culturas, formação acadêmica e postura ética e social, que tornam possível transformar suas predisposições dialéticas em diálogos produtivos. Porém, essas aberturas ao longo das dezenas de contatos realizados foram raras e, para se tornarem possíveis enquanto diálogo, foi importante investir tempo e qualidade de interação para alcançar a confiança de conversas particularizadas.

Assim, a partir destas entrevistas (ou mesmo por sugestão dos próprios entrevistados), a intenção de novas aproximações para entrevistar outros interlocutores foram cessadas, diante da indisponibilidade dialógica (principalmente, do perfil masculinista HSH) para a conversa horizontal, sem gerar riscos e vulnerabilidades ao pesquisador perante subjetividades conflituosas e comportamentos imprevisíveis.

O próprio processo de aproximação com os perfis (dos aplicativos às trocas de mensagens) demonstrou essas diferentes nuances e aberturas, para que o diálogo ganhasse protagonismo na interação e ultrapassasse a motivação sexual, mobilizadora de muitos destes homens, e tornasse possível ampliar a conversa entre desconhecidos e sobre temática sensíveis. Justamente, esta sensibilidade que caracteriza os entrevistados foi fator fundamental para que as conversas fossem realizadas com sucesso.

Os três interlocutores entrevistados são homens maduros, com formação acadêmica, muitas vivências de alteridade, vínculos socioculturais claros e experiências em casamentos heterocisnormativos. Todos trouxeram ótimas contribuições para a pesquisa, tanto com base em suas reflexões pessoais quanto a partir de observações atentas, mantidas entre seus círculos de contato com outros homens (no sigilo ou não), reconhecendo alguns destes perfis como sendo masculinistas. Neste caso, é importante destacar que nenhum dos entrevistados se declara favorável ao viés político de extrema-direita, mais especificamente, ao bolsonarismo. Por razões particulares, cada um demonstra incompatibilidade em estabelecer esta vinculação, inclusive, apresentando retóricas contrárias ao preconceito homofóbico e racial, ou sendo contrários às pautas defendidas por grupos conservadores e neoliberais, como será visto, em temáticas como aborto e políticas urbanas.

Na sequência, apresenta-se brevemente o perfil dos entrevistados. Para fins de identificação, são utilizados nomes fictícios (Rafael, Renato e Ricardo), respeitando-se suas identidades. Da mesma forma, algumas informações pessoais serão subtraídas da descrição para evitar reconhecimentos pessoais.

O primeiro contato com [1] **Rafael** foi pelo *Grindr*. Houve uma reciprocidade comunicativa que fez fluir a conversa e tornar possível continuar o diálogo. Dadas as perguntas que foram realizadas no início, ele logo questionou se a abordagem se tratava de uma pesquisa, ao que foi confirmado. Talvez isso o tenha interessado naquele momento, porque também estava realizando seus estudos e compreendia a importância de contribuir para a realização de entrevistas e questionários. A partir desta inusitada abertura, favorecida pelo perfil de Rafael, foi possível a realização da entrevista formal.

Rafael é um homem cisgênero, heterossexual, negro, casado e com filhos, que mora com a família em Erechim. É observador, discreto e sigiloso ao mesmo tempo. Diz que sempre trabalhou bem o seu desejo por homens. Tem idade entre 45 e 50 anos e, por manter suas amizades e encontros com outros homens há algum tempo, tem amplo conhecimento destes perfis similares ao seu na cidade ou mesmo na região. Ele explica que ao iniciar seu trabalho com informática, começou a explorar as redes sociais (em especial nas redes de bate-papo *Uol* e *Bol*) e, assim, deu início aos seus contatos com outros homens com mais frequência, mantendo vínculos de amizade e parceria com alguns deles por longos períodos. Continua tendo forte vínculo com sua família, esposa e filhos, procurando manter o cuidado e confiança sem entrar em contradição com os valores desta base que construiu. Ainda assim, se diz bem resolvido em suas relações sigilosas com outros homens, prevenindo-se com o uso de preservativos e na criação de laços de amizade íntima, respeito e confidências mútuas.

Ele faz questão de se autoafirmar como homem negro e demonstra preocupação em sua atuação profissional em permitir que outras pessoas possam ganhar autonomia em processos de aprendizado, de maneira a avançarem em suas realizações pessoais. O que revela um discurso coerente com sua trajetória de vida na busca pelo conhecimento e formação pessoal.

Eu me reconheço como negro. [...] eu sempre levantei a bandeira da questão racial, sempre levantei a bandeira, sempre tive o orgulho de ter essa cor e sempre briguei para essa cor ser valorizada, então, eu sempre me fiz ser notado, eu nunca deixei que me calassem (Transcrição da entrevista com Rafael, 2023).

Com [2] **Renato** ocorreram algumas conversas anteriores à realização formal da entrevista. O primeiro encontro ocorreu em espaço de socialização entre homens, na cidade de Chapecó. Com abertura e cordialidade, as conversas fluíam por diversos assuntos, como educação, trabalho, relacionamentos, experiências de vida e sobre aquela média cidade do Oeste de Santa Catarina, onde ele mora há mais de vinte anos. Renato é um homem cisgênero, se define como bissexual, branco, divorciado, com filho e trabalha há bastante tempo como professor de ensino médio nas Humanidades. Acredita que esta formação, envolvendo educação e filosofia, o ajudou a tomar consciência de seu desejo por homens desde muito cedo, sem criar grandes conflitos psíquicos. Teve muitas namoradas e esse contexto foi preponderante no início da sua vida, morando em diferentes cidades da Região Sul e, em seguida, realizando seu casamento de doze anos. Após a separação, já morando em Chapecó, deu início aos seus encontros com outros homens, mas sem a pretensão de estabelecer outro vínculo de relacionamento estável, pelo menos, até o momento da entrevista. Renato tem entre 50-55 anos, mantém relação próxima com amigas e amigos, inclusive casais heterossexuais, ao mesmo

tempo em que transita por amizades entre *gays* e heteroflexíveis, por aplicativos e encontros presenciais. Ainda assim, disse não sentir identificação com a cultura LGBTQIAPN+ no sentido da expressão discursiva e da inserção plena nesta comunidade. Seu viés político é de esquerda, na medida em que procura manter a coerência entre seus pensamentos e atitudes sociais democráticas. Na atuação como professor, também procura manter coerência em seus discursos e posicionamentos políticos. Neste caso, é contrário ao viés ideológico bolsonarista e atua contra o negacionismo, defendendo a divulgação de notícias verídicas para não alimentar a retórica de ódio da extrema-direita.

Nas conversas ficou claro o seu posicionamento político e a sua postura contrária ao preconceito e à homofobia. Citou o exemplo da convivência com seu filho, que sabe da sua orientação sexual e com quem estabelece abertura sobre este tema. Deste lugar, observa os diferentes contextos da sociedade onde mora, interagindo e analisando (sem julgamentos) as redes sociais mantidas com outros homens que fazem sexo com homens. Também observa com atenção a constituição da masculinidade em alguns estabelecimentos comerciais que atendem ao público masculino em geral, destacando a confluência de comportamentos e desejos entre homens.

O terceiro entrevistado, [3] **Ricardo**, é um homem branco, com idade entre 50-55 anos, bastante vinculado à Passo Fundo, cidade onde cresceu, se formou profissionalmente e estabeleceu sua vida social e familiar. Está solteiro atualmente, porém, ficou casado por 17 anos em relação heterossexual. Sua incursão por relações com outros homens é relativamente recente. Disse não ter certeza de haver desejado outros homens antes, até que interações surgiram depois de divorciado, a partir de contatos pelas redes sociais digitais. Logo, começou a visualizar "algumas coisas diferentes", em suas palavras. Este período já dura em torno de cinco anos, dentro do qual foi possível estabelecer contato com ele através do *Grindr* e realizar esta entrevista. Comentou que a descoberta desse desejo HSH foi tranquila e isenta de conflitos. De qualquer forma, ele é discreto e mantém sigilo social da sua orientação. É católico (atuando em campanhas comunitárias da igreja) e praticante de esportes por lazer, onde também mantém vínculos de amizade. Mora sozinho, tem dois filhos adolescentes e atua como profissional liberal.

No campo político, atualmente, Ricardo não se identifica com direita nem esquerda, ponderando aspectos positivos e negativos entre estes dois polos. Primeiramente, comentou que nunca votou no Partido dos Trabalhadores, devido a uma experiência ruim que teve com um grupo sindical da empresa onde trabalhou. Mesmo assim, reconheceu algumas vantagens do governo de Lula no período recente. Antes, nas eleições de 2018, votou no primeiro e segundo

turnos em Bolsonaro, mas mudou de opinião após este governo apresentar seus absurdos, como ele disse. Comentou não se identificar com o bolsonarismo, na medida em que este grupo defende apenas seus próprios interesses. Disse também que Bolsonaro é um "louco", como se este tivesse algum problema pessoal e psíquico para justificar suas atrocidades.

Nesta continuidade de assuntos, foi possível observar sua posição ética em relação à urbanidade de Passo Fundo, quando defendeu a coerência de interesses públicos ligados, por exemplo, à questão patrimonial e na administração e manutenção de espaços de uso público. Em geral, demonstrou abertura para falar de temas sobre diversidade e posicionamentos contrários ao preconceito de grupos minoritários. Ao mesmo tempo, também demonstrou alguns apegos às convenções de estilo de vida e expressões corporais, como o uso de brinco e tatuagens. Por fim, reconheceu que não tem conhecimento para falar de alguns assuntos com mais profundidade, quando envolve temas sobre feminismos e direitos raciais.

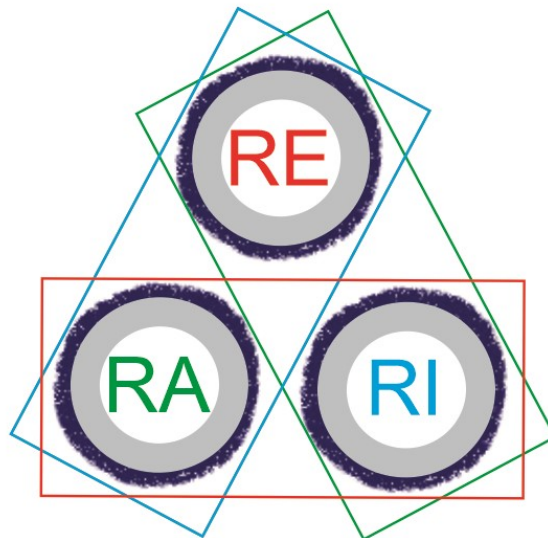
Estes três perfis têm em comum o caráter de uma observação atenta e discreta em suas relações com outros homens, interagindo sem gerar ruídos e conflitos interpessoais. Demonstraram exercer relações equilibradas neste processo de comunicação na medida em que participam (ou mesmo compartilham) a cultura local, mas construindo sua própria interpretação na superação de barreiras associadas a preconceitos e valores morais. Este caráter dialógico com o meio sociocultural onde vivem, de alguma forma, reflete-se em suas feições físicas, que não possuem ou reproduzem características que atendam aos estereótipos da masculinidade, apresentando pouca projeção de altura e força física, com performatividade discreta e, até mesmo, sem fazer uso de feições e acessórios também associados ao masculino, como barba, tatuagem, condicionamento muscular e uso de roupas formais e automóveis, que destacariam determinado estilo de vida como *macho alfa*. No caso, supõe-se que os entrevistados tenham consciência quanto a estas escolhas cotidianas, o que desloca suas imagens e experiências do foco central de representações relativas à masculinidade hegemônica para um lugar privilegiado de observações e diálogos.

7.2 RESULTADOS E CONTRIBUIÇÕES PARA AS INTERSUBJETIVIDADES HSH TRANSITÓRIAS

Na relação entre os entrevistados constataram-se algumas características comuns importantes para compreender possíveis marcadores sociais intersubjetivos do espectro HSH. A Figura 13 ilustra o esquema de referência que busca relacionar as análises realizadas com os entrevistados.

Rafael e Renato, por exemplo, compartilham pontos comuns ligados à profissão, à busca pela formação acadêmica e na maneira como se aventuram em seus encontros e sociabilidades, mantendo uma ampla rede de relações dentro das cidades onde vivem. Estes aspectos contribuem para perceber a existência de atitudes singulares dentro de um ambiente onde predomina a reprodução de preconceitos e estereótipos. Neste caso, Rafael e Renato parecem contornar certos obstáculos ao estabelecerem comunicações abertas e instrutivas, minimizando conflitos e criando outros tipos de vínculos sexuais-afetivos entre HSH, explorando outras nuances de amizades homoeróticas diante da impossibilidade ou desinteresse por relação estável e monogâmica entre homens.

Figura 13: Esquema visual das relações entre os entrevistados indicados pelas iniciais dos nomes fictícios.



Fonte: Autor (2024)

No que é comum a Renato e Ricardo, observa-se a experiência do divórcio como fator potencial de desapego à convenção do matrimônio, desconstruindo sua obrigatoriedade e permanência. De qualquer forma, infere-se que o cumprimento deste estado civil em determinada fase da vida, a vinculação com seus filhos e a revisão de seus interesses e desejos atuais viabilizam suas individualidades e experiências em outras relações sociais. Este processo entre os dois apresenta similaridades na transformação pessoal de cada um – com Renato se autoidentificando bissexual e Ricardo como *gay* – ao se reinventarem como sujeitos de desejo em suas vivências de longa duração, cada qual, no seu contexto urbano.

As similaridades entre Ricardo e Rafael resultam na maior importância que eles dão ao sigilo de suas vidas pessoais, mantendo cautela e reserva sobre informações mais íntimas, principalmente, nas experiências sexoafetivas com outros homens. Este sigilo e discrição é

compatível com o que foi falado de seus momentos de vida, mas também diz respeito a suas posturas éticas diante destes outros homens, ao respeitarem seus interlocutores por manterem (de maneira mais evidente do que apresentou Renato) inacessíveis as artimanhas de suas alianças. Rafael demonstrou este cuidado durante a conversa sobre seus encontros em Erechim, enquanto Ricardo deixou claro ser uma pessoa cuidadosa com o discurso e de pouca abertura para suas experiências pessoais. Aspectos que, talvez, poderiam ser obtidos com mais profundidade em outras rodas de conversas e entrevistas com os mesmos sujeitos.

Na relação entre os três entrevistados, o ponto mais relevante diz respeito ao desprendimento moral e ideológico heterocispatriarcal na determinação de suas vidas. Diferentemente dos perfis que foram analisados antes, Rafael, Renato e Ricardo apresentaram em seus relatos alguns processos de ressignificação sobre suas orientações, tornando viável o diálogo sobre assuntos que geralmente são impronunciáveis por outros interlocutores. Isso ficou claro conforme o relato de Rafael:

Nesse sentido, né? Me deu segurança pra estar aqui conversando contigo, falando. Já tu não vai conseguir catar um outro pela rua, que não conheça o contexto, não vai se abrir, não vai chegar aí, né? (Transcrição da entrevista com Rafael, 2023).

Rafael disse conhecer homens casados e sigilosos com muitos conflitos pessoais e que manifestam seus desejos e práticas como se estivessem viciados, oscilando em ciclos mais agressivos e conflituosos quando estão em abstinência sexual, e outros de conciliação e pacificação com a família na medida em que suprem suas necessidades. Com estes perfis assumidamente vinculados ao bolsonarismo, ele sugeriu não realizar entrevistas devido ao alto risco deste contato para o pesquisador. Neste contexto, Rafael se mostra resiliente na continuidade de seus encontros e amizades e no sigilo mantido para não comprometer seu vínculo matrimonial de mais de 20 anos, sabendo priorizar seus interesses profissionais e familiares na medida em que manter seus encontros eventuais sacia seu desejo.

Rafael também apontou esta relação de amizade entre os seus contatos, indicando melhor qualidade de interação quando a relação acontece entre homens casados, ou seja, estabelecendo vínculo mais seguro entre "iguais" ao se identificarem publicamente como heterossexuais. Rafael indica haver um código de cumplicidade e entendimento nestes casos, que garante que nenhum dos dois irá expor o envolvimento sigiloso. Nesta amizade, ainda reconheceu que o interesse primeiro é sexual, mas indica mais envolvimento quando diz se tratar de "amizade íntima [...] de uma confiança, pedir uma opinião [...] trocar uma ideia, né? Querer saber, *ah, bom, o que que tu acha? Oh, tô pensando em fazer tal coisa ali*" (Transcrição

da entrevista com Rafael, 2023), havendo conversas sobre outros assuntos cotidianos e até compartilhamento de fotos de família, nome dos filhos e do cachorro, segundo o seu relato.

Sentimentos contraditórios podem surgir entre o afeto genuíno e a homofobia na amizade entre homens com orientações sexuais distintas. Neste âmbito, muitas vezes, surgem questionamentos sobre a confiabilidade do *gay* na amizade. Outra dúvida refere-se às limitações da relação: com quem e quais atividades podem ser realizadas juntos, sem criar desconfiança sobre a masculinidade e sexualidade do homem heterossexual (NASCIMENTO, 2011). Assim, "a partir da convivência, da desconstrução de estereótipos, da possibilidade de não ter mais medo das palavras [...] há a oportunidade, por meio da amizade [...] de um processo de aprendizagem transformador para ambos" (NASCIMENTO, 2011, p. 25).

Renato também comentou sobre outros perfis de HSH conhecidos e da incoerência de suas práticas sigilosas com suas retóricas políticas. Assim, sua posição crítica e sua formação contribuem para que possa interpretar esse campo de disputas e simulações cotidianas sem perder seu rumo de compreensões e discernimentos particulares.

Mesmo antes de iniciar seus contatos sexuais com outros homens, disse que já teve relações próximas de amizade com outros homens nas quais o afeto foi mútuo e intenso, mesmo sem manter vínculo sexual. Citou um vínculo forte que teve com outro homem e que fez, inclusive, outras pessoas do círculo de amizades desconfiarem que eles manteriam um caso.

Eu tive na época de estudante, eu tive um colega de convivência que eu considerava, assim, muito como se fosse um irmão mesmo, sabe? E... E rolou, digamos, assim [...] Mas não era uma coisa, digamos assim, no sentido sexual. Mas era uma coisa muito forte, sabe? De ambas as partes. Nós gostávamos muito de estar juntos (Transcrição da entrevista com Renato, 2023).

Renato também comentou acerca de outras relações com homens *gays* mesmo após estar casado. Uma dessas amizades foi com o padre que realizou seu casamento e que mantinha uma relação discreta com outro homem. Renato manteve a amizade com o padre e, tempos depois, o amigo lhe confidenciou seu relacionamento e outras experiências.

Eu sabia que ele era assim. Mas eu respeitava tudo, né? E ele me respeitava sempre. E nós fomos a Passo Fundo. E depois [...] na viagem ele me contou. Em parte, assim, não em detalhes, mas contou (Transcrição da entrevista com Renato, 2023).

Nascimento (2011) ressalta que a amizade normalmente é vista como uma relação que tem como premissa a igualdade, criando vínculos a partir de afeto, intimidade, confiança e reciprocidade na liberdade de escolhas dos envolvidos. E neste campo de interesse para os estudos sobre regimes de amizade, o autor comenta a influência de marcadores sociais como gênero, classe social e orientação sexual (entre outros) na produção e continuidade deste

vínculo. No caso, diante de tantos marcadores influenciando as relações entre amigos, a homofobia tem papel revelador no desempenho destas relações de amizades entre homens heterossexuais e homossexuais, por ser um aspecto estrutural para a própria constituição do sujeito como masculino (NASCIMENTO, 2011).

Ricardo também comentou sobre suas relações de amizade. Apesar de não viver o mundo *gay*, como relatou, sempre manteve proximidade com homens que ele sabia serem homossexuais. Nesta interação, disse não ter sentido atração recíproca de maneira consciente, até que um contato estabeleceu essa proximidade:

Sei lá, não. Acredito que não. Não foi aquela coisa assim, sabe? Depois que eu fui, digamos, assediado, coisa assim. Que daí eu comecei a visualizar algumas coisas diferentes (Transcrição da entrevista com Ricardo, 2023).

Segundo Nascimento (2011), a amizade entre homens heterossexuais e *gays* constitui um campo de interesse para compreender o sentido que o masculino assume para estes homens heterossexuais, muitas vezes, podendo revelar dinâmicas importantes dessas relações.

Por fim, Ricardo demonstrou autonomia de pensamentos e posicionamentos quando relatou suas mudanças de vida e novas compreensões, também reconhecendo não ter opinião sobre alguns assuntos. De qualquer forma, se mantém aberto para conversar e aprender sobre o campo político e social, avaliando suas inconsistências e tomando outro rumo sobre seus engajamentos pessoais. Inclusive, é interessante indicar que na conferência de seus dados, sobre sua orientação sexual, houve mudança no seu reconhecimento atual como *gay*, diferente da indefinição indicada durante a entrevista. De certa maneira, isso demonstra a contribuição do diálogo estabelecido neste processo de pesquisa pela troca de ideias e concepções, que também produz reflexões importantes aos entrevistados.

8 CONCLUSÃO

Buscou-se com esta dissertação compreender o campo de diversidades das relações íntimas e sigilosas entre homens cisgêneros sob a influência da retórica masculinista radicalizada, ao se analisar a particularidade de discursos (por meio de reportagens, textos, imagens e falas) e experiências compartilhadas entre estes sujeitos a partir de práticas sexuais, afetos e contradições ideológicas, ao tornarem válidos seus desejos e sentimentos no âmbito do armário *gay* expandido.

Desse modo, pela abordagem qualitativa e interdisciplinar no campo das Ciências Humanas, a metodologia cartográfica presente nesta investigação contribuiu para desbravar o campo de conceitos e teorias, assim como para permitir aproximações estratégicas com os perfis e sujeitos entrevistados, no sentido de permitir maior autonomia ao evidenciar os tópicos considerados relevantes nesta articulação entre os discursos masculinistas do campo político/sociocultural e sua influência nas relações homoeróticas e na subcultura *gay*/bissexual. Já a cartografia como método permitiu estabelecer intuitivamente os pontos a serem analisados diante das evidências levantadas, destacando o contexto geral destas relações homoeróticas e de seus códigos mais significativos ao longo da formação do tecido de investigação.

Com base no levantamento cartográfico da *Parte A* desta pesquisa, através de referências bibliográficas (livros e artigos) e de reportagens, além compreensão da guerra cultural na qual se está imerso diante deste enfrentamento, percebe-se também a constituição de uma repressão moral advinda destes grupos masculinistas para cercear os direitos das pessoas em manifestarem seus desejos e suas expressões livremente. Nesta zona de ameaças e conflitos, portanto, tais discursos de uma cultura repressora surgem por meio de temáticas fundamentais em defesa do binarismo de gênero, da família tradicional, da sexualidade reprodutiva e da superioridade autoritária masculina, enquanto discurso de reestruturação radical do jogo heterocispatriarcal.

Com a vitória de Donald Trump nas eleições à presidência dos Estados Unidos em novembro de 2024, a extrema-direita rearticula seu campo de forças e consolida suas estratégias de apoio para vencer processos eleitorais através de sistema democráticos eleitorais, mesmo enquanto mantém declarações que comprometem a manutenção deste mesmo sistema. O que também consolida um modo de fazer política e uma certa corrente ideológica radicalizada (CORRÊA, 2024), tanto pelo compartilhamento do campo moral repressor e das pautas de costumes ligadas ao racismo cultural quanto pelas experiências ressentidas de humilhação

cotidiana frente aos avanços dos movimentos sociais e das políticas públicas voltadas às subalternidades de raça, gênero e sexualidades (SOUZA, 2024).

Nesse sentido, segundo João Cezar de Castro Rocha (2024), é possível desassociar a atuação da extrema-direita com políticas conservadoras mais tradicionais no sentido dos interesses de radicalização mantidos pela extrema-direita para a promoção de mudanças nem sempre benéficas para atender aos interesses gerais. Na interpretação do autor, o conservadorismo define-se como uma corrente política de legitimidade e prudência para a tomada de decisões, enquanto a extrema-direita (não sendo apenas conservadora) se destaca pela radicalidade de suas ações ao atender demandas particulares de controle e subversão do sistema e demandar que suas necessidades sejam universalizadas. Conforme o que já foi discutido, isso abre precedentes para a implantação de regimes políticos autoritários e fundamentalistas.

Simultaneamente, a força estratégica da extrema-direita relaciona-se à cooptação de grupos convencionais e tradicionais vinculados ao conservadorismo na representação estética da masculinidade. Associação que acontece entre líderes políticos extremistas com incorporações de agentes militares e religiosos, ao compartilharem pautas morais fundamentais para a segmentação nítida entre a normalização e a criminalização/discriminação de comportamentos. Como acontece nas campanhas de pânico moral promovidas a partir de grupos religiosos neopentecostais contrários ao aborto resultado de estupro e dos direitos já conquistados às pessoas LGBTQIAPN+, ao mesmo tempo em que também estão associados a crimes e assédios sexuais com seus fiéis e correligionários; ou da repressão às expressões homossexual e trans na formação de novos agentes militares, ao mesmo tempo em que seus líderes forjam a representação do macho viril ao consumirem próteses penianas e fármacos para superlativar seus desempenhos sexuais (BEHS, 2024; VINHAL, 2022). Sob esta hipocrisia naturalizada pela dominação masculina, portanto, tais representantes utilizam a retórica do campo moral para atacarem os direitos constituídos ao aborto legal e à legitimidade de pessoas homossexuais e transgênero sem que suas contradições sejam efetivamente questionadas.

Tais retóricas contam, sobretudo, com o apoio da racionalidade neoliberal em obter maior controle biopolítico sobre os comportamentos e subjetividades socioculturais. Esta visão produtivista estaria pautada na previsibilidade dos modos de vida das pessoas em diferentes estratos sociais, garantindo a continuidade dos ciclos de consolidação do capitalismo na manutenção de valores repassados entre cada geração. Ao mesmo tempo, tornando possível a economia instrutiva de repasse destes valores no âmbito da família monogâmica, tradicional e reprodutiva. Ou seja, a quebra destes processos de linha de reprodução humana, envolvendo o

cotidiano de vida das pessoas, torna necessário despender custos extras para não romper com as expectativas de crescimento do capital, cada vez mais especializado em suas estratégias para manipular as emoções e as intersubjetividades na condução das massas populacionais mais resilientes e ressentidas da atualidade. Esta influência tem mostrado ser efetiva, o que atesta o enfraquecimento democrático dada a heteronomia da população. Mas esta ação não se faz apenas pela força da estrutura ideológica e pela dissonância cognitiva perpetrada pela extrema-direita, e sim, também, pelo enfraquecimento simultâneo da capacidade de ação do Estado na defesa de políticas públicas e na preservação de seu patrimônio material e simbólico diante do neoliberalismo.

Na complexidade desta guerra cultural, das políticas radicalizadas pela extrema-direita mundial e na representatividade performativa de líderes políticos autoritários, consideram-se relevantes as implicações das representações de masculinidades neste jogo de forças, que envolve, de um lado, a manutenção dos interesses heterocispatriciais (de políticas extremistas e grupos conservadores) e, do outro, os movimentos sociais em aliança com os movimentos feministas e de dissidências sexuais, entre outros movimentos que expõem o discurso crítico contra as (bio)políticas coloniais, racistas e de exploração ambiental ilimitada.

A pesquisa por referencial teórico, portanto, apontou a influência do discurso político e ideológico radicalizado, que estimula a dissonância cognitiva coletiva e se manifesta com base na homofobia e na retórica do ódio para fomentar o pânico moral e afastar qualquer entendimento legítimo referente às pautas LGBTQIAPN+ na atualidade. O que garante a regulamentação da sociedade e a reificação de dispositivos biopolíticos, como a família tradicional formada pelo casamento heterocispatricial, monogâmico e reprodutivo, ao suprir as demandas utilitárias pela força de trabalho e de público consumidor.

Já a pesquisa por fontes primárias na *Parte B*, aproximando-se do perfil de homens que fazem sexo com homens (HSH) através de conversas e entrevistas, constatou uma ampla variedade de desejos e comportamentos, que tendem a ser categorizados (ou mesmo estigmatizados) quando associados por códigos comuns, previamente compartilhadas em comunidades presenciais e virtuais, como em aplicativos de relacionamento, salas de bate-papo e pontos de encontro de socialização homoerótica. Estas categorias costumam variar de acordo com a região geográfica ou mesmo com a localidade urbana e regional, tornando-se marcadores interseccionais de classificação de corpos, fetiches e condições relativas de (des)privilégios – marcados pela combinação criativa e contingente de performatividades ambivalentes, raça/cor/etnia, orientações e práticas sexuais.

Outros resultados desta análise, a partir dessas observações de conversas aproximadas e entrevistas realizadas na Região Sul do Brasil, apontam a influência da retórica de ódio que vem sendo perpetrada por discursos e ações virulentas da extrema-direita. Esta influência estaria vinculada às disputas e preconceitos deste espectro mapeado de sexualidades masculinas (na relação entre hetero/bicha e entendidos) que destacam relações com base na hierarquia de corpos e performatividades, como foi visto no tratamento recorrente da retórica que distingue o heteroflexível ativo na relação de contraste com o *gay* passivo e versátil. Tal influência também se faz na reprodução e naturalização dos pressupostos da ciência biomédica ao insistir em desumanizar a homossexualidade quando atribui uma condição patológica associada à perversão ou por anatomias aproximadas do que interpretam como feminino no corpo, tanto para determinar alternativas de cura quanto para criminalizar suas vivências particulares e disruptivas com a convenção das biopolíticas heterocispatriarcais (FOUCAULT, 2014; DUARTE, 2009; NUCCI; RUSSO, 2009; FRY, 1982).

Neste contexto, a pesquisa partiu de dois questionamentos principais. O primeiro refere-se à relevância do armário, visto como dispositivo de revelações ou segredos para se assumir (ou não) como *gay* e bissexual (SEDGWICK, 2007). Esta metáfora foi expandida para abranger as contradições da retórica homofóbica de homens masculinistas, que mantêm relações sigilosas com outros homens; ou mesmo, para criminalizar as práticas homossexuais entre aqueles que subvertem as regras do jogo heterocispatriarcal ao exporem sua orientação. Neste caso, observa-se que o recrudescimento do campo moral e da retomada do conservadorismo de gêneros binários e da sexualidade heterocisnormativa influenciam, diretamente, no condicionamento sociocultural e na esfera pública de representações, onde a formação do perfil masculino torna-se ainda mais monitorada e restritiva neste limite de condutas e orientações. Nesse sentido, qualquer expressão de desvio e divergência ao desejo heteronormativo, que tensiona os limites da masculinidade hegemônica em seu contraste com o feminino, é visto como ameaça ao jogo heterocispatriarcal. Ao mesmo tempo, a expansão do armário *gay*, como esconderijo para o macho viril em suas incursões homoeróticas, se mantém como dispositivo tolerável na medida em que sua atuação na esfera pública não corrompe tais regramentos morais de conduta heterocisnormativa e das práticas sexuais reprodutivas, invisibilizando o desejo subversivo e suprimindo seus vestígios diante da conduta ideológica e do posicionamento sexopolítico predominante.

Entretanto, ao aproximar este espectro de relacionamentos HSH no âmbito do armário, explorando os discursos destes homens em suas incursões homoeróticas, observaram-se os conflitos particulares decorrentes desta regulamentação de desejos, que deixam de ser

reconhecidos em sua legitimidade e singularidade. Neste sentido, o segundo questionamento desta pesquisa interpelou este campo de conflitos ao problematizar a implicação da repressão sexual sobre estes homens cisgênero (*gays*, bissexuais e heterossexuais), ao fazerem sexo com outros homens, para compreender seus subterfúgios e influências mútuas, que moldam suas subjetividades e relacionamentos ao mesmo tempo em que suplantam seus desejos em outros subterfúgios destas masculinidades marginais.

Ainda referente a estas aproximações, por um lado, observou-se a influência dominante da políticas heterocispatriarcais na valorização do macho viril branco, malhado, ativo e pouco suscetível ao afeto dentro de suas redes sociais de interação íntima com outros homens. De certa forma, tal retórica se reproduziu nos discursos proferidos em perfis de aplicativos e nos diálogos mantidos ao longo da pesquisa. Supõe-se que esses atributos dizem respeito à influência do macho viril heterocisnormativo na esfera de desejos homoeróticos onde a masculinidade é o fator principal de atração, embora também exista a influência da subcultura *gay* na conformação destes perfis heteronormados, apesar da homofobia recorrentemente internalizada. Dito isso, por outro lado, também se constatou certa influência na desconstrução da masculinidade heterocisnormativa a partir desta influência das estéticas de existência *gay* e bissexual na maneira como os afetos se fazem presentes em seus relacionamentos. Logo, tais vínculos mantidos a partir dessa aproximação íntima entre homens desvela novas possibilidades emocionais e, com isso, abre outro campo de prazeres também associados ao afeto, à relação de confiança e à afinidade intersubjetiva, marcados por inserções e conflitos socioculturais comuns dentro de uma mesma cidade e localidade regional. Portanto, tais atributos particulares, que vão além dos atributos físicos e performáticos disciplinares, para atender à masculinidade hegemônica, são descobertos nesta interação homoerótica onde outros sentidos (como a audição, o tato e o olfato) despertam novos desejos presentes nesta particular experiência com a distância proximal íntima entre homens cisgênero (HALL, 2005).

Justamente, neste âmago de vínculos íntimos e posições espectrais relativas para os marcadores socioculturais apresentados pelos interlocutores, foram observadas interações dialógicas tanto sob a influência das regras do jogo heterocispatriarcal quanto pelas concepções estéticas e comportamentais das subculturas *gay* e bissexual, onde os afetos e os desejos sexuais costumam estar associados ao caráter identitário. Indo além deste fator particular, constataram-se possíveis alianças e vínculos de amizades cotidianas, na medida em que a condição do sigilo ou da discrição dos desejos gera um pacto subliminar coletivo, que, inclusive, dilui os possíveis conflitos individuais para os perfis mais reprimidos, na medida em que compartilham seus

dilemas pessoais e afinidades dentro de um senso comum de particularidades e reconhecimentos.

Considera-se, portanto, que a ideia do armário expandido apresentada nesta pesquisa é pertinente e diz respeito a esta confluência política no campo de disputas pelo poder hegemônico. Campo este que é atravessado por afetos e desejos pouco visibilizados, mas que estão bastante implicados nessa força de polarização, que busca reiterar sua dominação, em especial, sobre todos os perfis de masculinidade. Essa influência estereotipada e padrão, pautada pela naturalização ideológica heterocispatriarcal, tem como resistência as experiências, práticas e representações da comunidade LGBTQIAPN+, em particular, da subcultura *gay*. Neste campo, portanto, permanece a ressonância da heterocisnormatividade, que deixa de ser questionada quando entram em jogo as pautas negacionistas, como a suposta ameaça do feminismo e a ideologia de gênero, ao invés de colocar em questão a retórica do ódio e sua influência no aumento das violências contra as mulheres, as corporalidades não binárias e as contrassexualidades.

Na descrição final deste armário expandido, em áreas urbanas e periféricas da Região Sul brasileira, constata-se que o lugar do desejo sexual e dos afetos entre homens encontra-se eclipsado pelo não lugar de suas vivências na esfera pública e pela proeminência do maior número de homens cisgêneros identificados como heterossexuais nestes fluxos de desejos. Sendo assim, a cartografia destas relações homoeróticas, sob a influência do parâmetro masculinista de representações, adverte sobre o protagonismo majoritário de homens heteroflexíveis, que reproduzem o caráter homogêneo, reprodutor e resiliente das convenções sociais na medida em que equilibram suas incursões sexuais com outros homens sem comprometer a ordem do jogo heterocispatriarcal, no qual garantem seus privilégios. Entretanto, é com base nas experiências homoeróticas que surgem possibilidades de se constituir alianças e redes de amizades íntimas e cotidianas. São nestas vinculações que foram observados os discursos contrários à repressão homossexual e à binariedade de gênero, em diálogo com o fluxo de desejos em suaves processos de constituição intersubjetiva. Por esta ampla perspectiva, acredita-se na abertura de relações mais sensíveis e afetivas na ressignificação de preconceitos, redução de conflitos e, por fim, para constituir novos vínculos e prazeres legítimos neste campo de diversidades, afetos, amizades e sexualidades entre homens cisgêneros.

REFERÊNCIAS

- ABRIL, Guillermo; HERVÁS, María. Ascensão, orgia e queda do homem forte de Orbán em Bruxelas. **El País Internacional**, 5 dez. 2020. Disponível em: <https://acesse.dev/oIeRb>. Acesso em: 19 abr. 2024.
- ADAMS, Carol J. **A política sexual da carne: uma teoria feminista-vegetariana**. Tradução de Cristina Cupertino. 2 ed. São Paulo: Alaúde Editorial, 2018.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio (org.). **Cartografias de Foucault**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. **A chave do armário: homossexualidade, casamento, família**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010.
- ALMEIDA, Álvaro; CASTRO, Pedro; RAZUCK, Fernando; MAMEDE, Walner. Gênero e identidade masculina no novo milênio: a homoafetividade e a visão social baseada na filosofia comportamental gØy (g-zero-y). **Psicología, Conocimiento y Sociedad**, v. 7, n. 2, p. 199-225, 2017. Disponível em: <https://revista.psico.edu.uy/index.php/revpsicologia/article/view/305/323> Acesso em: 16 nov. 2024.
- ALVARENGA, Gustavo Leite; PIMENTEL, Ricardo. Razão e razões masculinas: geração de desigualdades pelas práticas de meritocracia em uma empresa tecnocrática brasileira. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, [S. l.], v. 25, p. e-179850, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/179850>. Acesso em: 21 abr. 2024.
- ALVES, Douglas Santos. **Para além da identidade: da resistência à política**. 1 ed. São Paulo: Usina Editorial, 2022.
- ALVES FILHO, Manoel Sebastião; PIOVEZANI, Carlos. Discursos sobre os animais na sociedade brasileira contemporânea. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 24, p. e-1982-4017-24-11, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/n4KLwcgXZYSqfHyFHKSYY7G/#>. Acesso em: 21 abr. 2024.
- AMADOR, Fernanda; FONSECA, Tânia Mara Galli. Da intuição como método filosófico à cartografia como método de pesquisa - considerações sobre o exercício cognitivo do cartógrafo. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 6, n. 1, p. 30-37, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-52672009000100004&script=sci_abstract. Acesso em: 17 abr. 2024.
- ANDRADE, Daniel Pereira; CÔRTEZ, Mariana; ALMEIDA, Sílvio. Neoliberalismo autoritário no Brasil. **Caderno CRH**, v. 34, p. 1-25, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/mZ5TYngTCBpHz8gZ7g9kJPC/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 13 nov. 2024.
- ARIZA, Saúl. "Las plumas son para las gallinas": masculinidad, plumofobia y discreción entre hombres. Disparidades. **Revista de Antropología**, [S. l.], v. 73, n. 2, p. 453-470, 2018.

Disponível em: <https://dra.revistas.csic.es/index.php/dra/article/view/583>. Acesso em: 14 abr. 2024.

BADINTER, Elisabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. Tradução Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARRETO, Daniela Jaqueline Tôrres; OLIVEIRA, Luiz Roberto Peel Furtado de. Cartografia como método de investigação: traçando linhas. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro: CiFEFiL, ano 27, n. 81, Supl. , set/dez. 2021. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/925>. Acesso em: 25 nov. 2024.

BARROS, José D'Assunção. **A construção da teoria nas ciências humanas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

BEHS, Edelberto. Igrejas precisam se manifestar sobre "PL do Estuprador". **Instituto Humanitas Unisinos**, 24 jun. 2024. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/640636-igrejas-precisam-se-manifestar-sobre-pl-do-estuprador-artigo-de-edelberto-behs> Acesso em: 13 jan. 2024.

BRAGHINI, Katya; SEPULVEDA, José Antonio. "Saber a verdade que ninguém conta": neoconservadorismo brasileiro, educação, formação e a "destruição" do ensino público. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, [S. l.], v. 8, p. 21–44, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/70970>. Acesso em: 11 abr. 2024.

BOECKEL, Cristina. 'Não era uma filmagem, era uma forma de agressão', diz chefe da Vigilância Sanitária ofendido por casal. **G1**, 06 jul. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/07/06/nao-era-uma-filmagem-era-uma-forma-de-agressao-diz-chefe-da-vigilancia-sanitaria-ofendido-por-casal.ghtml>. Acesso em: 09 abr. 2024.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BORTOLINI, Alexandre. Militarização das escolas e avanço reacionário: uma perspectiva de gênero. **Diversidade e Educação**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 92-119, 2021. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/13508>. Acesso em: 7 abr. 2024.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASILIENSE, Danielle Ramos; ANSEL, Pedro. Representações da masculinidade viril contemporânea no programa popular da Rádio Cidade FM: Hora dos Perdidos. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, [S. l.], v. 10, n. 3, 2016. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1123>. Acesso em: 23 nov. 2024.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente. Tradução: Mario A. Marino e Eduardo Altheman C. Santos. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do "sexo". Tradução Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. 1. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Tradução Fernanda Siqueira Miguens; revisão técnica Carla Rodrigues. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CALAZANS, Gabriela; FACCHINI, Regina. "Mas a categoria de exposição também tem que respeitar a identidade": HSH, classificações e disputas na política de Aids. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, n. 10, p. 3.913-3.922, out. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/JGytdmsgxFwVNq5RsnqGrw/#>. Acesso em: 16 nov. 2024.

CARRARA, Sérgio; SIMÕES, Júlio Assis. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. **Cadernos Pagu**, n. 28, p. 65–99, jan. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/JHyY6zkPRdW4fp6wk9vtkhn/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 16 nov. 2024.

CASSIMIRO, Paulo Henrique Paschoeto. As origens ambivalentes do conservadorismo. O lugar de Edmund Burke na História do Pensamento Político. **Leviathan** (São Paulo), [S. l.], n. 11, p. 56-87, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/leviathan/article/view/53>. Acesso em: 01 jun. 2021.

CHASIN, José. **O Integralismo de Plínio Salgado**: forma de regressividade no capitalismo híper-tardio. 1. ed. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas LTDA, 1978.

CONNELL, R. W. Políticas da Masculinidade. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 185-206, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71725>. Acesso em: 21 abr. 2024.

CONNELL, Raewyn W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1: 424, p. 241-282, jan-abr, 2013.

CORRÊA, Alessandra. 'Brasil não é prioridade para EUA e relação não deve mudar com Trump', diz analista. **BBC News Brasil**. 7 nov. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c774ved2zj8o>. Acesso em: 8 nov. 2024.

COSTIN, Sirlei Cleuza; FERNANDES, Luís Antonio Bitante. Interseccionalidades masculinas: a escola como lugar da reprodução de corpos machos. **Polifonia**, [S. l.], v. 29, n. 53, p. 101-127, 2023. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/14862>. Acesso em: 23 nov. 2024.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução Magda Lopes; consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição Dirceu da Silva. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRUZ, Isabela. Quais as punições para juízes que cometem infrações disciplinares. **Nexo**, 26 ago. 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/08/26/quais-as-punicoes-para-juizes-que-cometem-infracoes-disciplinares>. Acesso em: 09 abr. 2024.

CUNHA, Eduardo Leal. A normalização das homossexualidades e os destinos do masculino. **Cult, Revista Brasileira de Cultura**, ano 22, n. 242, p. 25-27, fev. 2019.

DA REDAÇÃO. Parlamento da Hungria vota contra reconhecimento social de transgêneros. **Veja [online]**. São Paulo, 19 maio 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/parlamento-da-hungria-vota-contr-reconhecimento-social-de-transgeneros/>. Acesso em: 12 abr. 2024.

DANZIATO, Leonardo José Barreiras. O dispositivo de gozo na sociedade do controle. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, n. 3, p. 430-437, set. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/n6H8Bt7bnJPGWy3cnkx47yw/#>. Acesso em: 21 abr. 2024.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. 1. ed. Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, v. 1; Tradução Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DO UOL. **Erechim (RS)**: veja votos de Lula e Bolsonaro na cidade no 2º turno. Uol. 30 out. 2022a. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/30/erechim-rs-veja-votos-de-lula-e-bolsonaro-na-cidade-no-2-turno.htm>. Acesso em: 22 nov. 2024.

DO UOL. **Passo Fundo (RS)**: veja votos de Lula e Bolsonaro na cidade no 2º turno. Uol. 30 out. 2022b. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/30/passo-fundo-rs-veja-votos-de-lula-e-bolsonaro-na-cidade-no-2-turno.htm>. Acesso em: 22 nov. 2024.

DO UOL. **Chapecó (SC)**: veja votos de Lula e Bolsonaro na cidade no 2º turno. Uol. 30 out. 2022c. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/30/chapeco-sc-veja-votos-de-lula-e-bolsonaro-na-cidade-no-2-turno.htm>. Acesso em: 22 nov. 2024.

DOMINGOS, Juliana. Como a masculinidade está sendo redefinida no contexto americano. **Nexo**, 16 jan. 2019. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/01/16/como-a-masculinidade-esta-sendo-redefinida-no-contexto-americano>. Acesso em: 21 abr. 2024.

DUARTE, André. Foucault e as novas figuras da biopolítica: o fascismo contemporâneo. *In*: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (org.). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 35-50.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Tradução Procopio Abreu. Editor José Nazar. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2008.

ERIBON, Didier. **Michel Foucault y sus Contemporáneos**. Traducción Vivian Ackerman. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1995.

FELLET, João. Por dentro da 'machosfera', onde homens debatem reação ao feminismo e técnicas de sedução. **BBC News Brasil**. 11 maio 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cy90kg51955o>. Acesso em: 21 abr. 2024.

FÉLIX, Anikó. Hungary. *In*: KOVÁTZ, E.; POIM, M. (ed.). **Gender as symbolic glue: the position and role of conservative and far right parties in the anti-gender mobilization in Europe**. Budapest: FEPS, 2015. p. 62-82. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/budapest/11382.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2024.

FERREIRA, Maurício dos Santos; TRAVERSINI, Clarice Saete. A Análise Foucaultiana do Discurso como Ferramenta Metodológica de Pesquisa. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 38, n. 1, p. 207-226, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/17016> Acesso em: 19 jul. 2023.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. **Tecnologia e estética do racismo: ciência e arte na política da beleza**. Chapecó: Argos, 2007.

FLORIDA, Richard L. **A ascensão da classe criativa**. Tradução de Ana Luiza Lopes. Porto Alegre: L&PM, 2011.

FONSECA, Claudia. Apresentação - de família, reprodução e parentesco: algumas considerações. **Cadernos Pagu**, n. 29, p. 9–35, jul. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/HGmvJqhKdZ5HKywG5VCfRNv/#>. Acesso em: 21 abr. 2024.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 4: as confissões da carne**. Compilação Frédéric Gros; tradução Heliana de Barros Conde Rodrigues e Vera Portocarrero. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FRY, Peter. **Para Inglês Ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4413192/mod_resource/content/1/Fry%2C%20Peter_Para-Ingles-Ver-Identidade-e-Politica-Na-Cultura-Brasileira.pdf. Acesso em: 23 nov. 2024.

G1. Redpill, Incel, MGTOW: entenda o que acontece em grupos masculinos que pregam o ódio às mulheres. **Portal G1**, 03 mar. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2023/03/03/redpill-incelel-mgtow-entenda-o-que-acontece-em-grupos-masculinos-que-pregam-odio-as-mulheres.ghtml>. Acesso em: 25 abr. 2024.

GAGLIONI, Cesar. Monogamia: das origens aos novos questionamentos. **Nexo**, 6 fev. 2023. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/explicado/2023/02/06/monogamia-das-origens-aos-novos-questionamentos>. Acesso em: 21 abr. 2024.

GAUDENZI, Paula. Intersexualidade: entre saberes e intervenções. **Cadernos de Saúde Pública** [online], v. 34, n. 1, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00000217>. Acesso em: 16 mar. 2022.

GOMES, Wilson. Entre Alphaville e Parelheiros, as castas brasileiras. **Cult**, 24 jul. 2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/entre-alphaville-e-parelheiros-as-castas-brasileiras/>. Acesso em: 09 abr. 2024.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**. Cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

HALL, Edward T. **A dimensão oculta**. Tradução de Waldéa Barcellos. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

HELLER, Agnes. Por que a Hungria se rendeu ao extremista Orbán e como controlar o ensino é essencial para seu projeto. **El País**, Brasil. [online]. Madrid, 23 maio 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/18/actualidad/1555585620_542476.html. Acesso em: 12 abr. 2024.

HENRIQUE, Guilherme. Abordagens policiais revelam uma patologia social grave e severa 1. **Nexo**, 20 jul. 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2020/07/20/abordagens-policiais-revelam-uma-patologia-social-grave-e-severa>. Acesso em: 09 abr. 2024.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. Tradução João Paulo Monteiro. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

IASI, Mauro. De onde vem o conservadorismo? **Blog do Boitempo**, 15 de abr. 2015. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2015/04/15/de-onde-vem-o-conservadorismo/>. Acesso em: 6 abr. 2024.

INATOMI, Celly Cook. Direitos Civis e governo Trump: impressões sobre um antagonismo. **Revista Tempo do Mundo**, v. 5, n. 1, p. 67-106, 24 set. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.38116/rtmv5n1art3> Acesso em: 12 abr. 2024.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. **Masculinidades em (re)construção: gênero, corpo e publicidade**. Covilhã-Portugal: Universidade da Beira Interior, 2016.

JAPIASSU, Hilton. **A crise das ciências humanas**. São Paulo: Cortez, 2012.

JAPIASSU, Hilton. O espírito interdisciplinar. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 4, n. 3, p. 01-09, out. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-39512006000300006> Acesso em: 19 jul. 2023.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. 3. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

LAIO, Magno; SILVA, Luís A. V. da; GUIMARÃES, Mark D. C.; VERAS, Maria A. de S. M.; DEUS, Luiz F. A. de; LEAL, Andrea F.; KNAUTH, Daniela R.; BRITO, Ana M. de; ROCHA, Gustavo M.; LIMA, Luana N. G. C.; KENDALL, Carl; MOTTA-CASTRO, Ana R. C. Discriminação por orientação sexual entre HSH no Brasil: uma análise de classes latentes. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 22, p. 1-15, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/FrVvMgSXxCKcNnnRfkWGfLc/?lang=pt#>. Acesso em: 22 abr. 2024.

LAYTOUSS, Brahim. Rise of the Extreme Right: background and similarities between right-wing and religious (Islamic) Extremism in Europe. **Brussels International Center**, 2021. Disponível em: <https://www.bic-rhr.com/sites/default/files/inline-files/Rise%20of%20the%20Extreme%20Right.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2024.

LEIS, Héctor Ricardo. Especificidades e desafios da interdisciplinaridade nas ciências humanas. In: PHILIPPI JUNIOR, Arlindo; SILVA NETO, Antonio J. (ed.). **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação**. Barueri, SP: Manole, 2011. p. 106-21.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. Tradução Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30353576.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2024.

LÖWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. Tradução de Deni Alfaro Rubbo e Marcelo Netto Rodrigues. **Serviço Social & Sociedade [online]**. v. 00, n. 124, p. 652-664, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.044>. Acesso em: 12 abr. 2024.

MACKENZIE, Jean. O virologista belga que está na mira de um atirador de extrema-direita. **BBC London News**. 5 jun. 2021. Disponível em: <https://11nq.com/tp15b>. Acesso em: 19 abr. 2024.

MAGNAVITA, Alexey Dodsworth. Identidade *Gay* e os preconceitos que cerceiam a tolerância. **Revista Filosofia**, São Paulo: Dibra, ano II, n. 22, p.14-23, 2008.

MANSO, Bruno Paes. **A república das milícias**: dos esquadrões da morte à era Bolsonaro. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2020.

MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Tradução de Álvaro Cabral. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MARK, Clifton. A crença na meritocracia não é apenas falsa: é ruim para você. **Nexo**, 16 mar. 2019. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/externo/2019/03/16/a-crenca-na-meritocracia-nao-e-apenas-falsa-e-ruim-para-voce>. Acesso em: 21 abr. 2024.

MARS, Amanda. Por que os negros dos EUA não respiram. **El País** [online]. Washington, 07 Junho 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-06-07/por-que-os-negros-dos-eua-nao-respiram.html>. Acesso em: 12 abr. 2024.

MARS, Amanda; GUIMÓN, Pablo. Protestos antirracistas nos Estados Unidos: Trump busca ativar sua base. **El País** [online]. Washington, 03 jun. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-06-03/trump-busca-ativar-sua-base-eleitoral-com-retorica-dura-contra-os-protestos.html>. Acesso em: 12 abr. 2024.

MIGUEL, Luis Felipe. O mito da "ideologia de gênero" no discurso da extrema-direita brasileira. **Cadernos Pagu**, n. 62, p. 1-14, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/CsFcz5vm5bLShxPN3LHDYkk/#>. Acesso em: 7 abr. 2024.

MIGUEL, Luis Felipe. Bourdieu e o "pessimismo da razão". **Tempo Social** [online], v. 27, n. 1, p. 197-216, 2015. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ts/a/kC3WWRwSVPZJ7x7MQj4hqwh/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 05 abr. 2022.

MISKOLCI, Richard. Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à "ideologia de gênero". **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 53, 2018. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332018000200402&lng=en&nrm=iso Acesso em: 07 abr. 2024.

MISKOLCI, Richard. Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. **Revista Estudos Feministas** [online], v. 21, n. 1, p. 301-324, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100016> Acesso em: 19 jul. 2023.

MISKOLCI, Richard. Não ao Sexo Rei: da estética da existência foucaultiana à política queer. In: SOUZA, Francisco de (org.). **Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 47-68. Disponível em: http://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/foucault_book.pdf. Acesso em: 20 abr. 2024.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. "Ideologia de gênero": notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Sociedade e Estado**, v. 32, n. 3, p. 725–748, set. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/Ns5kmRtMcSXDY78j9L8fMFL/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 12 abr. 2024.

MONTANINI, Marcelo. Como Milei no poder na Argentina agita as bases bolsonaristas. **Nexo**, 16 dez. 2023. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2023/12/16/como-milei-no-poder-na-argentina-agita-as-bases-bolsonaristas>. Acesso em: 22 abr. 2024.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução Eliane Lisboa. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

NASCIMENTO, Marcos Antonio Ferreira do. **Improáveis Relações**: produção de sentidos sobre o masculino no contexto de amizade entre homens homo e heterossexuais. 2011. Tese (Doutorado) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de

Janeiro, 2011. Disponível em:

<https://www.bdt.uerj.br:8443/bitstream/1/4616/1/Marcos%20Antonio%20F%20do%20Nascimento-Tese.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2024.

NORONHA, Heloísa. MGTOW, Red Pill, Incel, Sigma, Alfa: o que significam esses termos? **Terra**, 10 mar. 2023. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/mgtow-red-pill-incel-sigma-alfa-o-que-significam-esses-terminos,54f26d36b87e9beb8599f756abe6370748f0erwp.html>. Acesso em: 21 jan. 2025.

NUCCI, Marina Fisher; RUSSO, Jane Araújo. O terceiro sexo revisitado: a homossexualidade no *Archives of Sexual Behavior*. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 19, n. 1, p. 127–147, 2009. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/physis/a/K5BKjhXMQmwVJPmGkSSKjhC/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 23 nov. 2024.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 13. ed. Campinas, SP: Pontes, 2020.

PAIVA, Luiz Fábio Silva. O fenômeno Bolsonaro: breves notas sobre as difíceis lições de uma democracia em movimento. **Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos**, Manaus: Universidade Federal do Amazonas, v. 19, n. 2., 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/somanlu/article/view/6863/4840>. Acesso em: 14 jan. 2025.

PARANHOS, Marco Antonio Vieira de Oliveira; NERY, Maria Salette de Souza. Os usos sociais dos aplicativos de relacionamento: intersecções entre gênero, sexualidade e raça no Recôncavo Baiano. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, [S. l.], v. 6, n. 4, p. 200–227, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/37509>. Acesso em: 14 jan. 2025.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PEDRO, Joana Maria. O feminismo de "segunda onda". Corpo, Prazer e Trabalho. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 238–259.

PEREIRA, Luiz Eduardo Minks; VIEIRA, Marcos Sardá. Lazer, gênero e sexualidades no espaço urbano central de Erechim. **Indisciplinar**, v. 6, n. 2, p. 300–325, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/indisciplinar/article/view/29042/23146>. Acesso em: 25 nov. 2024.

PEREIRA, Tamires Tolomeotti; SIERRA, Jamil Cabral. Uma ficção biológico-conservadora: discursos de ódio contra as dissidências sexuais e de gênero e seus impactos na educação. **Retratos da Escola**, [S. l.], v. 14, n. 28, p. 39–56, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22420/rde.v14i28.1099>. Acesso em: 6 abr. 2024.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Pensador da extrema direita, Jack Donovan radicaliza o machismo. **The Intercept Brasil**, 2019. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/05/27/jack-donovan-machos-em-crise/>. Acesso em: 19 abr. 2024.

PINO, Nádía Perez. A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos. **Cadernos Pagu [online]**, n. 28, p. 149-174, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100008>. Acesso em: 16 mar. 2022.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. Tradução Eliana Aguiar; prefácio Virginie Despentes. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. Tradução Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 edições, 2018.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul B. Terror anal: apuntes sobre los primeros días de la revolución sexual. *In*: HOCQUENGHEM, Guy (org.). **El deseo homosexual**. Traducción de Geoffroy Huard de la Marre. España: Editorial Melusina, 2009. p. 133-174.

PROVENZANO, Fabrício. Representante g0y no Brasil afirma: 'chamar um homoafetivo de homofóbico beira a insanidade'. **Extra**. 17 maio 2014. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/representante-g0y-no-brasil-afirma-chamar-um-homoafetivo-de-homofobico-beira-insanidade-12511150.html> Acesso em: 16 nov. 2024.

QUINALHA, Renan. Uma ditadura hetero-militar: notas sobre a política sexual do regime autoritário brasileiro. *In*: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**, 1. ed. São Paulo: Alameda, 2018a. p. 15-38.

QUINALHA, Renan. A política sexual do bolsonarismo. **Cult**, 7 dez. 2018b. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/a-politica-sexual-do-bolsonarismo/>. Acesso em: 21 abr. 2024.

RAMOS, Mozer de Miranda; CERQUEIRA-SANTOS, Elder. Afeminação, hipermasculinização e hierarquia. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 72, n. 1, p. 159-172, abr. 2020. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/arp/v72n1/11.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2024.

RETTICH, Juliana Silva; A cartografia como método: potências e devires para as práticas em análise do discurso. **Fórum Linguíst!co**, v. 17, n. 4, p. 5.429-5.441, out/dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/66402>. Acesso em: 25 nov. 2024.

RIAL, Carmen Silvia de Moraes; LISBOA, Teresa Kleba; ALMEIDA, Caroline Soares de (org.). **Interdisciplinar em Ciências Humanas**: o poder do espelho. 1. ed. Tubarão: Copiart, 2020.

ROCHA, João Cezar de Castro. Trump vence com projeto de fazer dos EUA uma 'Hungria que fala inglês'. [Entrevista concedida a] Fabíola Cidral e Tales Faria. **UOL News**, 6 nov. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6R-6bv3WiE>. Acesso em: 13 nov. 2024.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Bolsonarismo**: da guerra cultural ao terrorismo doméstico: retórica do ódio e dissonância cognitiva. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

ROCHA, João Cezar de Castro. Mídiosfera bolsonarista e dissonância cognitiva (4). **Rascunho**, Rio de Janeiro, ed. 261, jan. 2022. Disponível em: <https://rascunho.com.br/colunistas/nossa-america-nosso-tempo/midiosfera-bolsonarista-e-dissonancia-cognitiva-4/>. Acesso em: 10 abr. 2024.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio**: crônicas de um Brasil pós-político. Pós-fácio de Cláudio Ribeiro. 1 ed. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.

RUPP, Isadora. O que é teologia do domínio. E como ela aparece no Brasil. **Nexo**, 17 mar. 2024. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2024/03/17/teologia-do-dominio-o-que-e>. Acesso em: 21 abr. 2024.

SARDÁ-VIEIRA, Marcos. Utopia da diversidade como alternativa à cidade despótica masculinista. **Revista de Estudos de Cultura**, São Cristóvão, v. 10, n. 26, p. 225-241, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revec/article/view/21923>. Acesso em: 25 jan. 2025.

SARDÁ-VIEIRA, Marcos. Identidades contingentes e cultura material na pós-modernidade. **Revista Grifos**, Chapecó, v. 31, n. 55, p. 23-42, 2022a. Disponível em: <https://doi.org/10.22295/grifos.v31i55.6135>. Acesso em: 17 abr. 2024.

SARDÁ-VIEIRA, Marcos. Errância, devir *queer* e transição espacial nas ruas de Berlim. **Revista Fragmentos de Cultura** - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas, v. 32, n. 3, p. 512-525, 2022b. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/12624>. Acesso em: 10 abr. 2024.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, n. 28, p. 19-54, jan. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100003>. Acesso em: 13 abr. 2024.

SILVA, Bruna Camilo de Souza Lima e. **Masculinismo**: misoginia e redes de ódio no contexto da radicalização política no Brasil. 2023. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

SOUSA, Natália. Heteroflexibilidade: orientação sexual válida ou homofobia internalizada? **AzMina**: Jornalismo e tecnologia pela igualdade de gênero. 8 de ago. 2024. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/heteroflexibilidade-orientacao-sexual-valida-ou-homofobia-internalizada/>. Acesso em: 22 nov. 2024.

SOUZA, Jessé. **O pobre de direita: a vingança dos bastardos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

SOUZA, Daniel Cerdeira de. Violência por Parceiro Íntimo Entre Homens que se Relacionam com Homens. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, p. 1-15, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/4YgBjzD5VQzv4vdYZcrGwyy/?lang=pt#>. Acesso em: 22 abr. 2024.

SOUZA, Daniel Cerdeira; RODRIGUES, Ingrid Mesquita; ARAÚJO NETTO, Demócrito Serrão. Chemsex entre HSH: revisão integrativa. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, [S. L.], v. 34, p. 1-29, 2023. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/1136. Acesso em: 22 abr. 2024.

STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Tradução: Karla Reis. Revisão técnica: Nilda Jacks. Porto Alegre: Penso, 2011.

STANLEY, Jason. 'O fascismo sempre tenta usar crises para alimentar a ideia de que você precisa de um líder forte', diz Jason Stanley. **The Intercept Brasil**, 27 mar. 2020. Entrevista concedida a Eduardo Roberto. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/03/27/coronavirus-jason-stanley-fascismo-crises/>. Acesso em: 12 abr. 2024.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”**. Tradução Bruno Alexander. Porto Alegre: L&PM, 2019.

TIBURI, Marcia. Sexologia política. **Cult**, 7 dez. 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/dossie-sexologia-politica/>. Acesso em: 20 abr. 2024.

TRIGUEIRO, Gabriel Romero Lyra. Conservadorismo: perspectivas conceituais. **Revista Estudos Políticos**, v. 6, p. 86-107, 2015. Disponível em: https://periodicos.uff.br/revista_estudos_politicos/article/view/39782. Acesso em: 12 abr. 2024.

VEIGA, Edison. É verdade que a bíblia condena a homossexualidade? **BBC News Brasil**, 10 jun. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/crg7ezvjkgxo>. Acesso em: 21 abr. 2024.

VIEIRA, Marcos Sardá; GIORGI, Jonathan Frare; ROJESKI, Marvin Davi. Corpo, espaço e dissidências na urbanidade erechinense. **Pixo Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade**, v. 6, n. 21, p. 440-459, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/article/view/22310>. Acesso em: 24 nov. 2024.

VIETTA, Silvio. **Racionalidade – Uma história universal: cultura europeia e globalização**. Tradução Nélio Schneider. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2015.

VILARDAGA, Vicente. Autoridade doentia. **IstoÉ**, 24 jul. 2020. Disponível em: <https://istoe.com.br/autoridade-doentia/>. Acesso em: 09 abr. 2024.

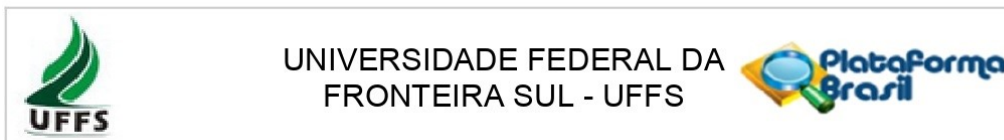
VINHAL, Gabriela. Exército gastou R\$ 3,5 milhões em 60 próteses penianas, mostram documentos. **CNN Brasil**, 12 abr. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/exercito-gastou-r-35-milhoes-em-60-proteses-penianas-mostram-documentos/> Acesso em: 13 jan. 2024.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/WTHZtPmvYdK8xxzF4RT4CzD/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 17 abr. 2024.

ŽIŽEK, Slavoj. Žižek: A eleição de Bolsonaro e a nova direita populista. **Blog da Boitempo**, 4 dez. 2018. Entrevista concedida a Artur Renzo. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2018/12/04/zizek-a-eleicao-de-bolsonaro-e-a-nova-direita-populista/>. Acesso em: 05 abr. 2024.

ANEXO A

Aprovação do projeto no Comitê de Ética em Pesquisa (cep) da UFFS



Continuação do Parecer: 6.110.327

Outros	Projeto_Pesquisa_MODIFICADO_28_Abr_2023.pdf	28/04/2023 18:07:36	MARCOS SARDA VIEIRA	Aceito
Outros	TCLE_MODIFICADO_28_Abr_2023.pdf	28/04/2023 18:07:05	MARCOS SARDA VIEIRA	Aceito
Outros	Carta_PendEncias_28_Abr_2023.pdf	28/04/2023 18:06:31	MARCOS SARDA VIEIRA	Aceito
Parecer Anterior	Parecer_Final_Aprovado_CONSUBSTANCIADO_CEP_3915580.pdf	24/02/2023 11:47:44	MARCOS SARDA VIEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Pesquisa_Detalhado_Fev_2023.pdf	23/02/2023 19:05:46	MARCOS SARDA VIEIRA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_Rosto_Fev_2023_ComAssinatura.pdf	23/02/2023 18:28:07	MARCOS SARDA VIEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_Consentimento_Livre_Esclarecido_ENTREVISTAS_Fev_2023.pdf	18/02/2023 19:45:19	MARCOS SARDA VIEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CHAPECO, 12 de Junho de 2023

Assinado por:

Renata dos Santos Rabello
(Coordenador(a))

Endereço: Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul - Bloco da Biblioteca - sala 310, 3º andar
Bairro: Área Rural **CEP:** 89.802-112
UF: SC **Município:** CHAPECO
Telefone: (49)2049-3745 **E-mail:** cep.uffs@uffs.edu.br

APÊNDICE A

Perguntas norteadoras para as conversas informais e entrevistas semiestruturadas

Título: Cartografia do Armário Expandido: discursos sobre masculinismo, sigilo homoerótico e ideologia de extrema-direita

Objetivo Geral: Compreender possíveis negociações e contradições de identificação e desumanização com o ideário político atual (entre progressistas e conservadores) na formação de perfis masculinistas, através da vida de homens cis-heterossexuais diante de seus desejos sexuais/afetivos por outros homens, no contexto regional da Fronteira Sul rio-grandense.

Designação dos blocos	Objetivos específicos	Formulário de perguntas	Duração
Bloco 1: Introdutório	Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado.	Informar o entrevistado sobre o trabalho de investigação a ser desenvolvido; Declarar a importância de seu depoimento para o sucesso da pesquisa; Certificar o entrevistado da confidencialidade das suas informações; Solicitar sua autorização para citar, no todo ou em partes, trechos do seu depoimento.	De 5 a 10 minutos
Bloco 2: Identificação	Identificar o entrevistado.	Pedir ao entrevistado que informe seu estado civil, trabalho profissional, estudos, redes de amizades, entre outras atividades cotidianas na cidade em questão.	De 5 a 10 minutos
Bloco 3: Experiências homoeróticas	Conhecer o discernimento do entrevistado em relação a sua constituição de subjetividades a partir de suas experiências íntimas e sigilosas com outros homens.	Indagar o/a entrevistado/a sobre a origem de suas vivências homoeróticas e como se mantém; Solicitar informações sobre a conciliação de sua vida íntima nesses encontros com sua vida pública e social; Questionar sobre suas intenções futuras diante do que já vivenciou; Enfim, questionar como o entrevistado observa a condição de vida de seus interlocutores, sejam identidades sigilosas ou assumidamente dissidentes.	De 10 a 15 minutos
Bloco 4: Identificação político-ideológico	Conhecer as concepções políticas e ideológicas do entrevistado diante do contexto atual de polaridade e representação masculina entre grupos bolsonaristas;	Pedir que o entrevistado defina a sua posição política; Solicitar que o entrevistado opine sobre política de esquerda e de direita; Pedir que o entrevistado analise as aproximações e os distanciamentos	De 10 a 15 minutos

Designação dos blocos	Objetivos específicos	Formulário de perguntas	Duração
	Deixar claro que suas opiniões não serão julgadas ou contra-argumentadas e que o interesse é ouvir o seu relato, independentemente de seu entendimento e viés ideológico.	existentes entre os diferentes grupos políticos atuais; Questionar o entrevistado sobre as possíveis dificuldades que encontra no seu posicionamento político-ideológico; Solicitar que exponha o motivo de sua identificação com determinados representantes políticos aos quais se identifica.	

APÊNDICE B

Imagens apresentadas na defesa da Dissertação



Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Erechim
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas
Defesa da Dissertação; Orientadora: Dr^a Ivone Maria Mendes Silva
Profas/es: Dr^a Adriana Richter; Dr^a Paula Vanessa de Faria Lindo;
Dr. Douglas Santos Alves; Dr. Carlos Frederico Bustamante Pontes.

Cartografia do Armário Expandido: discursos sobre masculinismo, sigilo homoerótico e ideologia da extrema-direita

Marcos Sardá Vieira

Quarta-feira, 11 de dezembro – 2024

Defesa da Dissertação

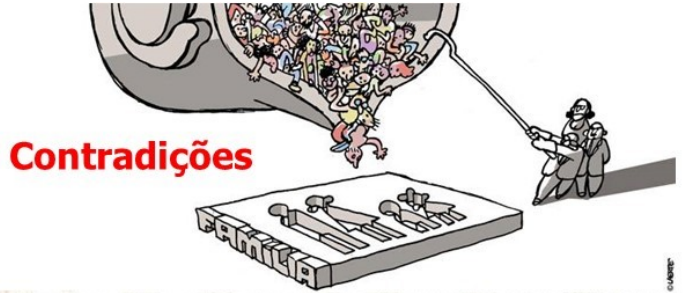


Masculinidade como campo de disputas

This collage explores the concept of masculinity as a field of conflict. It features several key elements: a black and white photograph of a bodybuilder in a dark singlet; three men in clerical attire covering their eyes; a man in a bull costume holding an American flag; a pink cartoon of a muscular woman; a saw with a blue male symbol; and two men in suits standing by a urinal. The images are interconnected by a network of lines and colored circles (purple, blue, pink).

Masculinismo na linha de frente

This collage focuses on traditional masculinity and gender roles. It includes: a man painting a muscular mannequin with a hammer; men in suits drinking; a man with a red prohibition sign over his face; and hands holding various clothing items like a shirt, shorts, and boots. The collage is set against a blue background.



Dispositivo do Armário Expandido

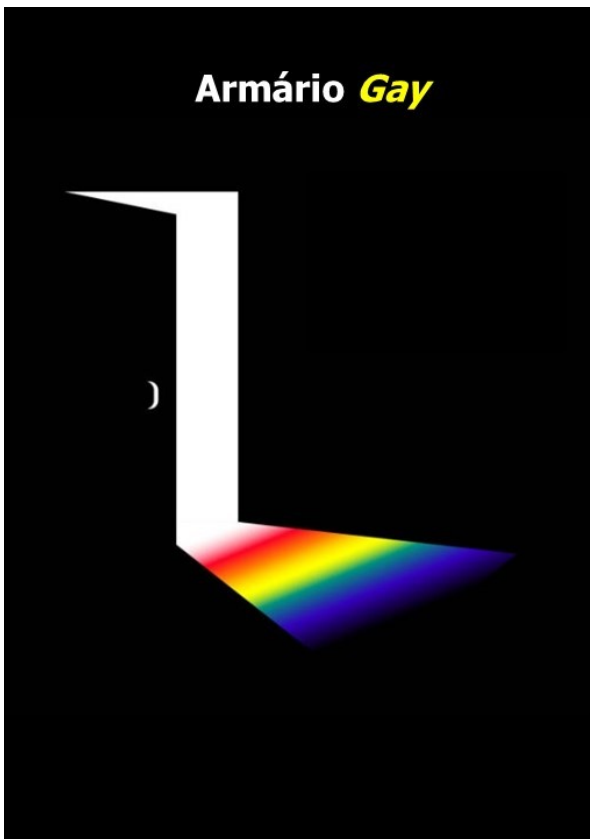




Homofobia



Armário *Gay*



Problemática

- 1 ▪ Qual a relevância do armário expandido enquanto dispositivo duplo, para pensar o campo de disputas políticas da atual guerra cultural a partir do discurso homofóbico recorrente, retomado por representantes masculinistas da extrema-direita?

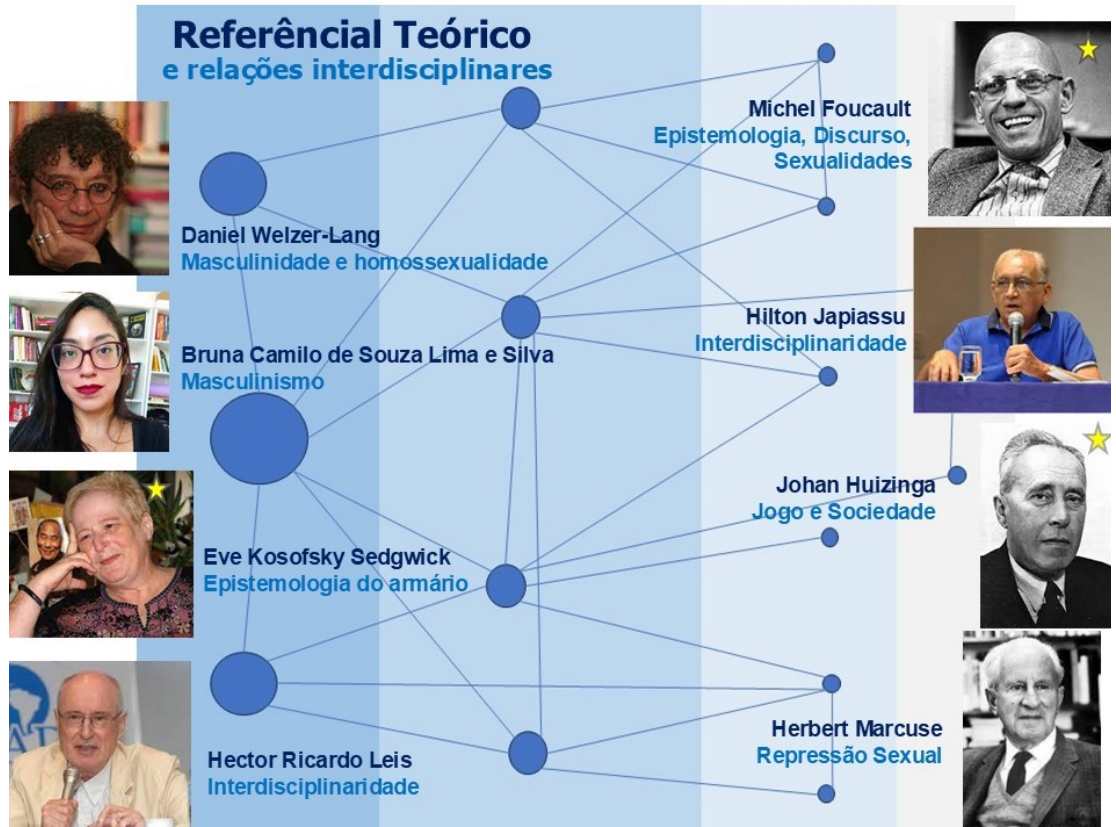


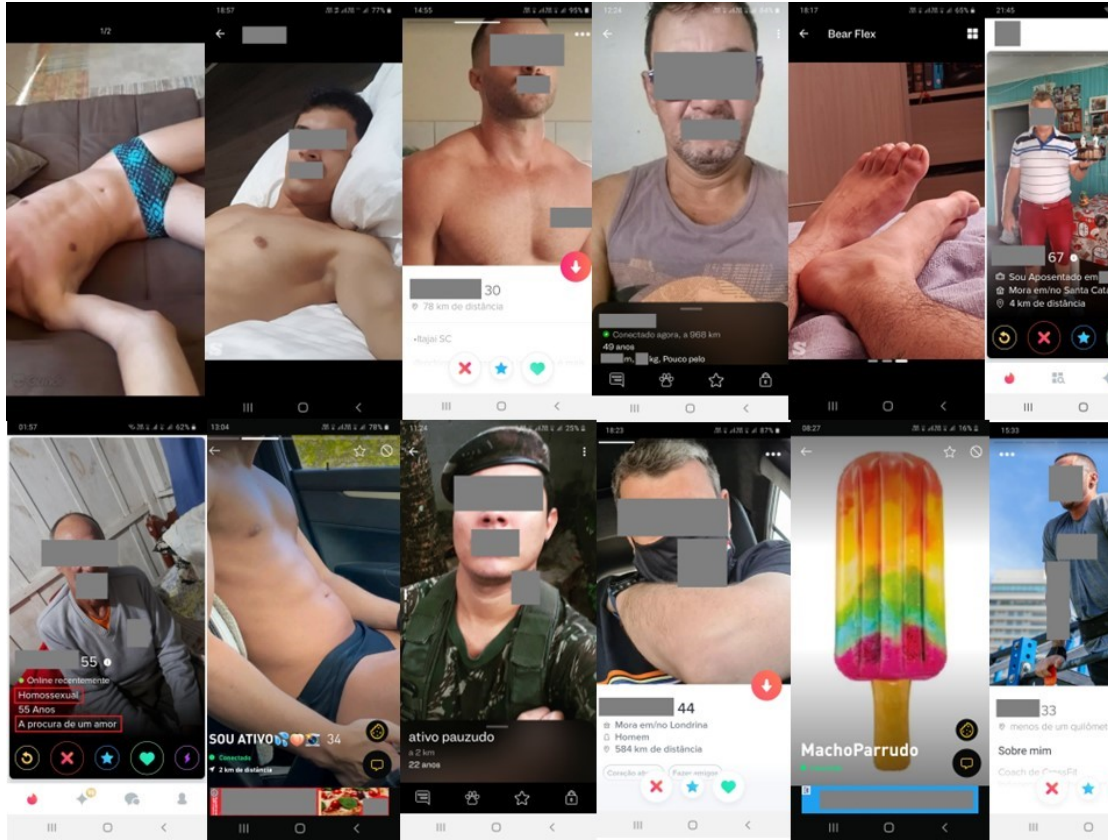
Problemática

- 2 ▪ Que sujeitos estão implicados nesta condição do armário expandido e quais códigos e comportamentos tornam toleráveis suas mentiras, enquanto outros são destituídos deste jogo heterocispatricarcal por questionarem suas regras?









Hierarquia Masculina de **representação?**

*Sistema de valores
Hegemonia X Marginalidade*

- | | |
|--------------------------|-----------------|
| Tecnológico | • Operacional |
| Culto | • Ignorante |
| Hegemônico | • Marginal |
| Caucasiano/Branco | • Mestiço/Preto |
| Magro | • Gordo |
| Forte | • Fraco |
| Jovem | • Velho |
| Heterossexual | • Homossexual |
| Cisgênero | • Transgênero |
| Rico | • Pobre |
| Líder | • Subordinado |
| Viril | • Delicado |
| Agressivo | • Pacífico |
| • •• | • •• |




- A HSH ▾ Cisgênero (Transgênero)
- B bissexual ◦ hetero ◦ (g0y) ◦ gay ◦ queer
- C pardo ◦ preto ◦ latino ◦ branco ◦ indígena ◦ outras etnias
- D passivo ◦ versátil ◦ ativo ◦ gounie ◦ assexual
- E casado ◦ sigilo ◦ discreto ◦ assumido ◦ solteiro ◦ afeminado

Camisinhas

O que eu faço
 Faço tudo que se enquadre naquilo que considero normal. Não fumo, não uso drogas, não curto nudes e tampouco Garotos de Programa. Bebo de forma social. Há pessoas que não entendem e tampouco respeitam, mas o silêncio é uma resposta. Sem WhatsApp. Sem foto, sem papo.

O que procuro
 O inesperado. Algo real e seguro. SEM NUDES. Discrição sempre. Não importa onde. Não sou e não curto afeminados; respeito, mas não curto. Elimine a pergunta curte o quê? Ela é desnecessária e brochante. Ame o próximo porque o anterior a gente sabe que não deu

Eu 44 anos, , sou H solteiro, discreto. Totalmente espiritualizado. 1.80 96kg
 Quero conhecer alguém e fazer o 202 melhor.
 Não busco aventuras, não tenho interesse em pessoas materialistas e dependentes.
 Não tenho politico de estimação. Sem lulistas ou bolsopetista perto de mim 🙏
 Sou Homem ▾ com todas as características e voz de H busco H semelhante que seja ▴ ▾.

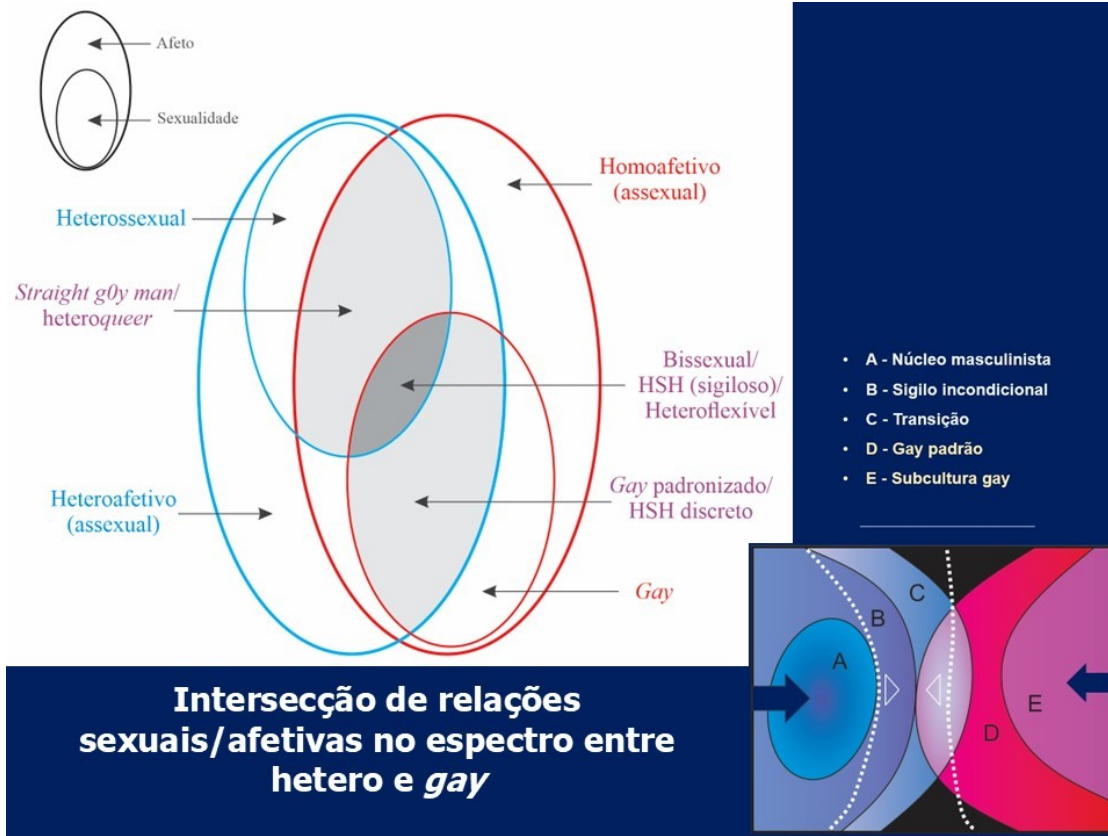
27
 64 km de distância

Sobre
 Hmm, jogo rápido!
 Sou homem atraente outro h algo em sigilo

Conversas Informais

Identificação*	Cidade de contato	Faixa de Idade	Raça/Cor	Encontro presencial?	Estado Civil	Profissão	Orientação política/ideológica	Orientação Sexual	Prática Sexual
Contato 01	Chapecó/SC	42-46	Branco	Sim	Solteiro	Professor	Direita	Gay	Ativo
Contato 02	Chapecó/SC	50-55	Branco	Sim	Casado**	Servidor	Extrema-direita	Heterossexual	Passivo
Contato 03	Erechim/RS	50-54	Branco	Sim	Separado	Operário	Indefinido***	Bissexual	Ativo/Versátil
Contato 04	Erechim/RS	55-65	Pardo	Sim	Separado	Consultor de empresas	Extrema-direita	Heterossexual	Ativo/Versátil
Contato 05	Erechim/RS	35-40	Branco	Não	Casado**	Suporte de tecnologia	Indefinido***	Bissexual	Ativo
Contato 06	Erechim/RS	45-55	Branco	Sim	Separado	Vigilante	Indefinido***	Bissexual	Versátil
Contato 07	Erechim/RS	50-60	Branco	Sim	Solteiro	Artesão	Indefinido***	Heterossexual	Ativo
Contato 08	Erechim/RS	55-60	Branco	Sim	Casado**	Empresário	Direita	Heterossexual	Ativo/Versátil
Contato 09	Erechim/RS	35-40	Branco	Não	Solteiro	Artista	Indefinido***	Gay	Ativo/Versátil
Contato 10	Chapecó/SC	55-60	Branco	Sim	Casado**	Empresário	Direita	Heterossexual	Ativo
Contato 11	Concórdia/SC	40-45	Branco	Sim	Casado**	Motorista	Indefinido***	Heterossexual	Ativo/Versátil
Contato 12	Caxias do Sul/RS	35-40	Branco	Sim	Casado**	Vendedor	Extrema-direita	Bissexual	Passivo
Contato 13	São José/SC	35-40	Branco	Sim	Solteiro	Empresário	Direita	Gay	Ativo/Versátil
Contato 14	Florianópolis/SC	50-55	Pardo	Não	Casado**	Militar	Indefinido***	Heterossexual	Ativo
Contato 15	Erechim/RS	55-65	Branco	Sim	Casado**	Servidor	Esquerda	Heterossexual	Ativo/Versátil

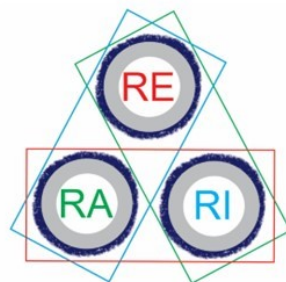
* Identificação: os nomes reais ou autodenominados não são identificados nesta pesquisa.
 ** Casado: a indicação "casado" em todos os casos refere-se a uma relação estável, monogâmica e heterocisnormativa.
 *** Indefinido: quando não houve resposta ou esclarecimento do interlocutor para esta informação de orientação política/ideológica.



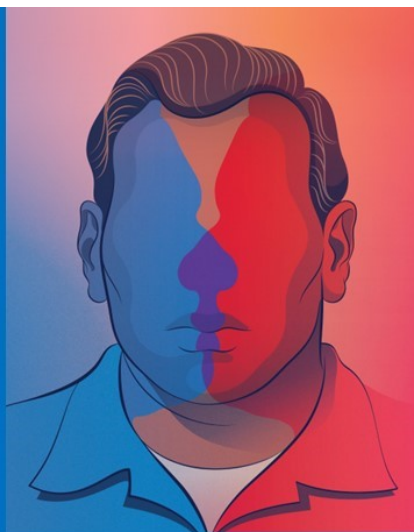
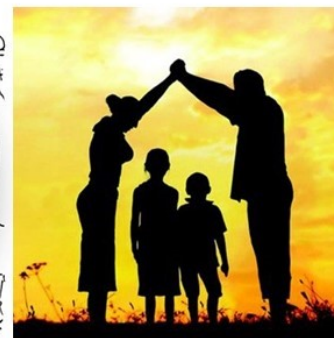
Entrevistas

Entrevista	1	2	3
Nome fictício	Rafael	Renato	Ricardo
Local onde mora	Erechim	Chapecó	Passo Fundo
Faixa de idade	45-50	50-55	50-55
Raça/Cor	Negro	Branco	Branco
Escolaridade	Mestrado	Especialização	Graduação
Atividade profissional	Instrutor técnico	Professor	Profissional liberal
Estado civil	Casado*	Divorciado**	Divorciado**
Com quem mora	Família	Sozinho	Sozinho
Religião	Católico	Católico	Católico praticante
Orientação política	Esquerda	Esquerda	Centro moderado
Orientação sexual	Heterossexual	Bissexual	Gay
Prática sexual HSH	Passivo	Ativo	Ativo
Data da entrevista	25/agosto/2023	8/dezembro/2023	13/dezembro/2023
Duração	01:05:04	01:04:44	00:54:19

* Casado: em relação estável, monogâmica, com filhos e heterocisnormativa.
 ** Divorciado: de relação estável, monogâmica, com filhos e heterocisnormativa.



Conclusão



Dissertação:

Cartografia do Armário Expandido: discursos sobre masculinismo, sigilo homoerótico e ideologia de extrema-direita

Marcos Sardá Vieira

